A. Marceu

FINAL DOS TEMPOS
PROJETO TERRA

09/91
R

FINAL DOS TEMPOS
PROJETO TERRA

FINAL DOS TEMPOS
PROJETO TERRA

A. Marceu

FINAL DOS TEMPOS
PROJETO TERRA

edições populares

Mas a mobilização não envolve apenas os círculos científicos. Os artistas, sobretudo os homens de letras, os poetas e prosadores, também se alçam a manifestos literários criando, dentro do seu universo cultural, um lugar-ao-sol ao novel fenômeno.

Vem sendo assim desde 1950, com o desabrochar da problemática "disco-voador". Muito se escreveu desde então, nesta trintena de anos. Mas poucos ousaram empregar o tema como veículo literário de crítica social. (Em geral, os autores fizeram ficção científica, não ficção-social.)

Jung, nos idos de 1960, o fez segundo a ótica psicanalítica. Entre nós, o grande e inesquecível Cassiano Ricardo mesclou, em arrojados versos, Astronáutica e Ufologia . . .

O Autor deste livro agora o faz no plano ídeo-sociológico. Porém, não apenas isso, pois, ao fluxo da narrativa, sempre atraente, incorpora, despretenciosamente, mini-ensaios diversos. De Etnografia dos terráqueos, pelo ângulo não-terráqueo. De Metafísica do espinhoso dilema livre arbítrio/determinismo. De Política, de Etologia . . .

Esta pequena obra, por tudo isso e mais o prazer a que conduz o leitor, merece ser lida inclusive pelo público de outras falas . . . Urge mandar editá-la nos States e em Paris. Uma contribuição brasileira às letras ufológicas internacionais!

Entrementes, recomendo-a à inteligência e à sensibilidade de todos os aficionados ou desafetos do tema DV.

Professor Flávio Pereira
Setembro de 1980

Capa: Quadro a óleo pintado pelo Autor, em dezembro de 1969.

Nesta época ele tentou, ao retratar as suas próprias mãos, representar o homem em posição de busca, esforçando-se para alcançar o contato com Deus ou o Divino, cujo caminho está dentro de si próprio.

A obra foi pintada em quatro cores básicas, misturadas entre si. Duas delas, que representam o Divino, dispostas na forma de labirinto ou enigma, não foram misturadas, apresentando-se puras: a amarela e a azul. Nos braços e mãos do homem encontram-se essas cores em pequenas partículas; o intuito do autor foi mostrar que há, em todo homem, a centelha divina.

As mãos (o homem) não conseguem tocar as cores puras (O Divino); percebe a sua presença, tem mesmo a oportunidade de sentir a sua existência e proximidade, mas é impedido de um maior contato pela vaidade e egoísmo, inerente em suas atitudes, pensamentos básico de grande efeito, representado pela

Sem nomear a nenhuma, agradeço sinceramente às pessoas que conheci, ou que escreveram livros que li, enfim a todos que contribuíram para que eu tivesse acesso a esse tipo de informações e ensinamentos.

Neste despretensioso livro coloco, da melhor maneira que soube fazer, a minha mensagem, na esperança de que, dessa forma, possa eu igualmente ser útil a algum dos leitores.

Caro amigo Flávio

Aí estão os relatos que você esperava, com os acontecimentos e informações em geral, de tudo aquilo que pude captar nesse lugar. Pelo que aprendi a respeito "deles", acredito que cumprirão a palavra que me deram, de levar-lhe os manuscritos, os quais, espero, sejam de utilidade para todos vocês aí do "outro lado". Não tenho saudades de nada daí, com exceção da de vocês, meus poucos companheiros, a quem envio o meu grande, carinhoso e último abraço.

Marceu

Serenamente, cheguei ao local do encontro. Afinal, não seria esta a primeira, mas sim a segunda viagem que eu faria em uma nave espacial, e o local para onde iríamos poderia ser o mesmo que eu já visitara naquela primeira vez em que viajara com *eles*. Entretanto, sentia agora uma ansiedade maior, se bem que me encontrasse mais calmo, talvez por não se tratar do "desconhecido" total, e, certamente, porque foi conscientemente que concordei em ir com *eles*, mesmo sabendo que seria para nunca mais voltar à Terra.

Num instante, rememorei os acontecimentos anteriores que culminaram com esta minha situação presente – a de passageiro em uma viagem sem volta, para um outro mundo.

O local de todos os nossos encontros anteriores fora sempre este mesmo. Já se haviam passado três anos desde o dia em que nos propusemos a fazer, a princípio, simplesmente o avistamento de uma nave espacial ou disco voador, quando, então, formamos um grupo de amigos, todos interessados em conseguir o mesmo intento. Inicialmente, foram apenas luzes distantes que nos faziam supor a presença próxima das naves com as quais nos contactaríamos – se merecêssemos tal aproximação, pensávamos nós, desde as primeiras "manifestações" de nossos

"visitantes". Nosso grupo era composto de nove pessoas, havendo entre elas, é claro, uma sensitiva, d. Helena, notável por sua capacidade paranormal e, ainda mais, pela humildade, compreensão e dedicação altruísta com que pautava também a sua vida exterior. Sem uma pessoa assim, dotada de tais poderes sensitivos, não teríamos conseguido os "contactos". Era o que supúnhamos quando resolvemos nos reunir e, posteriormente, constatamos ser essa, uma verdade.

Os demais eram, como eu, pessoas comuns que se dedicavam à empreitada que tinha por meta principal o próprio desenvolvimento interior, e não, como costuma ser comum a esse tipo de grupos, a curiosidade, baseada mais na vaidade de serem diferentes ou deferenciados.

Nesses três anos de convivência não veiculamos a ninguém, fora do nosso grupo, a respeito dos contatos e das experiências, de modo que isso, hoje, me confirma a certeza que tinha de nosso propósito maior, ajustado.

Com o passar do tempo, depois das primeiras aparições daquelas luzes, paradas à distância, começamos a enxergá-las em outras ocasiões mais próximas, passantes, às vezes amarelas ou vermelhas, e raramente verdes. Depois de alguns meses dessas aparições, vimos, pela primeira vez, uma luz que emanava da Terra, com seu foco voltado para cima. Exultamos com a possibilidade de que eles houvessem pousado pela primeira vez, próximo de nosso acampamento. Depois, por meses seguidos, após a noite do primeiro pouso, tivemos a graça de ser contemplados, inúmeras vezes, com a visita *deles* mas em maior número de veículos, transformando-se então num verdadeiro espetáculo dinâmico e fulgurante. Por vezes, desciam ao solo, não muito longe de nós, focalizando seus fachos para cima – um, dois, três, até seis fachos simultâneos, um de cada nave, iluminando em direção ao céu, extasiando-nos.

Em minha memória, ficou indelevelmente marcada a ocasião em que assistimos a outro espetáculo diferente. Foi quando um desses fachos, de repente, transformou-se como que em uma estrela brilhante bem no final de seu alcance luminoso e, em outra ocasião, noites após, um mês talvez, apareceram mais de um, até mesmo seis fachos com estrelas no final, de cor branca muito clara, separadas por distâncias que variavam de 100 a 2 ou 3.000 metros umas das outras, todas partindo do solo,

dando-nos a certeza de que várias naves estavam pousadas na Terra, com suas luzes apontadas em direção ao céu.

Ali, enquanto aguardava, estático, junto de minhas duas grandes malas de viagem, lembrei-me também da mais incrível das visões que tivemos. Fora numa dessas referidas noites em que nos visitaram e fizeram com que um dos fachos de luz se curvasse a partir de sua extremidade até formar, com o prolongamento todo da luz, um grande "U" de cabeça para baixo. E o mais emocionante foi que isso aconteceu a uma distância de apenas uns 60 metros do nosso posto de observação. Esse imenso "U" permaneceu durante longo tempo, pois que assim também ficamos, como que paralisados pela surpresa e, sobretudo, pela constatação de um fato que atentava contra a *nossa* conhecida lei de ótica.

Bem depois dessas aparições luminosas, e quase dois anos após a data em que iniciamos o nosso projeto, é que tivemos a oportunidade da primeira visão de uma nave espacial pousada no solo. Estava bem à nossa frente, abaixo um pouco, no vale, a uns 500 metros de distância. O alvorecer já estava próximo e não havíamos descansado desde as primeiras horas da noite anterior, por causa do avizinhamento e das repetidas passagens das naves, em vôos rasantes ou não, mas sempre bem perto do nosso ponto de avistamento.

Nessa noite, por vezes víamos uma nave, ora duas ou três, juntas, que passavam bem visíveis, ora próximas, ora distantes: passavam, paravam e, constantemente, também ficavam estáticas a meia altura do solo, onde chegavam a permanecer por quase meia hora. Foi um verdadeiro desfile de naves a noite toda, prendendo nossa atenção continuadamente, dado o pequeno intervalo de quinze minutos aproximadamente entre uma aparição e outra. Em nenhuma outra ocasião tivemos possibilidade de assistir a um espetáculo tão forte de emoções e de movimentação, que só culminou pela manhãzinha, aos primeiros raios de luz solar, com a magnífica visão de uma das naves, ali parada, ainda com as suas coloridas luzes acesas, em meio a uma névoa baixa que já se fazia presente.

Estávamos todos muito cansados, mas mesmo assim ficamos ali, imóveis por muito tempo, olhando fixamente para aquele objeto estranho; quietos, emocionados e agradecidos por participarmos daquele momento. De fato, tal visão fora "um grande final" para o espetáculo de tão intensas emoções.

Fui acordado desses devaneios e lembranças. Trouxe-me à realidade presente a aparição de um ponto luminoso no céu, que já me era tão familiar – eram *eles*, sem dúvida, e vinham para me buscar. Nesse momento, senti fisicamente a emoção da decisão que havia tomado, pois estava realmente muito nervoso, o que provocava uma aceleração acentuadíssima do batimento de meu coração.

Fiquei ali, inerte, até que a "minha" nave pousasse a uns 50 metros de distância. Então, como que acordando, saí correndo em sua direção, e fui tão depressa que por pouco chego antes da porta da nave se abrir, a despeito das duas pesadas malas que carregava como se fossem leves. Entrei, subi os degraus aos poucos e, uma vez lá dentro, instintivamente, olhei para o ponto onde estivera parado antes, consciente de que o fazia pela última vez.

Sem demonstrar ou sentir nenhum resquício de arrependimento, já no interior da nave, virei-me e saudei meus companheiros de bordo com autêntica alegria. Só conhecia um deles de nossos contactos anteriores, mas fiquei à vontade com o olhar e com os leves gestos amistosos dos outros dois tripulantes.

Partimos. Sentado onde estava, via a esquisita escotilha que já não me surpreendia, pois havia gravado bem a sua característica na outra curta viagem que fizera. Era como se fosse um espelho refletindo o interior da nave e não a paisagem de fora. Esse "espelho" parecia piscar em velocidade de milésimos por segundo, semelhante a um filme velado quando projetado em tela. Essa a impressão que me dava esse "piscar" da escotilha enigmática.

Após algum tempo, não sei bem quanto, pois adormeci pesadamente – acreditando, porém, terem se passado muitas horas, eis que meu relógio de pulso, já sem corda, estava parado –, chegamos ao nosso destino.

Pousamos. A porta se abriu sem o menor ruído. Repentinamente, fiquei muito contente, pois ali estava Zumiar, já meu conhecido, o qual certamente nos esperava. Saudei-o alegremente e ele me respondeu da mesma forma.

Estávamos no topo de um dos edifícios da cidade em que deveríamos ficar, pensava eu. Ao contrário do que supunha, não se tratava do mesmo local em que estivera apenas sobrevoando rapidamente quando da outra vez. Entretanto, não estava muito

certo disso, pois, possivelmente as cidades fossem semelhantes entre si. O mais provável era que fosse uma outra.

O material utilizado na construção do edifício em que pousamos logo me chamou a atenção, bem como o dos outros prédios adjacentes; a meu ver, eram todos como se feitos de cristal, porém não muito transparente, porque a espessura de suas paredes e pisos parecia ser bem mais grossa do que era a dos materiais tradicionais que eu conhecia. Várias cores tinham os componentes cristalinos usados nas construções em geral e também por isso mais se assemelhavam ao cristal. Eram azuis, brancos, amarelos, verdes, opacos ou translúcidos, enfim, toda a gama de cores de cristal que já conhecia e algumas em tons novos para mim, que intermediavam uma e outra, como a de um lindo tom de havana, que me chamou mais a atenção e muito me agradou. O seu brilho era também inusitado, vivo, belíssimo.

Da nave ao portal eram poucos metros. Em silêncio, andando lado a lado, meu já conhecido recepcionista e eu, ultrapassamos o portal; então, divisei um *hall* e uma rampa em declive, tudo parecendo ser do mesmo cristal. Descemos, sempre em silêncio. Uma profusão de luz vinha de fora, iluminando naturalmente, inclusive o interior do edifício, com magníficos reflexos de cores variadas. O efeito desse espectro de luzes é indescritível por meio de nossas palavras conhecidas.

No ar, comecei a ouvir uma envolvente música, muito suave, indefinível tanto na instrumentação quanto na linha melódica. Incrivelmente, para mim a música parecia ser produzida pela energia dos raios de luz quando atravessavam as paredes e os pisos do edifício.

Harmonia e paz era o que eu sentia. Uma paz imensa e total, provocada pela música, o perfume e pelas cores que nos envolviam. Foi uma sensação tão forte e tão absolutamente nova para mim mas, que ainda hoje se faz inenarrável.

Zumiar adiantou-se alguns passos à minha frente e aí parou. Estávamos diante de um portal que se abriu sem ruído, numa larga passagem. Entramos em uma grande sala, completamente despojada de quadros, tapetes, abajures ou quaisquer adornos decorativos conhecidos por nós.

Sentamo-nos em uma seção de poltronas próximas da entrada. De cor branca leitosa e de consistência extremamente agradável – como se fossem revestidas de pele finíssima – sem serem demasiadamente macias, as poltronas eram anatomica-

mente muito confortáveis, em *design* bastante simples e, aparentemente, sua estrutura interna era forte, a despeito de flexíveis ao peso.

Zumiar sentou-se à minha frente. A porta de passagem fechou-se atrás de nós, sem que ninguém a acionasse e também sem o menor ruído. O silêncio era total, com exceção daquela música envolvente que se fazia constante em todos os lugares por onde passávamos. Persistia em mim a impressão de que este som musical era causado pela passagem dos raios de luz natural através das paredes de cristal. Não sei até que ponto poderia estar certo. Apenas sentia que isso seria possível, lá. Nada perguntei a esse respeito, por enquanto, de modo que fica registrada somente uma suposição.

Por alguns segundos, ficamos olhando um para o outro, sem constrangimento ou mal estar de minha parte. Zumiar tinha o rosto e o olhar serenos. Seu corpo era do tipo humanóide e havia majestade em suas maneiras e em seu porte. Seus gestos eram tranqüilos. Aliás, a descrição de Zumiar serviria para qualquer dos habitantes do lugar, pois todos se parecem em aspecto, atitudes e até mesmo nas vestimentas, quase invariavelmente iguais, com exceção das cores. Até esse momento, não notara se havia mais de um sexo entre eles, pois os seres que tive oportunidade de ver ou que me foram apresentados pareciam semelhantes. Masculinos, supunha. Ocorreu-me perguntar a Zumiar, mas não achei que a hora fosse oportuna. Esboçando um sorriso, me perguntou:

– Então, como se sente?

– Bem, muito bem, tanto fisicamente como no resto.

Enquanto assim respondia, vi-me embaraçado, pois ia dizer "espiritualmente", em vez de "no resto". Mas, naquele momento, pareceu-me incorreto falar dessa forma e, em meio a frase, resolvi mudar, generalizando.

– Arrependido de ter vindo? perguntou-me ele, em seguida.

– Não, nem de leve. O que tenho é uma imensa curiosidade e, ao contrário, estou muito feliz por estar aqui. De certa forma, sinto-me afortunado com o fato.

– A sinceridade dessa revelação é uma boa característica sua e a curiosidade é em si explicável, pois tudo aqui é novo para você. Até mesmo o nosso sexo, não é?

Senti-me como se estivesse nu. Será que ele percebia o que eu pensava? Perguntei-me em silêncio, e ainda sem conseguir

dissimular meu repentino embaraço, respondi, um tanto titubeante:

– É, tenho uma curiosidade geral e ocorreu-me mesmo indagar sobre sexo, mas não achei que fosse oportuno, neste momento, fazer qualquer tipo de pergunta.

– Sim, falou-me sem se mover, vocês, humanos, não estão acostumados a pensar e falar coerentemente, mas isso, aqui, passará com o tempo, agora que as condições são outras. Com certeza, tudo ficará mais fácil para nós todos, pois, nas circunstâncias em que nos encontramos, não haverá para você a costumeira necessidade humana de se preocupar com o que vai falar ou com os seus pensamentos, frisou Zumiar, dado que você não mais terá intenções ou metas a cumprir. Entende o que lhe digo?

Sem me dar tempo para responder, continuou: – É como se, de agora em diante, você pudesse, de repente, pensar livremente e expressar-se dentro desta verdade, sem os freios que o limitavam habitualmente dentro de suas condições normais de vida na Terra.

Num átimo, ficou claro que eu, afinal, não estava na Terra. Tudo era real. Percebi claramente o que Zumiar me disse: que eu não mais teria que "lutar" para conquistar, nem dinheiro, nem posição, nem segurança ou sexo, nada. E que, logicamente, não seria mais preciso sofismar, esconder fraquezas ou desejos. Enfim, o diálogo da utopia total, o diálogo da verdade que Zumiar, há pouco, classificara de "coerente".

De repente, pareceu-me incrível não ter notado antes o quanto eu mentira em meus diálogos de até então. Praticamente só mentira. Diante disso, concluí cepticamente que minha vida não valera, pois dissimulara o tempo todo – agindo, pensando e falando com vistas, unicamente, a minhas aparentes ou veladas metas, desejos e emoções, como geralmente age o homem – e esse sentimento de "não valeu" foi tão profundo que achei ter vivido de modo irremediável e inteiramente inútil.

Estava ainda envolvido nesses pensamentos, quando me lembrei onde me encontrava naquele instante e imediatamente relaxei, aliviado, como se tivesse acabado de escapar de um acidente fatal. Sim, foi assim que me senti: a salvo!

Zumiar estava ali, com aquele sorriso apenas esboçado que me lembrava a famosa "Gioconda". Daí em diante, essa analogia entre o sorriso, igual neles todos, e o quadro famoso

não mais saiu de minha cabeça, todas as vezes que me acontecia vê-los assim, nessa atitude de riso um tanto reprimido.

– Calma, disse-me, as impressões o estão assaltando e você precisa estar preparado para percebê-las. Basta estar atento, o que também é outra condição rara para vocês, lá da Terra. Mas, aqui, isto também lhe será mais fácil e mais constante.

Passaram-se alguns silenciosos minutos até que Zumiar recomeçasse a falar, tranqüilamente:

– Para satisfazer sua primeira curiosidade, vou esclarecer-lhe que nós, aqui, não somos dotados de sexo algum. Este fato, por enquanto, talvez venha apenas complicar ainda mais o seu entendimento, mas, prometo que lhe explicarei melhor noutra oportunidade, então verá como é claro e simples. Agora, vamos, pois você deve estar com fome. Vai comer e depois falaremos novamente.

Sem que eu percebesse como, sem nenhum sinal ou movimento dele, a porta se abriu silenciosamente e Zumiar pôs-se de pé, no que eu o acompanhei. Depois, segui-lhe os passos docilmente. Entramos em outro salão com as paredes igualmente lisas, feitas do mesmo material cristalino; à nossa espera, lá estava uma mesa, em que, para minha surpresa, se encontravam utensílios e talheres iguais aos nossos, além de nossos costumeiros alimentos. Aparentemente, compunha-se a refeição de um copo de leite, um prato com salada e outro com um cozido que, à distância, me pareceu peixe ensopado.

Sentei-me. O silêncio continuava, interrompido apenas pela constante e agradável música. Vendo uma cestinha com pãezinhos, levantei a cabeça para olhar o rosto de Zumiar, que também me encarava. Achava-me aturdido. Como? pensei. *Eles* têm nossos mesmos hábitos de alimentação? Até mesmo o pão? Mas não falei. Estava demasiadamente surpreso. Foi ele quem falou:

– Coma. Os alimentos são seus velhos conhecidos, lá da Terra. Depois, certamente falaremos sobre isso. Mas antes, alimente-se em paz.

Via aqueles pratos e passou-me pela cabeça um pensamento Zen composto de cinco etapas, que costumava fazer nas horas de refeição, lá na Terra (quando não me esquecia) e que consistia em olhar para os alimentos e procurar imaginar a sua trajetória do prato até sua origem, passando por todas as fases,

retrocedendo. Assim, eu os via quando ainda na cozinha, no seu anterior transporte, até a horta onde foram colhidos (no caso das verduras), em seu crescimento, em seu plantio e, finalmente, quando ainda sementes, e sempre assim, fosse qual fosse a característica do alimento. No caso do pão, por exemplo, compunha no meu pensamento os seus ingredientes: a água, o sal, a farinha e, então, a fonte, o mar, o trigo, depois o padeiro, o forno, o comerciante, o rapaz da copa que o cortou e o garçon ou o serviçal que o colocou à minha frente, na mesa.

Mas ali, agora, diante dos alimentos tão meus conhecidos, não sabia como retroceder às etapas do ensinamento Zen. Parti desse ponto em diante, da simples existência desses alimentos, avaliando os meus méritos para recebê-los, lembrando-me da prece de agradecimento por estarem eles à minha disposição, bem como pela boa saúde para poder ingeri-los e, assim, continuar seguindo o "Caminho de Buda". Creio jamais ter feito esse pensamento tão contritamente quanto dessa vez. Sentia-me bem e estava tranqüilo como nunca estivera antes.

Comi com vagar e adotando esse procedimento captei outra sensação quase já esquecida – o sabor dos alimentos. Sentia-me "presente" como nunca, naquele momento.

Ainda nesse estado de atenção, estranhei quando levantei a tampa de uma pequena peça parecida a uma travessa, que estava sobre a mesinha que servia como aparador, ao meu lado, e vi a sobremesa: uma laranja picada à francesa, porém, sem o açúcar. Logo percebi porque – ao abrir a tampa do açucareiro, que estava cheio, notei que não se tratava de açúcar refinado e branco como o nosso, mas sim da espécie do açúcar mascavo. Terminando o almoço, tomei chá no lugar de café; como isso já era do meu hábito na Terra, não estranhei. Apesar de gostoso, o chá tinha um sabor desconhecido para mim.

Instantes após haver terminado, entrou Zumiar pela mesma passagem e ficou de pé, à minha frente. Levantei-me, também, e conversamos sobre os alimentos. Ele queria saber se estavam bem feitos, se eram do meu gosto etc., como se eu estivesse hospedado em casa de um parente ou amigo, lá na Terra. Apesar de intrigado, não fiz perguntas, nem demonstrei surpresa. Apenas, segui-o mais uma vez, para voltarmos à mesma sala em que tínhamos estado antes, só que agora passamos próximo às poltronas onde estivéramos sentados e dirigimo-nos mais além, onde havia uma espécie de escrivaninha ou balcão,

com poltronas dos dois lados. Obedecendo a uma ordem sua, feita com um gesto de braço, sentei-me. Zumiar deu a volta e sentou-se à minha frente, com o referido balcão nos separando. Olhamo-nos e logo ele me disse:

– Bem, vamos recapitular a nossa conversa e também os nossos contactos anteriores, quando ainda na Terra, e que culminaram com a sua vinda para cá. Assim, ficará mais fácil explicar-lhe, em seqüência, algumas das nossas razões, que lhe serão inteiramente novas, aos poucos saberá para que está aqui conosco, agora.

Falamos dos encontros anteriores, dos mesmos fatos de que me lembrava enquanto aguardava que fossem me buscar para esta viagem que me trouxe até aqui. Fomos recordando os nossos contactos e relacionamentos anteriores: avistamentos, luzes, até nosso primeiro colóquio, quando me vi à frente da grande nave em forma de disco, que estava lá, no vale, parada, com as luzes acesas, e esse mesmo Zumiar que havia saído de bordo e, de pé, imóvel, olhava para mim. Lembro-me que, também imóvel, fiz alguns sinais com as mãos, como que pedindo permissão para chegar mais perto. Porém, não obtendo nenhuma resposta, sem saber o que fazer, fiquei ainda algum tempo parado e então, timidamente, comecei a andar devagar, em direção à nave. Quando já bem próximo, com o coração aos pulos, divisei o rosto de Zumiar que, sereno, tranqüilo, me encorajava a caminhar mais, chegar mais e mais perto. Pensei que iria morrer, naquele dia. Acho que meu coração batia 200 vezes por minuto. As pernas tremiam e falseavam. À medida que me aproximava, ia me acalmando e, quase junto da nave, dava automaticamente os últimos dois ou três passos como num sonho, sem perceber. Estava hipnotizado. Como passarinho que caminha irresistivelmente em direção à boca da serpente, fui, assim assustado, chegando lentamente, cada vez mais perto.

Zumiar, lembro-me bem, ergueu vagarosamente seu braço esquerdo e tocou-me, na altura do bíceps de meu braço direito, pouco abaixo do ombro. Instantaneamente, senti-me calmo e tranqüilo, sorri e fiquei extasiado, estático, por um tempo indefinido. Depois, houve novos contactos, não mais com Zumiar, a quem só voltei a ver posteriormente, mas com outros dos seus. Nessas outras "visitas" já não podia mais contar com o apoio da presença de meus amigos do grupo, porque, semanas antes,

nossos visitantes extraterrenos pediram-me que, daquela noite em diante, comparecesse aos encontros sempre sozinho.

Quando recebemos essa ordem, houve muita relutância e desacordo de opiniões entre os do nosso grupo, mas não tínhamos alternativa. Se quiséssemos prosseguir com os contactos, teria que ser assim. Combinamos entre nós que meus companheiros ficariam a cinco quilômetros, aproximadamente, do local de encontros e que eu deveria estar lá realmente só, para recebê-los.

A princípio, havia muito medo de minha parte, mas depois da segunda vez em que os encontrei a sós, venci o receio e não mais me importei com esse fato. Impuseram, também, que meus companheiros voltassem ao local de encontros em dias em que eu não estivesse presente, pois, dali para a frente, os seus contactos se processariam, segundo entendi na época, de forma diferente, uma vez que a finalidade seria também diversa da que me estava reservada. Sei que até o momento de minha partida esses contactos entre eles e meus amigos continuavam a ser realizados sistematicamente.

Havia em Zumiar, como em seus semelhantes, uma característica constante – a de falarem sem movimentar as mãos ou a cabeça e nem mesmo se podia notar ruga ou esgar em seus rostos, sinais tão comuns em nós, humanos, quando conversamos. No início, o fato me provocara um certo mal-estar; com o passar do tempo, cultivei em mim mesmo a intenção de imitá-los, tendo verificado que isso me dava uma presença maior e mais firme e um aparente domínio de meu corpo pelo meu Eu verdadeiro. Então, o que neles era natural e constante, por imitação, fez com que me esforçasse em me tornar também sempre presente, aproveitando para tal exercício os nossos diálogos, toda vez que me lembrava de fazê-lo.

Lamentei que não tivesse "acordado" para esse fato antes, desperdiçando muitas oportunidades iguais; vivera como a maioria das pessoas, tenso, enrolado em minhas próprias divagações todo o tempo.

Em seguida, lembramos o dia do meu primeiro e curto passeio espacial. Contei-lhe, então, o medo que sentira na época, principalmente o receio de talvez não retornar mais à Terra, medo esse que agora me parecia ridículo. Naquela ocasião, o passeio tinha sido muito rápido. Sei disso, porque do momento em que partimos até a nossa chegada à cidade de cristal (que

apenas sobrevoamos) e volta ao ponto inicial não se passara toda a noite, aqui na Terra, e só quando estava novamente em meu jipe, de retorno para casa, é que começou a amanhecer.

Naquela manhã, emocionado pelo convite que me haviam feito, de ir-me de vez, não consegui dormir. Deram-me o prazo de 30 dias para solucionar meus problemas na Terra, onde deveria deixar tudo em perfeita ordem, uma vez que não poderia, de forma nenhuma, conforme o pactuado, retornar mais. Deveria comparecer dentro dos 30 dias, sempre sozinho, no lugar de nossos encontros, pronto para ir e não mais voltar, rumo a planeta desconhecido pelos homens. Esta foi a única indicação que me fora dado saber e eu aceitara.

A única coisa que lhes pedira, naquela ocasião, foi a de fazer chegar às mãos do amigo Flávio, na Terra, este manuscrito, sem que sofresse qualquer tipo de censura por parte deles e no prazo de um mês após a minha partida. Acho que no momento em que fiz tal pedido, enfatizara bastante ao falar, talvez mais do que o necessário, como se duvidasse que eles cumprissem o prometido. Penso que Zumiar percebeu minha desconfiança, porém, não se molestou, não respondeu coisa alguma, apenas aceitando esse compromisso de maneira formal, o que me tranqüilizou e deu-me a certeza de que cumpririam.

Lembrei-me então, um tanto envergonhado, de suas palavras durante o nosso diálogo de há pouco, quando aqui chegáramos, discorrendo sobre a verdade, e não tive mais as mesmas dúvidas. Só a vergonha de ter duvidado.

Houve pequena pausa em nossa conversação, que foi quebrada com a sua voz um tanto grave, dizendo:

– Agora, estamos aqui, e na expectativa de satisfazer parcialmente sua curiosidade inicial, vou explicar-lhe algumas razões e expor algumas situações a "nosso respeito".

Com grande expectativa, eu era todo ouvidos, todo atenção. Zumiar continuou falando calmamente, como sempre, sem alterar a entonação de sua voz, que era muito agradável.

É-me difícil satisfazer rapidamente toda a sua curiosidade, pois ela se divide em vários setores e isto é aceitável, porque você está agora em posição, local e situação absolutamente novos e, não inteiramente presumíveis. Mas, de qualquer forma, vou começar por onde julgo ser a base, ou melhor, vou começar pelo homem, e pelo homem quero dizer por você, isto é, vocês.

Saiba, em primeiro lugar, que você não é o único terráqueo a nos fazer companhia aqui em nosso planeta.

Lembro-me que recebi esta informação com certa alegria. Por melhor que me sentisse lá e gostasse *deles*, achei-me um tanto amparado com a notícia de presença próxima de outros seres iguais a mim, mas limitei-me a olhar para ele sem dizer nenhuma palavra. – Bem, continuou Zumiar, creio que o melhor que poderemos fazer, para ir aos poucos saciando sua curiosidade, será vistitá-los imediatamente, pois, no local onde eles estão, você obterá também uma explicação que estou lhe devendo desde a hora do almoço, sobre a espécie de alimentos que você tanto estranhou achar em nosso planeta.

Dizendo isso, levantou-se, no que eu o acompanhei a comando do gesto que fez com a mão e segui-o, assim que começou a andar em direção à saída da sala.

Realmente, as coisas iam acontecendo muito rapidamente, ou assim me parecia, por serem as situações tão absolutamente novas para mim.

No corredor, entramos em um *hall* redondo, cujo teto era também ovalado, com duas rampas de acesso, uma que subia e outra que descia. Tomamos a que descia e, após alguns poucos metros, saímos pela primeira vez do prédio onde estivéramos desde que eu havia chegado. Então, pude ver panoramicamente toda a paisagem que era inteiramente nova para mim, mesmo recorrendo à minha memória da viagem que fizera antes sobrevoando a outra cidade "deles", ou mesmo puxando pela minha imaginação.

O prédio do qual havíamos saído era baixo e muito comprido, pois eu não conseguia ver as suas extremidades, mesmo porque a sua forma era curva, e nós, presumo, estávamos localizados, antes, mais ou menos no centro dele. Havia uma grande distância entre o prédio do qual saíramos e os outros edifícios da cidade. Suas alturas e comprimentos eram variáveis, bem como suas formas. Não sei porque, eu supusera que fossem de formas harmônicas. A atmosfera era muito leve, apesar de não enxergar nenhum vegetal, mas não havia nenhum sinal de veículos ou de qualquer fumaça ou poeira. O material do piso da "rua" era igual ao dos edifícios, espécie de cristal, em cores variadas. O fato de não ver árvores foi o que mais me chamou a atenção naquele primeiro contacto com o exterior.

Caminhamos em direção ao meio da grande praça, à nossa

frente. Vi, então, uma coisa que se movia bem mais adiante, como se fosse uma esteira rolante. A distância, parecia ter a forma de um triângulo, mas acima do nível do solo. Estávamos um tanto distantes; ao nos aproximarmos, verifiquei que a forma não era a do triângulo, e sim a do trapézio. Realmente parecia ser uma esteira rolante, que se movimentava em um só sentido, da esquerda para a direita. Zumiar parou à minha frente, bem próximo de tal "esteira", que era bem larga e que rolava lentamente, com a velocidade aproximada de uma das escadas rolantes da Terra. Dizendo que o imitasse, colocou um dos pés sobre a beira da esteira, em seguida pôs o outro e, assim, de pé, começou a se afastar, lentamente. Antes de dar o passo, pegara em uma espécie de porta-guarda-chuvas que estava fixado ao solo, junto de onde havíamos parado. Coisa parecida com bengala dupla ou, melhor explicando, como se fossem duas bengalas juntas emendadas pelos seus cabos, formando uma Letra "U" de cabeça para baixo, com mais ou menos 1,20 metros cada perna, e no meio delas, interligando-as, uma haste de uns 50 centímetros. Imediatamente, obedeci sua ordem e acompanhei-o. Peguei também uma daquelas bengalas e subi da mesma forma na esteira, bem atrás dele.

À minha frente, Zumiar, como se fizesse para que eu visse e aprendesse, encaixou as duas pontas de sua bengala dupla em um dos pares de furos que havia por toda a superfície da esteira, com intervalos de uns dois metros de distância uns dos outros. Imitei-o, de modo a ficar afastado de Zumiar uns quatro metros, pois havia um par de buracos entre ele e eu que não fora ocupado com a bengala. Agindo desta forma, segurando-a, sentia-me com o corpo apoiado, e no mesmo instante em que calquei a bengala dupla nos orifícios, como por mágica, elevou-se da própria esteira, desdobrando-se automaticamente, um pequeno banco para apoiar-me por trás. Zumiar virou seu rosto para mim e viu que eu me havia saído bem, pois estava como ele, com as duas mãos na bengala e também sentado no banquinho de apoio.

Notei que aos poucos a esteira se desviara para a esquerda, em direção ao ponto mais alto do "trapézio", em leve inclinação e correndo sobre uma esteira maior, plana, que se movia por baixo daquela em que nos encontrávamos. À medida em que virávamos para a esquerda, lentamente, íamos também para a frente e um pouco mais depressa. Assim fomos, num crescendo

de velocidade e de elevação, até ficarmos no centro do "trapézio", e não do triângulo como me parecera à distância. A essa altura, a velocidade já era de mais ou menos vinte quilômetros por hora. Seguimos dessa forma por uns quinze ou vinte minutos, até que Zumiar fez-me um sinal para ficar de pé e quando o fiz, ele também se levantou, apoiando-se somente na bengala. Quando me levantei, o banco de apoio desceu lentamente, fazendo-me crer que seu mecanismo estaria ligado à pressão do peso que exerciamos sobre ele, uma vez que, ao me levantar, depois de uns segundos, ele começou a se recolher. Provavelmente, esse mesmo mecanismo fez com que deslizássemos lenta e gradativamente para a direita, até ficarmos em uma posição de descida, com a esteira deslizando em sua periferia naquela mesma velocidade mínima, igual àquela de quando a apanhamos. Zumiar fez um sinal e desceu. Eu também desci, entendendo que, como ele, deveria carregar comigo a bengala dupla.

Ao descer, colocou sua bengala noutro porta-bengalas, igualmente fixado à disposição, próximo ao lugar em que paramos, no que o imitei. Deduzi que a cada tantos metros, talvez uns cem, haveria um porta-bengalas para uso dos eventuais passageiros.

A esteira fazia um leve ruído, quase imperceptível, pois só no momento em que já havia descido é que me dera conta do barulho.

O peso da bengala intrigou-me um pouco, pois seu material tinha as mesmas características do alumínio, porém, era translúcido.

Virei-me para a direita. Vegetação abundante, iniciando-se a uma distância de uns cem metros de onde estávamos; o solo, poucos metros acima, parecia ser de terra. Zumiar começou a andar e eu o segui em direção ao verde que se estendia por muitos alqueires, formando um lindo vale. À medida em que fomos chegando mais próximos do ponto mais alto, observei no fundo do vale, um imenso lago, de águas claras e límpidas. À direita, no alto, em um planalto, um agrupamento de pequenas construções parecendo uma pequena cidade ou, mais precisamente, uma vila, mas, apesar das características do estilo e da construção serem as mesmas das da Terra, o seu material deveria ser aparentemente do mesmo cristal. A vegetação era composta de árvores frutíferas e verduras diversas, quase todas já conhecidas por mim, da Terra. Deduzi, então, de onde viera o meu alimento

que há pouco me servira e percebi, obviamente, que deste lago viera o peixe que também acabara de comer.

Algumas pessoas iguais a nós, humanos, movimentavam-se, tanto em meio às plantações, como na cidadezinha ao longe. Paramos próximo, em um lugar de onde avistávamos bem quase toda a paisagem, que abrangia o lago, as plantações, os pastos com algumas vacas e o vilarejo. Zumiar ficou ao meu lado, quieto, olhando ora para mim, ora para onde se dirigia o meu olhar que, suponho, deveria estar cheio de curiosidade e, talvez, demonstrando muito espanto.

Estávamos à sombra de uma árvore carregada de laranjas. A certa distância víamos abacateiros e, mais abaixo, na direção ao lago, uma grande, bem cuidada e sortida horta.

Algumas pessoas que nos viram pararam o seu trabalho e nos olharam fixamente, mas só por algum tempo. Depois, um tanto indiferentes, voltaram aos seus próprios afazeres. Deduzi dessa atitude que eu não seria o primeiro nem o único ser vindo da Terra, trazido para vê-los em pleno trabalho, pois senão sua surpresa e seu espanto seriam maiores do que a simples e pequena pausa no seu serviço.

Não acho que deva alongar-me na descrição dos efeitos de tudo o que se me apresentou durante o passeio em forma de espanto, estranheza, surpresa etc., pois tudo que vi e o que deveria ver dali em diante seria novo e estranho, e me causariam muitas emoções dessa ordem.

Pouco depois, voltamos pelo mesmo caminho por onde viéramos e desviando para a direita, aproximadamente uns cem metros de onde desembarcáramos, encontramos uma passagem aérea, também em esteira rolante, sobre a mesma grande esteira em que viajáramos pouco antes. Subimos nela que nos levou para o outro lado da grande esteira em que viéramos e que se perdia de vista para ambos os lados da planície. Notei que do lado que descemos, a grande esteira rodava em direção contrária à que viéramos, pois corria de volta. Pegamos novamente uma daquelas bengalas e retornamos pelo mesmo sistema já descrito, até as proximidades do ponto de nosso embarque, junto ao mesmo edifício em que estávamos antes. De volta ao ponto inicial, notei que ele era de fato redondo e enorme, e por isso, quando saímos, não havia visto a esteira menor, na qual, agora, passávamos de um lado para outro.

Enquanto viajávamos de volta, vi alguns habitantes utili-

zando o transporte da esteira, como nós, bem como vi alguns outros a pé, andando em pequenos grupos. Continuava a impressão de que eles não eram muito diferentes uns dos outros, com exceção apenas das cores das roupas que usavam.

Depois de dar a volta no prédio, entramos no edifício. Seguindo Zumiar pelos corredores luminosos, fui ter em frente a novo portal, que se abriu silenciosamente bem no momento em que chegamos. Entramos. Para surpresa minha, estava num quarto tipicamente terrenal, contíguo a um pequeno, limpo e muito bonito banheiro. O conjunto era igual a um apartamento de ótimo hotel. Zumiar apontou para a mesa, onde estava servido um pequeno lanche, e disse-me:

– Aqui você tem tudo o que precisa para seu conforto. Deve descansar até que venhamos despertá-lo ou chamá-lo. Caso precise de alguma coisa, basta falar àquele quadrado de colorido diferente junto à cama, que lhe responderei imediatamente. Esteja, portanto, bem, em paz e harmonia.

Dizendo isso, esboçou aquele pequeno sorriso meu conhecido e saiu do quarto, com a porta fechando-se às suas costas, sem que ele a tocasse.

Sentei-me na cama e fiquei olhando o meu novo alojamento: cama, criado-mudo, armário, mesa, cadeira, poltrona, só não havia abajur. Foi então que me apercebi de que ali não havia iluminação artificial, apenas luz natural. Por associação de idéias, veio-me à lembrança que não notara, em nenhum lugar do prédio onde estivera, a existência de lâmpadas ou similares, acesas ou não, e mais, quando saíra do prédio para aquele passeio à comunidade de pessoas da Terra e suas plantações, também não me lembrava de ter visto o Sol ou outra estrela parecida, mas percebi que havia uma luz intensa e difusa, como em dias claros, na Terra.

Automaticamente, olhei para o meu relógio, acho que mais por hábito, pois não tinha mesmo noção do tempo gasto desde a nossa chegada, em termos humanos, nem saberia dizer, se era dia ou noite, ou em que data estávamos aqui, e tampouco que data seria na Terra, naquele momento.

Já estava resolvido que meu comportamento exterior e interior deveria ser conduzido com calma e paciência, pois os fatos e os acontecimentos iriam se avolumar e fatalmente culminariam em novas e inexplicáveis informações que eu deveria digerir aos poucos, sem me sobrecarregar ou me afobar. Reparei,

então, que eles tinham tido a lembrança e a gentileza de trazer minhas malas de viagem para o quarto. Levantei-me da cama e quase automaticamente pus-me a arrumar as roupas e os utensílios de *toilette* que trouxera abundantemente por precaução. Enquanto arrumava esses objetos, ao pegar a pasta e a escova de dentes, lembrei-me do meu dentista; e veio-me à memória o fato de não ter visto, em nenhuma ocasião, os dentes de qualquer um "deles", fosse antes, em nossos contactos na Terra, ou mesmo agora. Fiquei em dúvida. Será que não os possuíam? Seriam todos desdentados, só gengivas? Seria assim? Talvez não se alimentassem como nós, daí os dentes não serem necessários e assim, atrofiando-se, chegarem ao ponto de pouco a pouco desaparecerem completamente.

Fiquei com essas conjecturas, mas concluí pensando que de alguma forma, mais tarde, saberia sobre isso.

Durante os únicos 30 dias que me concederam para arrumar minhas coisas na Terra, antes do embarque para a viajem definitiva, o ponto mais importante e que me causou maior preocupação foi a minha saúde e, principalmente, os meus dentes. Justamente por me lembrar que todos os "deles" que havia conhecido em meus contactos anteriores eram sempre, aparentemente, desdentados. Fiquei muito preocupado com a eventualidade de, em futuro próximo, estar vulnerável a uma cárie dolorida ou alguma infecção, ou qualquer problema desse tipo. Foi por isso que procurei cuidar muito bem desse particular referente aos dentes. Fiz também muitos exames de um completo *check-up* no resto do físico. Mas a dúvida maior era de como seria neste outro planeta se, por acaso, viesse a sofrer uma cárie, uma dor ou uma infecção de dente. Como seria? Desdentados como são, poderiam me tratar? Positivamente, julgava que eles não eram, fisicamente, por inteiro iguais a nós. Já havia reparado isso nos poucos contactos que tivéramos anteriormente e, agora, que tivera ocasião de ver mais alguns deles, percebi que eram semelhantes aos que havia conhecido antes, quando ainda na Terra. Todos altos, aproximadamente 1,90 m, calvos, completamente sem pêlos nas partes expostas – braços, mãos, face, cabeça – e, quase certo, desdentados. A sua pele, mais para clara do que morena, sem ser excessivamente branca, não tinha o menor sinal de rugas, espinhas ou manchas. A compleição invariavelmente forte e esbelta. Aparentavam ter aproximadamente 30 anos de idade, no nosso conceito de tempo e, incrivelmente, não

notei nenhum deles demonstrando nem mais, nem menos do que essa idade.

Até aquele momento, não tivera ocasião de ver se havia velhos, crianças e nem mesmo mulheres. Para o meu raciocínio, esta constatação era desconcertante e inexplicável. Evidentemente, isso me intrigava muito. Como poderiam nascer e crescer todos até o mesmo tamanho, e ter também, aparentemente, todos a mesma idade, sem terem sido antes crianças e depois velhos? Onde estariam os outros, se existissem, além desses que via aqui?

Para o nosso raciocínio humano, é impossível aceitar a inexistência de crianças e de velhos em havendo adultos; como fora informado de que não havia sexo entre eles, a confusão em minha mente aumentava mais ainda. Assim, resolvi que teria que aguardar maiores explicações para poder compreender.

Assim pensando, levantei-me da poltrona onde me achava e, tirando a roupa, fui ao banheiro onde tomei banho. Em seguida, vesti um pijama e fui sentar-me à mesinha, onde um lanche já estava servido. Havia leite, pãezinhos de três qualidades diferentes – todos deliciosos –, queijo branco e queijo amarelo, além de açúcar não refinado para adoçar o leite. Não havia café. Estava tudo frio. As frutas eram bananas de duas qualidades, laranjas e abacate. Comi, mais por curiosidade de conhecer os sabores do que por sentir fome e ao abrir um abacate, lembrei-me novamente do ensinamento Zen-budista, que precede o ato de comer. Terminando a refeição, arrumei os utensílios e fui escovar os dentes. Depois, procurei a cama e deitei-me. Uma vez deitado, tentei relaxar meu corpo gradativamente, começando pela cabeça até chegar aos pés. Por estar muito excitado, levei meia hora praticando esse exercício. Foi-me muito difícil apartar-me das minhas indagações e dos meus pensamentos descontrolados. A todo momento, via-me envolvido em devaneios, esquecendo-me e saindo do relaxamento e da seqüência que deveria manter no exercício a que me propusera fazer.

Adormeci, envolto em suposições e sem respostas. Acordei várias vezes e tornei, ora a cochilar, ora a dormir, pois preocupava-me não ter noção da "hora" em que deveria acordar e aprontar-me. Não queria tomar a iniciativa de levantar-me e, diante da dúvida, resolvi que aguardaria deitado até que me chamassem. A confusão se acentuava, pelo fato de não haver escurecido, anoitecendo, atmosfera em que me acostumara a dormir.

Finalmente adormeci e sonhei que falávamos sobre meus estudos metafísicos, quando Zumiar perguntou-me:

– Vejamos, o seu Estudo, essa ciência hermética ou ocultismo; esse misticismo que foram seu objetivo por tantos anos, o que lhe trouxe?

– Sim, todas essas reuniões em que esteve presente atento, como um pesquisador; que é o título que você se autonomeia; que é de proveitoso, que conclusões, a que meta afinal tudo isso o levou?

Quedei-me parado. Perplexo, vi-me dentro do meu encastelamento que fora constituído apenas e tão-somente de um pequeno universo do qual tivera tido agora, perspectiva maior, que me fora colocado, diante da pergunta que ouvira.

Afinal era verdade; que é de proveitoso, que meta me fez alcançar tal dedicação?

Mas, houve mesmo uma dedicação, chego agora a duvidar até mesmo dos meus propósitos, pois o que havia era uma grande dose de vaidade em me colocar diferente dos demais.

Havia é isso, é claro; não posso esconder-me diante da verdade que veio tão surpreendente e límpida, à tona.

Não estou mais naquela posição ridícula e inócua.

Não há porque não confessar-me vaidoso, pois realmente o fora. É quase certo que a reação que agora tenho, consigo-a por estar em uma posição física e emocional completamente diversa da que me encontrava quando ainda na Terra, mas o que importa é que ela é um fato real.

Não há agora o envolvimento de tantos fatores que me levariam, caso lá estivesse, a refutar com veemência e com malabarismos intelectuais, argumentando inteligentemente e reputando tal pergunta como, até, insolente.

Assim pensando, lembrei-me dos meus companheiros que comigo se prestaram a tantas e tantas horas de dedicado estudo e pesquisas a respeito do sobrenatural.

E a parapsicologia então?

Quanto falamos e lemos a respeito de tal "ciência". Colecionávamos os informes de outros países, as suas experiências e as meditações, as posturas, os espelhos, as velas. Quanta coisa. Que vergonha sentia de minha falsa posição conscientizada somente agora.

– Como disperdiçamos o nosso tempo com tanta coisa,

nos enganando o tempo todo, que isso seria da maior importância para o nosso desenvolvimento espiritual.

Importante para o quê?

O que realmente nos levara a dedicarmo-nos a esses estudos? Como nós complicamos as coisas, ah! o homem, pobre vaidoso e preguiçoso homem. Que vaidade, que preguiça espiritual e mental.

Quantas reuniões, lembrava-me agora, um tanto repugnado com aqueles companheiros e eu próprio, a fumar e a beber, refestelados em poltronas a "pesquisar" o sobrenatural. Quantas experiências, quantas palavras e esforços desperdiçados.

E os cursos, esses então, são mesmos risíveis. "Controles da mente", "poderes sobrenaturais".

Quanto tempo perdido. Que presunção a nossa.

Que falta de sincero e verdadeiro propósito. Não havia mérito em tais estudos pois eu, como a maioria dos que deles se acercam, tínhamos em mente sermos diferentes e deferenciados.

Que enorme gratificação sente o pobre homem ao receber o olhar ou a palavra que o distingue como um paranormal ou, estudioso pesquisador do sobrenatural.

Sem perceber que não poderá nunca entender aquilo para o qual não é, nem preparado, nem dotado, física e espiritualmente a absorver, segue o homem, vaidosa e preguiçosamente o seu errado caminho.

Fui acordado com a voz de Zumiar. Deveria preparar-me, pois ele passaria pelo meu quarto quando eu estivesse pronto, do que deveria avisá-lo através do mesmo quadrado colorido pelo qual o ouvira falar.

Tomei banho, fiz minha *toilette* completa, vesti calça e camisa. A temperatura era agradável como sempre, a mesma desde que lá chegara. Sobre a mesinha estava um novo lanche; os utensílios e o resto dos alimentos que lá deixara, antes de dormir, haviam sido retirados, sem que eu percebesse quando, nem por quem.

Tomei a refeição, que incluía dois ovos quentes. Notei que conheciam bem nossos costumes, pois havia um pouco de sal, porém grosso, e mais pães, leite e frutas que completavam o desjejum. Havia uma geléia vermelha, sem sabor – apenas doce – e a fruta que a compunha era para mim indefinível, e não me agradou.

Ao terminar, falei no quadrado colorido, como me explica-

ram, avisando que já estava pronto. Logo após, Zumiar adentrava com aquele mesmo sorriso esboçado, olhar ameno e gestos agradáveis. Saímos. Segui-o, obedecendo ao aceno que me fez.

Sua roupa era a mesma, igual às dos demais. Aliás, todos, no prédio, se vestiam igualmente, mas lembrei-me que lá fora, quando saímos, vira outros habitantes com roupas de cores diferentes, porém, no mesmo corte. Era uma espécie de macacão acetinado e botas curtas, de um couro, muito fino e macio. O macacão de Zumiar era branco, com "V" em vermelho, no peito, bem em baixo do pescoço e com a ponta de sua base quase tocando a cintura. Nos punhos e nas pernas, junto às botas, o "V" se repetia, mas em uma cor verde claro. As botas eram também de cor branca.

Segui os passos de Zumiar em direção contrária à que andáramos antes, quando havíamos chegado, mas sempre pelo mesmo corredor. Subimos pequena rampa e entramos num salão, passando por um amplo *hall*. O salão era grande e iluminado com claros tons esverdeados. Extasiei-me ante a suntuosidade do enorme e bem iluminado compartimento, que chamava a atenção mais pela sua grandiosidade do que pelo seu luxo. Sua abóbada era em forma de pirâmide e os raios que passavam através das paredes e do forro multiplicavam-se em maravilhoso espectro de tons coloridos, predominando a cor do *cristal* do forro, que era verde. A luz que se irradiava por todo o salão tinha, portanto, toda a gama do verde, luminoso, límpido e muito claro.

Faço curta esta descrição por dois motivos: não quero ser prolixo ou maçante e, de qualquer forma, não me sinto capaz de descrever, por mais que me esforce, a magnificência do lugar e o efeito das luzes.

Havia uma espécie de balcão em forma de ferradura, em cor branca leitosa, e do lado de fora desta "ferradura", a cada dois metros, uma poltrona giratória, aparentemente confortável, também branca. Ao lado de toda a "ferradura" estava dispostas oito poltronas, cinco das quais ocupadas por outros seres iguais a Zumiar, inclusive com as roupas idênticas às dele. Sobre o balcão ou mesa, à frente de cada um deles, ou seja, à frente de cada poltrona, bem como das vazias, havia quadros presos e inerentes a toda peça, em cores diferentes: um verde, grande, um menor, vermelho, e abaixo deles, alguns botões pretos.

Acima de nós, havia uma estranha bola que pairava no ar, aparentemente sem estar presa a qualquer ponto de sua superfície, por cima ou por baixo. Essa "bola" tinha a aparência e a cor da tela de uma TV, dessas conhecidas da Terra. O piso do salão era macio, como se fosse revestido de *carpet*, porém liso, sem pêlos como os tapetes que conhecemos. Foi a única vez, até aquele momento, que pisei em outro material dentro do edifício.

Os que estavam sentados permaneceram imóveis olhando-nos, se bem que com aquele sorriso apenas esboçado, com os semblantes tranqüilos, o que era uma constante em todos eles. Senti-me bem com a recepção amigável, apesar de silenciosa. Como sempre, havia a harmonia da música, que até agora tenho a impressão de resultar da luz atravessando o elemento das paredes que se assemelhavam ao cristal. A impressão da música era agora mais profunda, sensibilizando-me impressionantemente e atribuí isso à cor verde do forro, que modificava mais agradavelmente ainda a harmonia dos sons.

Sentando-se, Zumiar fez-me um sinal para acompanhá-lo, no que obedeci, escolhendo uma poltrona ao seu lado. Senti muito conforto, tão logo me acomodei naquela poltrona – a mesma sensação de conforto que me era transmitida por todo o ambiente. Sentia um odor agradável em todos os lugares em que estivera até o momento, mas naquele salão, onde estávamos agora, esse perfume tinha uma intensidade maior e fazia-me muito bem, tornando-me bem disposto.

Não poderia descrever aquele aroma. Diria que se assemelhava ao de alfazema e lavanda, com um pouquinho de fragrância de laranja, para melhor definir, tudo misturado.

Não havia ninguém à cabeceira, nem mesmo havia uma poltrona. Apenas quatro lugares de cada lado das pernas da ferradura que formavam o aludido balcão. Em cima da parte fechada da "ferradura", estava a mencionada bola, com aparência de tela de TV.

Nesse ambiente, maravilhoso pela cor, odor e fundo musical, deixamo-nos ficar por alguns instantes, em silêncio que foi depois quebrado pela voz de Zumiar que, virando-se e olhando para mim, disse:

– Vou comunicar-me na forma usual de vocês, ou melhor, vou exprimir-me falando em sua língua para que possamos nos entender mais facilmente, e os demais, todos meus companhei-

ros, quando se dirigirem a você também procederão dessa forma. Vou apresentá-lo aos que aqui estão.

Apontando com o braço semi-estendido e a mão aberta, com os dedos quase unidos, foi-me dizendo o nome de cada um dos seus colegas que se achavam em volta da "ferradura". Prestava atenção nas apresentações, mas mesmo assim percebi melhor algo que antes havia apenas notado ligeiramente, e que agora se mostrava claramente. Ele, Zumiar, bem como os demais, não tinham unhas nas pontas dos dedos e também não possuíam linhas na palma das mãos, como as possuímos nós. Achei apenas interessante. Não me pareceu feia, nem repulsiva essa anomalia. Só que, jocosamente, lembrei-me dos quiromantes, que nada poderiam fazer com essas mãos em branco, sem passado, presente ou futuro para interpretar.

Lembro-me bem dos seus nomes: Gaspah, Gaduan, Valiar, Elmer e Zilfos, além do próprio Zumiar. Dificilmente poderia achar grandes diferenças entre um rosto e outro. Tinham todos, também, praticamente a mesma altura e eram muito parecidos entre si, no todo. Zumiar recolheu seu braço em gesto lento e grave, como sempre costumava ser cada um seus movimentos e disse-me, continuando:

– Aqui é o lugar em que trabalharemos juntos, de agora em diante, você e nós. Se houver necessidade, haverá mais um terráqueo, razão pela qual deixamos, por precaução, essa poltrona vazia ao seu lado, e dependendo, também, do quanto você possa nos ajudar, pois quanto maiores forem esses auxílios, maiores serão os benefícios que lhe advirão por isso.

– Basicamente, nosso propósito prende-se ao fato de termos aqui um projeto, ou seja, uma incumbência que se relaciona precisamente com o seu planeta, a Terra. Todos os que aqui estamos, neste momento, e mais todos aqueles de nós, que você reparar estarem vestidos com as cores idênticas às da nossa indumentária, estarão trabalhando no mesmo projeto, relativo ao seu planeta Terra. Os demais, com outras cores nas roupas, estão envolvidos em projetos diferentes, relativos a outros planetas que não o seu, dos quais nem você, nem nós, deveremos nos ocupar.

– Dentro do seu raciocínio humano, poderíamos dizer que nós trabalharemos como se estivéssemos em um filme. Digo isso para melhor exemplificar a você. Em um filme, ou na elaboração de um livro, em termos de seu planeta. E você será para nós,

dentro dessa analogia, o que vocês chamam de *expert*, ou de consultor especializado para os assuntos terráqueos. Entendeu?

Disse-lhe que sim mas sem entender, é lógico, a razão ou a meta de seu projeto. Por que gostariam de nos espionar à distância? Com que finalidade fariam isso?

Zumiar disse-me que era cedo para tratarmos das finalidades ou metas do projeto, mas que eu as captaria facilmente com o passar do tempo, à medida em que progredíssemos em nosso trabalho conjunto. Disse-me, ainda, que eu tinha probabilidades bem definidas a meu favor para chegar a esse entendimento rapidamente, porque já havia demonstrado, com a minha discreção e paciência, grande possibilidade de êxito nesse sentido, e que o meu comportamento estava coerente com o que tinham em expectativa quando me escolheram para essa viagem, especialmente por não sobrecarregá-los de perguntas, diante de tudo o que me fora mostrado até então, o que tinha sido notado e levado em consideração por eles. Tanto assim, que até dispensarem a presença, *a priori*, de um segundo homem que ficasse comigo, auxiliando-nos, para os efeitos do projeto que iria se iniciar e cumprir dali em diante.

Agradecido, lembrei-me do trecho de um livro que tanto gostava: "Para que possamos observar os seus segredos, temos de permanecer sem desejos". De fato, lutava o tempo todo, esforçando-me por uma posição justa e correta diante das coisas, sem pretender "mostrar-me" ou enfatizar qualquer faceta de meu caráter ou de minha personalidade que seria, dessa forma, calcada unicamente nos meus efêmeros desejos. Estava firmemente em busca do "vazio", e isso agora parecia-me mais fácil do que antes, pois enquanto estava na Terra, eu tinha a oportunidade de receber centenas ou milhares de impressões, que me chegavam a todo o momento, mas que, triadas pela minha "inteligência", modificavam-se, passando a ser um instrumento de meus desejos ou emoções, não essencialmente puras, como de fato eram e são, em geral, as informações ou os fatos em si.

Nesse momento resolvi que deveria dizer alguma coisa a eles, mas diante do que havia sido exposto, era-me difícil tecer qualquer comentário dentro do terreno da verdade pura que gostaria de transmitir.

Consegui coordenar as idéias, afirmando que acreditava haver entendido minha posição e que esperava corresponder à expectativa que nutriam a meu respeito, pois o mesmo acontecia

comigo, que gostaria de conseguir tirar da oportunidade a possibilidade de viver um grande ensinamento para meu desenvolvimento, equilíbrio emocional e aprimoramento maior do meu "eu". Aduzi que me via na roda da vida, em uma posição que deveria ser o produto de muitas situações anteriores. Agora, consciente disso, sentia aumentada a responsabilidade para comigo mesmo, e que estaria servindo-os, certo de que simultaneamente empenhava-me em servir-me.

Zumiar olhou-me com um olhar paternal e senti algo como solidariedade e compreensão, mas nada que pudesse ser confundido com o "nosso" amor, pois sabia que se os ajudasse, seria ajudado por eles. Quando assim entendi, olhei em seus olhos e, em seguida, correndo os olhos pelos dos seus companheiros, senti em todos a mesma vibração, o que me deixou mais encorajado e seguro.

Foi Gaspah que se dirigiu aos companheiros e a mim, falando:

– Creio que deveríamos dar mais algumas orientações; referindo-se a mim, é claro; para que esteja mais apto, aumentando, assim, as suas possibilidades de nos ser útil.

Os outros se entreolharam e entendi que aquiesceram, apesar de o fazerem quase sem nenhum movimento. Gaspah disse:

– Para começar, vamos mostrar-lhe, em um mapa, a situação física onde você está agora. Mas, é preciso lembrar que nos situamos fora do sistema planetário que você conhece.

Enquanto ele falava, como por mágica, apareceu no ar um painel de, aproximadamente, quatro metros e meio por dois. Era uma chapa de acrílico ou coisa parecida e estava justamente sobre as nossas cabeças, bem embaixo da tal bola que lá estava, de material semelhante a vidro de TV. O painel também era suspenso, sem que nada o segurasse e, depois de parar no ar, iluminou-se com milhares de pontos muito pequenos e irregulares. Havia um pontinho que se tornou vermelho e outro verde. Os demais continuaram a ser apenas iluminados sobre o fundo branco leitoso. Gaspah explicou:

– O pontinho vermelho é o seu planeta, a Terra, o ponto verde é o nosso, onde você se encontra agora. Há, também, para sua melhor referência, o amarelo que representa o seu conhecido astro-rei, o Sol.

Nesse momento, um ponto próximo ao que identificava a Terra ficou amarelo – o Sol –, localizando-se, no painel, a pou-

cos centímetros de distância e umas dez vezes menos do que a distância do ponto verde que, segundo Gaspah, representava o lugar onde nos encontrávamos. A Terra estava localizada bem na extremidade direita do quadro e o Sol um pouco mais para o centro. O ponto verde, que identificava nossa atual posição, ficava localizado quase no centro do quadro, portanto, incomensuravelmente distante do sistema solar. Continuando, disse Gaspah enigmaticamente, você está bem longe de casa agora e, no entanto, é quase certo que nunca esteve tão próximo de você próprio como presentemente . . .

O quadro continuou iluminado por mais algum tempo, depois se apagou e foi recolhido no vazio, da mesma forma, mecanicamente inexplicável para mim. Gaspah continuou:

– Como viu no quadro que reproduziu a posição de nossos planetas, vocês, da Terra, estão colocados na periferia do sistema que é conhecido por nós, e, a nossa colocação, no mesmo, é quase central. Estamos, portanto, a uma distância quase incalculável da Terra, em termos inteligíveis para vocês. Nosso projeto tem muito a ver com a posição que lhe mostramos agora. Daqui a pouco, prosseguiremos com essa informação e concluiremos, em linhas gerais, o nosso plano. Antes, porém, lhe explicaremos, através de alguns recursos técnicos de que dispomos, coisas que poderão surpreendê-lo um pouco.

Espero que você já esteja se acostumando às surpresas, pois precisamos que você entenda essa nova perspectiva sobre tempo e espaço. Para tanto, vamos colocar no ar a gravação de um diálogo que tivemos com você em um de nossos primeiros encontros, ainda quando nos avistávamos lá na Terra.

O importante nesta demonstração é apenas exemplificar nossos recursos técnicos; saiba que não foi preciso efetuar qualquer gravação para podermos reproduzir o fato para você, agora. Basta que sintonizemos para aquela época, nossos censores de transmissão, para aquele objetivo – no caso, o diálogo – e até mesmo a imagem será reproduzida neste instante, novamente, quantas vezes quisermos ou precisarmos que ela se repita. Assim, também, poderemos reproduzir qualquer outra cena, discurso ou diálogo de qualquer lugar ou momento, ocorrido na Terra ou em qualquer outro local do Cosmos.

A base desta possibilidade técnica, para explicar-lhe sucintamente, é que nós não nos cingimos ao tempo nem ao espaço, como vocês os conhecem, ou melhor, como vocês os criaram.

Nós, não. Ao contrário, não temos que dividir os nossos fatos em presente, passado e futuro. Tudo apenas "é", a qualquer momento. Sabemos que toda cena ou fala, e até mesmo pensamentos, ficam gravados magneticamente no éter e, portanto, se quisermos reproduzi-los, basta que sintonizemos nossos censores com o nosso objetivo.

Para que você entenda melhor, exemplificarei com um fato conhecido por vocês: pense nos potentes telescópios com que os seus astrônomos vasculham constantemente o Cosmos. Quando um astrônomo está com seu telescópio assestado para uma estrela determinada, é possível e quase certo que, naquele momento em que ele a esteja observando, ela já tenha se apagado ou até mesmo morrido e, com toda certeza, na melhor das hipóteses, não estará mais nem no lugar, nem na posição em que o astrônomo a estava "vendo". Por aí você tem uma idéia aproximada do que estou explicando a respeito do tempo e do espaço, bem como desta nossa faculdade "técnica" de lhe trazer, aqui e agora, um fato havido, para vocês, no passado. E como isso tudo está íntima e diretamente ligado ao presente, passado e futuro, tentarei esclarecer melhor, dando-lhe outro exemplo: no seu pequeno planeta, vocês têm possibilidade de fazer uma ligação telefônica entre duas pessoas, uma falando com a outra, suponhamos, uma na América do Sul e outra na Ásia. Porém, apesar de estarem falando uma com a outra, estarão, naquele momento, em datas diferentes, ou seja, uma das pessoas em uma data e a outra no dia seguinte, isto é, enquanto é dia 8 às 8 horas, em um dos lugares para uma das pessoas, será dia 9 às 20 horas para a outra.

Pessoas também poderão se comunicar via telex ou telefone no mesmo momento, com diferenças variáveis de horas, para efeito de tempo, dependendo do ponto geográfico em que estiverem em relação aos fusos horários usados no seu planeta.

Quando Gaspah terminou de falar, lembrei-me que muitas vezes havia pensado sobre isso e até me recordei de um livro, no qual colhi a seguinte explicação, com um exemplo interessante e análogo aos que Gaspah acabara de dar.

Referia-se o exemplo dado pelo escritor a um trem que, passando por um ponto fixo, um poste, por exemplo, no momento em que a locomotiva o tivesse ultrapassado, aquele poste já seria o "passado" para o maquinista da composição, mas,

para um passageiro instalado no vagão central que naquele momento estivesse frente ao mesmo poste, este ponto fixo seria o "presente", enquanto para um outro passageiro do último vagão, que ainda não tivesse passado pelo referido poste, esse mesmo ponto de referência seria o "futuro". Passageiros e maquinistas estariam lá ao mesmo tempo, no mesmo trem, o qual, se fora visto em perspectiva, por alguém que se postasse em uma elevação próximo ao fato, perspectiva na qual pudesse ver o maquinista e os dois passageiros, o trem e o poste no mesmo momento, perceberia, simultaneamente, num todo só, o que é "passado", "presente" e "futuro" para os personagens do trem. A tal fato, esse alguém chamaria apenas de "presente".

Essa é a perspectiva que falta a nós, homens, pois estamos realmente "dentro do trem", por força de nosso costume e raciocínio de divisão do tempo e do espaço. Parece que, para eles, com a visão total, em outra perspectiva, a coisa seria tão simples e aceitável como esse exemplo que o livro pôde me demonstrar.

– Bem, não adiantaria alongar-me em maiores explicações e exemplos, disse Gaspah, cortando o silêncio. De nada adiantariam e nada mais posso fazer, além do que já fiz. Portanto, vamos ao fato, à prometida gravação. Ouça e veja-a agora, como se fosse naquele momento.

A bola de vidro que estava sobre nós iluminou-se, e como numa tela de TV, como se fora a reprodução de uma cena atual ou um vídeo-teipe vi claramente Zumiar e eu, de pé junto à nave estacionada no vale, ainda lá na Terra, onde tantas vezes nos avistamos e conversamos antes. Nesse momento, como se tivéssemos entrado no meio de um filme já começado, ouvimos a voz de Zumiar que lá do vídeo me perguntava:

– De que se ocupa você?

Então me vi e ouvi minha própria voz que, naquela oportunidade, respondeu:

– Bem, eu trabalho, cuido da família, economizo para o futuro incerto, divirto-me, vou à igreja e faço caridade. Bem, acho que só isso.

Era divertido ver-me assim, sem me ter preparado para a "filmagem", e talvez por isso me achasse bastante natural, tanto na postura como no diálogo.

Zumiar perguntou-me novamente:

– Uma pessoa que divide assim o seu tempo, como você

diz que divide o seu, e desta forma se aplica à vida, deve ser uma pessoa feliz e realizada. Você acha que é certo esse raciocínio?

Passei algum tempo pensando e depois respondi:

– Talvez. Penso que, talvez, sim. Digo isto porque antes eu até me achava feliz, mas agora, com a sua pergunta, pensando melhor, revendo minha própria vida, acho que não é assim, a despeito de parecer tudo certinho, correto, justo. Na verdade, eu não sou uma pessoa feliz.

Imediatamente, Zumiar perguntou-me novamente:

– Talvez exista alguma grande preocupação afligindo-o, como doença em família, falta do dinheiro necessário, ou insegurança quanto ao futuro. Há?

– Não, respondi-lhe. Não há nada disso comigo ou em minha casa.

– Então, disse Zumiar, talvez você tenha medo de guerras ou revoluções, de instabilidades administrativas governamentais, ou coisa parecida?

– Não, respondi-lhe. Nem de leve existem tais receios em mim.

– Então, aduziu Zumiar, vamos mudar, continuando, mas fora de seu caso em particular. Conhece você alguma pessoa feliz?

– Ah, sim, conheço várias pessoas felizes.

– E a que atribui você a causa da felicidade dessas pessoas? perguntou.

– Bem, disse eu, não sei ao certo, acho que não as conheço profundamente e também o que sei da vida dessas pessoas é superficial. Apenas julgava essas pessoas felizes pela exteriorização de seus atos.

– Então, diga-me: sendo assim, como é o jeito de uma pessoa feliz?

– Bem, é aquela que aparentemente tem saúde, alegria constante, paz nas atitudes e nos gestos, ou seja, a que demonstra tranqüilidade emocional e física.

– Então, disse-me Zumiar, e quanto àquelas premissas que você disse há pouco sobre família e religião, não contam para essas pessoas felizes que você acabou de mencionar?

– Não, acho que não. Não havia pensado nisso quando respondi. Talvez tais coisas não façam falta a elas.

– Será, disse Zumiar, que você acha plausível que não fa-

çam falta? Ou que esses componentes até mesmo impliquem dificuldades para se atingir a felicidade?

– Bem, acho que as duas hipóteses, aparentemente, são verdadeiras. Esses componentes poderiam trazer infelicidade, mas também poderiam dá-la.

– Ora, você está me dizendo que uma pessoa pode ser feliz por possuir, e também pode ser infeliz por não possuir a mesma condição ou situação?

– É, acho que sim. Isso pode acontecer a nós, homens, e você Zumiar, está me pondo confuso com essas perguntas.

– Será que a confusão foi inventada agora por mim, ou por nós, ou será que ela, de fato, pré-existia? Vamos esclarecer melhor. Vou reformular a pergunta: .

– Em sua opinião, de que condições necessitaria, você ou qualquer pessoa, para vir a ser feliz?

– Ah, agora é bem mais fácil, disse-lhe eu. Acho que uma pessoa precisaria ter: saúde, estabilidade emocional e financeira, bom aspecto físico, cultura e inteligência mediana, no mínimo. Seria ideal, também, que fosse casado e tivesse filhos perfeitos, inteligentes, saudáveis e bons, que vivesse numa comunidade em que as outras pessoas tivessem também as possibilidades mínimas de recursos médicos, educacionais e de trabalho em níveis satisfatórios.

– Você se esqueceu de mencionar a religião.

– Tem razão. Que tenha religião, uma que o satisfaça, terminei eu.

– Você acha possível reunir todas essas condições? perguntou Zumiar.

– É possível, disse-lhe, mas é muito difícil.

Nesse momento, o filme foi interrompido e a tela apagou-se. A minha sensação foi boa, pois pareceu-me ter conseguido mudar muito daquela época até o instante presente, e fiquei com esta constatação: como poderia ter sido tão cego para o verdadeiro propósito de nossas vidas?

Quanto à parte técnica que me demonstraram, apenas a aceitei, sem exclamações de surpresa ou qualquer outra. Mas, foi oportuno que reproduzissem esse trecho de uma das várias conversas que mantivemos em nossos encontros anteriores e que se verificaram, aproximadamente, durante um ano todo, lá na Terra.

Quanto já havíamos *conversado*! Lembrei-me que, a

princípio, não era Zumiar e sim outros dois elementos, que comigo mantinham apenas *conversa* telepática. Jamais poderia supor que iria acontecer o que *eles* mesmos me preveniram através de pensamento telepático. Foi uma mensagem mais ou menos assim:

– Prepare-se para falar conosco, de agora em diante, em sua própria língua, pois estará aqui, da próxima vez, um dos nossos que tentará manter com você uma conversação conforme sua maneira normal de se comunicar.

Quando assim me falaram ainda de maneira "telepática", e devido ao teor da notícia, pensei que não tivesse captado bem a mensagem. Então, eles, percebendo minha dúvida, reiteraram telepaticamente a mesma mensagem. Foi quando acreditei no que entendi e, de fato, em breve isso aconteceu.

Assim, conheci Zumiar que foi quem daí em diante, descia da nave e mantinha diálogos comigo, geralmente extensos e sempre muito inquiridores, a exemplo desse que acabara de ver e ouvir. Mas, foi bom, porque fora como que um treino, creio eu, e uma pesquisa também, para que eles me convidassem a vir para o seu planeta e participar do projeto a que agora se referiam.

Estava em meio a essas memórias, quando, interrompendo o meu devaneio, ouvi a voz de Gaspah, que me perguntou:

– Ficou satisfeito com a demonstração?

Respondi-lhe que sim, e até duplamente, acrescentei, inteiramente satisfeito.

– Então, vejamos, falou o outro, de nome Elmer. Já que possuímos esse poder que lhe demonstramos, é justo, claro e decorrente que você nos pergunte porque o trouxemos aqui. Com esta técnica, não seria preciso que fôssemos até o seu planeta para espioná-los; poderíamos, como podemos, fazer isso daqui, e até muito mais, porque podemos captar as ondas até mesmo dos pensamentos, palavras ou ações que os humanos deixam no éter, gravadas, desde a sua mais remota história. Entretanto explicarei: o que nos moveu a trazê-lo aqui, já dissemos antes, é que precisávamos de alguém com as suas características para nos auxiliar como consultor, todas as vezes que nos deparássemos com dúvidas nas informações que podemos obter, bem como nas que já possuíamos referentes ao seu planeta, de agora até o fim deste projeto a que nos referimos.

Zilfos continuou:

– E para obtermos esses informes, mantemos agora, lá na

Terra, alguns dos nossos que farão relatórios para o nosso controle e sobre os quais basearemos o nosso projeto.

Pensava comigo que as informações que prestavam eram importantes para mim, mas, invariavelmente, tratavam de algo que eu não sabia, ainda. Assim, quanto mais me informavam, ao invés de me esclarecerem, mais eu me complicava. E do tal projeto de que tanto já haviam falado, eu não tinha a mínima noção do que se tratava. Então, arrisquei uma proposta:

– Penso eu que poderia ajudá-los a serem mais claros, caso me respondessem às perguntas que eu fizesse em torno do assunto do projeto, que ainda está muito nebuloso para mim.

– Receio que não, respondeu Gaduan, pois, para colocar perguntas, você terá que ter uma parcela ponderável de conhecimento do assunto sobre o qual quer indagar, o que não é o seu caso. Outra alternativa, que também não nos agradaria, pois você somente poderia colocar perguntas que respondessem à sua curiosidade natural, o que absolutamente não nos levaria a nada de produtivo, ou de importância maior. Sua curiosidade terá que ser satisfeita na medida em que as informações e perguntas relacionadas ao nosso interesse e meta lhe forem feitas, e não a partir do seu ponto de vista.

Compreendi que estava numa platéia diferente das da Terra e quanta razão havia na afirmação de Gaduan, pois, afinal, eu não precisava mais "colocar" boas perguntas, de modo a mostrar-me inteligente ou capaz. Agora, eu teria que ser realmente apenas o que sou, sem demonstrações ou outros objetivos menores.

Aquiesci com a cabeça, mais do que com a palavra que disse baixinho, compreendendo, meio envergonhado o que, egoisticamente, havia sugerido.

Valiar, que ainda não havia se pronunciado desde que o conhecera, falou-me em tom grave e mudando inteiramente o rumo da conversa:

– Diga-me, o que você acha ou sabe a respeito da alma?

Lembrei-me quantas vezes discutimos e fizemos afirmações, quando em grupos de amigos, ainda na Terra, sobre o assunto. E agora, ao ouvir claramente Valiar me perguntando e enfatizando as palavras *acha* ou *sabe*, fez-me nulo de saber ou de informações. Com essa pergunta, confundia-me ainda mais o objetivo que deveriam ter e do qual eu não distinguia nada até o momento.

– Realmente, disse-lhe eu, é claro que saber não sei nada, mas suponho que a alma seja o nosso sopro divino, a centelha que todos nós temos desde que nascemos.

– Você acha, então, que os homens possuem algo de divino?

– Sim, é claro que sim, respondi rapidamente.

– Essa concepção, continuou a inquirir-me Valiar, é uma concepção aceita e conhecida em geral pelos homens?

– Sim, é, tornei a responder rapidamente.

– Em que grau de importância é colocada pelo homem a consciência disso? perguntou-me ele novamente.

Revi, então, nossa posição e não pude responder de chofre, como me pareceu ser favorável, à primeira vista. Por isso, disse-lhe que nem todos os homens davam a devida importância a esse fato, apesar de terem consciência disso.

– Bem, aí está um ponto em que eu gostaria de interromper o assunto, para mostrar-lhe, através do vídeo, um dos nossos companheiros empenhado em outra pesquisa feita na Terra, pesquisa bem recente.

É preciso lembrar que o nosso amigo, interrompeu Zumiar referindo-se a mim, não está informado de nossas faculdades em geral e, especialmente neste caso, será preciso explicar-lhe, para que ele possa melhor nos entender, aceitando nossas informações.

– Ah,sim, disse Zilfos, nosso representante que ora está entre seus amigos, na Terra, não é visível pelos seres humanos na condição em que se colocou no momento. Melhor explicando, ele está fisicamente em uma dimensão que vocês, humanos, não conhecem – a quarta. Portanto, não o vêem, nem o tocam. Pode entender isso?

Respondi-lhe que havia lido algo e também meditado a esse respeito e que tentaria expor-lhes o produto dessas informações, começando a falar:

– Penso que quando alguns de nossos pintores fizeram o movimento denominado "cubista", ao realizarem seus trabalhos, mostraram estar retratando os objetos como se lhes fosse possível vê-los de mais de um lado, de uma só vez. Deram, assim, uma explicação maior, ou seja, mostraram a viabilidade da quarta dimensão.

– Vejamos o desenho de um cubo, por exemplo, nós só o vemos em duas dimensões e, no entanto, ele possui três. Nós, na

verdade, não enxergamos corpos. Não vemos superfícies, linhas ou faces; nunca vemos "ao mesmo tempo" os objetos como retratados pelos cubistas.

– Talvez devêssemos aceitar que, para que pudéssemos "ver" a quarta dimensão, não poderíamos usar apenas os nossos olhos, mas sim um outro meio que, realmente, não sei qual, mas admito que, embora reconditamente, possuamos essa faculdade. Na Terra, temos o pombo-correio, por exemplo, que pode ser conduzido fechado em uma caixa e, depois, solto muito distante de seu lugar, sua base de retorno, ao alçar vôo, dá uma série de voltas até "ver" o seu lugar de destino e, então, vai voando ao seu encontro.

– Outro exemplo, agora abrangendo os homens, é o de quando apenas combinamos com um amigo de encontrá-lo no dia seguinte em uma outra cidade, e já o "vemos" lá chegando. Ou outro exemplo ainda; um escultor que "vê" a sua obra pronta em um bloco de mármore, antes mesmo que este seja atacado pelo seu cinzel.

– Posso dar outro, ainda, também importante, que li num livro de Ouspensky, mais ou menos assim: imaginemos um mundo diferente do nosso; um mundo onde existissem apenas duas dimensões – largura e comprimento. Imaginemos um ser, habitante desse mundo, em sua superfície. Vamos supor que esses seres tivessem formas geométricas e que pudessem movimentar-se apenas em duas direções, ou seja, que não pudessem nem mergulhar, nem pudessem levantar-se. Somente poderiam se movimentar para os lados, para a frente ou para trás. Suponhamos que os olhos desses seres fossem colocados nas bordas de seus corpos. Teríamos a certeza de que eles não poderiam ver o mundo que eventualmente estivesse fora de seu plano. Todos os objetos ou outros seres de seu mundo apareceriam como linhas apenas, e todas as curvas ou zigue-zagues teriam, para esses seres, o mesmo aspecto, mesmo as que estivessem sob outros ângulos, em relação a eles; seriam vistos, igualmente, apenas como linhas, por todos os seres iguais a eles; não poderiam notar a diferença de uma para a outra. Notariam apenas uma estranha propriedade que lhes pareceria ser de movimento ou vibração das linhas. O centro de um círculo, por exemplo, ser-lhes-ia completamente inacessível e não o enxergariam de modo algum.

Se colocássemos um cubo no campo de sua visão, eles o

enxergariam como se fosse um quadrado, apenas pelas quatro linhas que tocam o seu plano, ou seja, a base do cubo. De todo o cubo, para esses seres, apenas existiria um quadrado. Não poderiam, sequer, imaginar o resto do cubo. Não existiria cubo para esses seres. Se vários diferentes objetos fossem colocados no plano desses seres, eles representariam apenas linhas de suas superfícies que se colocaram em seu próprio plano. As linhas das superfícies desses objetos apareceriam para eles como um objeto do seu próprio mundo e, se fosse dado a este ser plano ver o nosso mundo terrestre, imaginem a falsa concepção que ele teria do mesmo. Todo o universo parecer-lhe-ia na forma de um plano. Conseqüentemente, negaria toda e qualquer manifestação fora do seu próprio plano, em seu éter. Esse ser, caso existisse, seria incapaz de explicar todos esses fenômenos, a que chamaria de milagrosos, além do espaço, ou até de "terceira dimensão". Porém, se resolvesse se dedicar à pesquisa desses fenômenos, perceberia certa dependência em outros acontecimentos nesse misterioso plano e, de acordo com certas leis. Então, o "ser plano" não mais consideraria aqueles fatos como milagrosos e trataria de explicá-los por meio de complicadas hipóteses. Se este ser plano tivesse uma ligeira idéia do outro mundo paralelo ao seu, seria este o primeiro passo para a compreensão do universo.

Mas, mesmo assim, depois de me ouvir, Zilfos disse-me que daria mais um subsídio e assim falou:

– Figure você um exemplo muito conhecido pelos humanos em geral. Trata-se do sonho, onde vocês quase tocam com a possibilidade de melhor entender a quarta dimensão, conforme estou a lhe explicar.

– No sonho dos homens, não há o fator tempo, já reparou nisso alguma vez?

Pensei um pouco e resolvi responder que não, porque, na verdade, não tinha conseguido encontrar o fio da explicação. Afinal, não conseguia, sem maior auxílio, ver com clareza o que ele me dissera – que nossos sonhos se realizam em outra dimensão e não se prendem ao fator tempo.

– Bem, continuou a falar, lembre-se agora de algum sonho seu e, então, você . . . mas não completou a frase. Parou quando assim falava e mudou a forma de explicação.

– Não. Achei um meio melhor de mostrar-lhe: lembre-se de qualquer sonho seu que tenha sido interrompido por algum ba-

rulho do mundo real em seu redor – uma porta que bate, uma buzina, um assovio que fosse. Lembra-se você de ter tido essa experiência, de acordar com um barulho real em meio a um sonho?

– Sim, eu me lembro. Por incrível que pareça, por várias vezes isso se deu comigo. Quase sempre que alguém batia à porta do meu quarto com o intuito de acordar-me, eu misturava o barulho real no sonho que se desenrolava e o barulho havido no mundo real, que imediatamente se encaixava na estória de meu sonho, mesmo variando a fonte e forma desses barulhos, pois por vezes foram os latidos de cachorros, vozes, buzinas, assovios, gritos, telefone, etc.

– Mas o que prova isso? Não entendi ainda, disse-lhe.

Zumiar sorriu como de costume e disse:

– Bem, se você admite que está sonhando, e esse barulho passou a fazer parte da estória do seu sonho, você se põe diante de algumas hipóteses, mesmo dentro do seu raciocínio humano:

Primeira hipótese: Alguma coisa em você, ou seu sonho, já sabia de antemão que iriam fazer o referido barulho, que se encaixou, integrando-se à estória do seu sonho ou; segunda hipótese: Vocês sonham, ao contrário da estória da qual se lembram ao acordar e ao contrário dos acontecimentos, ou seja, do fim para o começo.

Esse hipótese, apresento-a apenas para que você note que é possível encontrarmos soluções com lógica aceitável, se pensarmos sem os vícios de raciocínio aos quais já nos acostumamos.

Mas tenho ainda uma 3ª hipótese; espero que lhe ajude a entender a quarta dimensão. Vocês, quando sonham, não estão mais presos ao fator tempo. Ficando mais fácil admitir que lhes seria possível estarem, verem ou sentirem a quarta dimensão, pois ela está intimamente ligada ao fator tempo e espaço. Seria a ausência do tempo. Não há o tempo, para o homem, quando ele sonha.

O tempo, na realidade, é uma invenção do homem para facilitar-lhe o raciocínio e o entendimento das coisas terrenas, mas que esbarra na dúvida e no não-entendimento quando se tenta aplicá-lo às coisas extraterrenas e também, é claro, aos sonhos. Neste caso, a quarta dimensão é percebida por vocês, mas somente através de seus sonhos é que conseguem tocá-la, não a conhecendo por inteiro; o que importa é que tenha com essa idéia, apenas admitido a possibilidade da quarta dimensão, para

que nós possamos lhe mostrar nossos documentos, captados por nossos iguais em sua Terra e, para tanto, tiveram que se colocar nessa dimensão e, portanto, invisíveis para o alcance dos olhos humanos, percebe?

Respondi que admitia a possibilidade e estava pronto para ver os documentos referidos por ele. E que aceitava a possibilidade de que seres podem tornar-se invisíveis aos nossos olhos humanos, mesmo porque já sabia que há uns raros humanos, na Terra, que poderiam "enxergar" nesta dimensão.

– Vamos, então, às reportagens.

Dizendo isto, recostou-se e, imediatamente, acendeu-se o vidro da bola que mostrava, panoramicamente, uma cena da Terra em nossos dias atuais. O local, a meu ver, deveria ser no continente africano. A cena era de guerra ou revolução e havia soldados e civis, na maioria negros, que se entregavam à mutilação dos homens, mulheres e crianças brancas.

Em seguida, em outro trecho, via-se o contrário – brancos exterminando negros. Presumi que esta cena se desenrolava também na África de nossos dias. A imagem desapareceu e, em seguida, houve uma nova tomada de cena. Dessa vez, deveria ser na Ásia, pois havia muitos soldados de raça amarela e muitos civis, também. Víamos, nessa tomada, uma pequena aldeia cortada por um rio. Segundos depois, apareceram aviões ocidentais em vôo rasante, disparando foguetes dotados de incríveis bombas. Tinham elas a propriedade de, ao explodir em terra, espalhar numa grande área, uma gelatina viscosa e incandescente, que queimava profunda e mortalmente todas as pessoas atingidas. Havia outras que, ao explodir, espalhavam milhões de uma espécie de pregos de aço, que se cravavam nos corpos já inertes ou em pessoas ainda vivas, escondidas ou correndo por toda a cidade e pelas plantações adjacentes.

Por vezes, apareceram em cena outros aviões que espargiam um pó sobre as plantações e florestas que circundavam as cidades, fazendo com que, imediatamente, toda folhagem começasse a morrer, até que toda a região atingida transformava-se em imensa área seca e morta, deixando ao desabrigo, em conseqüência, qualquer pessoa ou soldado que ali se tivesse ocultado, tornando-o, assim, alvo fácil. Ao mesmo tempo, inutilizava toda a flora e toda a fauna locais.

Novamente tivemos mudança de cena. Dessa vez, vimos

soldados asiáticos lutando e matando soldados ocidentais, também com requintada selvageria.

Os filmes sucederam-se, mostrando-nos, ora cenas de matança em um continente, ora em outro, delas participando soldados e civis de todas as raças conhecidas que habitam o planeta Terra. Foram cenas rápidas de vários trechos de lutas no deserto, nas matas e nas cidades, que se desenrolaram durante bastante tempo de projeção.

Depois, houve uma regressão na época, pois as armas empregadas foram involuindo em tecnologia e poderio. Passamos, assim a épocas ainda mais remotas. Apareceram em cena, nessa retrospectiva, lanceiros, arqueiros, guerreiros com elmos e armaduras. Vimos, também, combates em navios movidos a vela. Enfim, foi percorrida integralmente, embora em flashes rápidos, toda a história das guerras dos homens, ou melhor, toda a história dos homens, sempre em guerras, em todas as épocas.

Ao terminar a série desses filmes, apagou-se a luz da bola que servia de tela e todos nós nos movimentamos em nossas poltronas, para, mudando nossa posição de espectadores, passarmos novamente à conversação.

Zumiar retomou a fala, dizendo-me:

– Não vamos continuar agora o diálogo que precedeu as tomadas que acabamos de assistir, pois gostaria que essas cenas se fixassem em sua memória, até voltarmos a esta sala, quando continuaremos. Agora, vamos interromper, para que você possa descansar e alimentar-se. Vá ao seu quarto, enquanto nós ficaremos aqui. Afinal, você já conhece o caminho e, plagiando uma frase de seu planeta: "considere-se em casa."

Levantei-me e fui da sala até meu quarto, cuja pequena distância percorri rapidamente. Entrei e sentei-me na poltrona. Percebi que sobre a mesa haviam colocado travessas com comida quente, pois ainda estavam fumegantes.

Fui ao banheiro, tirei a camisa e lavei o rosto com vigor, talvez querendo me livrar de tanta sujeira que acabara de ver. Sentia-me contaminado, creio. Enxuguei-me e voltei ao quarto. Sentei-me para comer e fiquei alguns segundos parado, ainda pensando. Eles tinham razão. As cenas eram para ser fixadas e realmente o foram. Não conseguia me esquecer de toda aquela violência, intensa e inútil. Ficara tristemente demonstrado que o homem, de fato, sempre estivera e ainda continuava a empenhar-se em lutas, uns contra os outros.

Para mim, agora na nova perspectiva que me fora dada como um "de fora", acentuava-se o paradoxo desse comportamento desvairado e, sobretudo, inútil. As armas, usadas com destreza, foram modificadas aumentando seu poderio de destruição e com o passar do tempo aprimoradas, mas o homem, não. Foi e é ainda o mesmo. Que pesar me dava isso – agora, mais do que há pouco, quando assistira aquelas cenas. Sentia-me envergonhado de ser também um "homem terreno".

Foi com esse sentimento que, como se quisesse cortá-los de minha mente, levantei as tampas das travessas à minha frente: havia frango assado, batatas, salada e frutas. Comi absorto, envolvido novamente em meus pensamentos. Após, escovei os dentes e sentei-me, disposto a escrever o início do meu diário.

Remexendo minhas malas, vi-me numa situação assustadora: havia-me esquecido de pôr nas malas papéis para escrever. Como iria fazer? Puxa vida, que azar o meu! como fora esquecer coisa tão importante? Lembrei-me que, quando ainda em Terra, combinara a minha viagem e a condição que lhes propus foi a de que somente os acompanharia se me permitissem elaborar um diário, o qual eles mesmos deveriam fazer chegar às mãos dos meus amigos da Terra. E agora? Com certeza eles não possuíam papel. Eles não o usavam para nada, e muito menos canetas ou lápis. Bem, caneta eu trouxera duas – um jogo que carregava por hábito, uma esferográfica e uma tinteiro, mas não trouxera nenhuma carga sobressalente. Se houvesse papel, acredito que as canetas teriam carga suficiente para escrever um pequeno relato, pois o prazo que lhes pedira só permitiria algo sucinto. Mas e o papel? Sem ele, nada feito.

Absorto, não conseguia achar uma saída para o problema. Ocorreu-me, então, consultar Zumiar. Realmente, era muito importante para mim, e com certeza para todos nós, que eu escrevesse meus relatos e os mandasse para meus amigos.

Resolvi comunicar-me com Zumiar pelo sistema que aprendera; falaria àquele quadrado vermelho que servia para nossas comunicações verbais à distância. Aproximei-me do quadrado e falei:

– Zumiar, ou quem quer que esteja à escuta, falei e aguardei.

– Fale, diga o que quer, o que deseja, responderam.

– Bem, disse, é que constatei um fato de alguma gravidade para mim. Não me lembrei de trazer papel para escrever e, as-

sim, não poderei redigir meu diário ou relatório para que vocês o levem à Terra e façam-no chegar às mãos do Flávio, conforme nossa combinação anterior. Como vou fazer? Será que você ou algum dos seus, ou mesmo dos iguais a mim, lá da plantação, teriam um bloco de papel? Talvez um caderno, para que eu pudesse escrever?

– Não sei, de momento, se os outros homens têm dentre os seus pertences o que você precisa, vou me informar. Quanto a nós, não possuímos tal coisa, asseguro-lhe. Acalme-se que, em seguida, lhe informarei. Mais alguma coisa? perguntou.

– Não, é só. Muito obrigado.

Fiquei ali, parado, pensando comigo mesmo. Quanto eu havia me preparado para essa viagem, as malas tinham sido estudadas com excessivo zelo, com o cuidado de quem viajaria para um lugar sem recursos comuns. Não poderia esquecer nada. No entanto, agora, via que esquecera o principal. O principal! pensei eu.

Lembrava-me das minhas providências na Terra, nos trinta dias que me deram para colocar em ordem meus assuntos, antes do embarque: o Banco, as contas a pagar e a receber, as propriedades a vender, a nomeação de um procurador, o destino a dar ao dinheiro que conseguisse, as despedidas dos amigos que fizeram parte do grupo e que viveram comigo as emoções desses contactos até o final, que culminou com essa minha viagem; os planos com relação à utilização das informações que eu mandaria sobre as coisas que para nós estavam no terreno das suposições, pois nada sabíamos, como ainda não sabia quase nada, mesmo ali agora.

Enfim, a interrupção de todo o trabalho, as pessoas a quem tivera que mentir, dizendo que iria mudar-me para o exterior, sair do Brasil definitivamente, e ainda mais, pois lhes assegurei que lhes escreveria regularmente. Quanta mentira tivera que inventar! A família, aí sim é que foi difícil! Nem é agradável lembrar o quanto foi difícil especialmente essa despedida. E agora essa: esquecer os papéis. Puxa, como me aborreci com isso! Mais ainda, pelo desapontamento dos amigos que esperavam notícias. Simplesmente, eu me esquecera os papéis. Lembrei-me até de trazer livros: três, ao todo, sendo dois que constantemente gostava de reler e o terceiro . . . foi quando me deu o estalo. Sobressaltado, peguei um deles no armário – meu livro de anotações. Isso mesmo, pensei. Dá para escrever nele.

Usarei o verso das páginas em que costumava escrever pensamentos que tivera em intensas ocasiões de minha vida, para relê-los, às vezes. Isso mesmo. Mandarei para os amigos da Terra o livro de anotações, usando o verso das páginas que estão em branco, pois já o havia usado quase por inteiro, na forma usual de escrevermos. Fiquei tão contente com a solução que, pegando o livro, invertendo-o, comecei a escrever imediatamente, até o ponto em que estou. E assim vou continuar até o momento de remetê-lo para meus amigos. Só não sei como saberei quando terá chegado o meu prazo para entregar-lhes o relatório, pois não tenho a menor idéia de hora, nem mesmo de dias decorridos desde minha partida.

Chegando a este ponto do relatório, fiquei à espera que me chamassem, conforme me haviam prevenido que o fariam quando, há pouco, interrompemos aquela sessão. Coisa estranha, pensava eu, estar em um lugar onde não há noites. Só dias e claridade constante, o tempo todo. Os dias são claros, bonitos, a temperatura é estável, amena, mas as noites fazem falta para quem já as viu e viveu nesse sistema por quase 40 anos, como eu.

Dormi quando me mandaram, comi quando me aconselharam que o fizesse e agora, por exemplo, não sabia quando me chamariam novamente. Creio que, em termos de horas, já estou aqui em meu quarto há quatro horas, pois comi, escrevi muito e descansei, sem contar o susto da falta de papel para o diário. É estranho isso de não haver noites para dormir, mas aqui não me sinto como quando viajava da América para a Europa ou para a Ásia e ficava uns três dias ou mais para me acostumar com a diferença de horário para comer, dormir e tudo o mais. Acho que sei porque. Não se trata mais de dar importância a nada. Só existe, agora, uma meta e sou todo atenção a isso. Assim, nada mais me molestará. Não terei, sequer, a preocupação que tantas vezes me assaltou, quando em viagem, de mudar de hotel porque não me sentia bem acomodado.

Aqui não. Este é o lugar definitivo. Mas, não é também como se estivesse em um cárcere, onde a pessoa não tem alternativa e precisa agüentar. Aqui, não sinto nada ruim ou desagradável. Vejo-me aqui, agora, como que vivendo fora da vida. Estou aqui, e é como se pela primeira vez me sentisse vivo. Sou, agora, mais do que simplesmente um corpo. Sinto-me integralmente: sou eu, e o meu corpo e suas necessidades não contam

mais. Ele é de somenos importância. É apenas o veículo que me permite ir e vir, sentir e ver; é apenas isso.

Anteriormente, já ouvira falar e lera sobre esse estado, como um estado a ser alcançado com muito esforço e dedicação espiritual. O respeitoso abandono do corpo, a constatação do invólucro, a troca consciente do invólucro pelo essencial: e agora sentia-me assim. Era muito agradável, realmente, sentir-me assim.

Percebendo isso, vi que achava mérito em mim, no fato de ter conseguido chegar a esse ponto; concluí, também, que eu tivera a felicidade de ser colocado nessa posição. Não houve o esforço do iogue ou do asceta. Eu apenas "ganhara de presente" essa posição. Mas, então pode ser verdade que se a ganhei é porque a mereci, pois sei que em meu passado houve, às vezes, muita coisa de que tomei conhecimento sem ter entendido e que, depois, à custa de novas experiências e de muitos esforços, ao me deparar com o mesmo acontecimento ou ensinamento em outra nova oportunidade, algo se abria no meu entendimento, em um segundo, para uma compreensão que não havia atingido antes e, no entanto, tivera ocasião de tocar.

Pensei comigo, só conseguiria possuir o segredo quando o merecesse. Novamente, lembrei-me da frase constante nos livros antigos: "O segredo se guarda sozinho". Se consegui relegar o meu corpo ao plano secundário que ele deveria ocupar, é porque realmente mereço agora esse entendimento, e a prova irrefutável de que o conseguira residia no fato de eu ter deixado tudo, na Terra, e aceitado vir para cá, nesta viagem sem volta.

Fiquei feliz com este fato, pois sentia o esforço premiado, e essa é a espécie de felicidade que é só da gente. Não aquela, falsa, que se alardeia ou se mostra. Acho que é esta a única forma de autêntica felicidade que o homem conhece, pois é a felicidade do presente. O pobre homem costuma "desejar" felicidade, colocando-a, portanto, em forma de "pensamento". Nada real.

Há momentos em que o homem consegue, em sua vida, contatar um lampejo de felicidade que imediatamente perde, porque o seu condicionamento automatizado impele-o a tentar conservar esse estado, projetando-o em futuro duradouro. Tudo se transforma, assim, em "pensamento", deixando de ser real. Obter a continuidade daquele estado é mais importante do que

forma usual que os homens o fazem. Na verdade, poucos homens pensam ou, sequer, já pensaram na vida. Na maioria, conhecem apenas pensamentos já pensados. Para "pensar" é preciso estar "presente", algo realmente raro no homem autômato.

Lembrei-me, então, do diálogo que reproduziram para que eu assistisse, quando Zumiar e eu trocávamos idéias sobre a felicidade, senti-me envergonhado e, ao mesmo tempo, contente, por ter mudado essencialmente em apenas, aproximadamente, dois anos. O meu conceito de felicidade era aquele do diálogo – eu também me cingia aos ditames dos desejos. Mas agora não é mais assim; eu tinha a certeza da verdade integral e pura que buscava. Como se, repentinamente, no meio da floresta escura, um relâmpago a iluminasse e mostrasse o caminho certo a seguir. Eu estava ali. A floresta era densa, mas eu tinha os relâmpagos para me auxiliar na busca da meta, e o meu caminho se mostrava claro e seguro. A ausência de desejos mundanos fora a prova final desta muda certeza, bem como a decisão consciente que me fez viajar para cá.

Desta vez, o que estava ocorrendo dava-se por minha própria escolha e determinação.

– Está pronto? perguntou Zumiar através do intercomunicador, interrompendo meus pensamentos.

– Sim, respondi, estou.

– Então venha quando puder. Estamos na sala de reuniões, à sua espera.

– Fui, e quando entrei, constatei que os componentes eram os mesmos com os quais já havia travado conhecimento antes.

– Então, disse Gaduan, está com um problema grave? Faltam-lhe meios para escrever seu relatório? Não trouxe papéis, não é? Nós já pedimos aos seus companheiros humanos que vasculhassem seus guardados, no intuito de acharem papéis, de qualquer cor ou formato, para fazer um ou mais cadernos de anotações. Foi o que dissemos a eles e creio estarmos certos, não?

– Não, não se incomodem mais com isso, nem mesmo incomodem a eles. Já consegui resolver esse problema e estou até muito alegre por ter encontrado a solução que me permite escrever meus relatórios que, aliás, já iniciei.

– Então, se já está tudo sob controle, vamos continuar nosso trabalho, disse ainda Gaduan, recordando nossa última

conversa, quando dialogávamos sobre a alma e lhe mostramos aquelas cenas do seu planeta. Lembra-se?

– Sim, perfeitamente. Era esse mesmo o tema de nosso assunto quando o interrompemos, respondi-lhe.

Zilfos perguntou-me, em seguida:

– Acha você, voltando ao tema, que aqueles homens que vimos torturando seus semelhantes ou lutando, não só querendo, mas empregando um selvagem requinte de perversidade, transbordando de ódio em suas ações, são pessoas também dotadas de uma partícula do divino, como admitiu você, e todos eles, portanto, possuem alma?

– Sim, é nossa opinião, na Terra, que os homens possuem alma, respondi-lhe como quem, apenas, dá uma informação, mas sem a endossar; o que realmente pensamos é isso.

Com essa pergunta, entendi o porque daquela conversa anterior com o tema de almas.

– Então, disse Zilfos, deixemo-nos ficar neste ponto, por enquanto, e passemos a ver outros relatórios que nos vieram da Terra, enviados por nossos iguais que estão lá neste momento. O relato que vamos lhe mostrar veio de alguém que não sabe, geograficamente, onde realmente se encontra. Além disso, esse nosso companheiro também nada sabe a respeito de vocês, nem o que faremos com os relatórios que nos remeter, desconhecendo, portanto, os nossos objetivos em possuirmos tais informações. Agimos assim, no intuito de conseguir uma total e absoluta isenção de ânimo nos informes. Queremos que eles nos cheguem o mais puro que pudermos obter. Este que agora lhe mostramos é um relato sem imagem. Haverá apenas a transmissão da voz. Então, vamos imediatamente a ele.

Assim dizendo, apertou um botãozinho preto à sua frente e o quadrado verde que estava incorporado ao balcão ou mesa à nossa frente iluminou-se, e Zumiar disse, interrompendo:

– Espere, falta esclarecer, também, que o relatório não está no original, mas sim na língua da Terra, já traduzido e adaptado para o seu entendimento, o que, para nós, dará no mesmo, pois também o entendemos. Como você já deve ter notado, nós temos dialogado com você dentro dos seus próprios limites de entendimento e compreensão.

Então veio a voz no aparelho, com a seguinte mensagem:

– Após o nosso desembarque dentro do mar, nele deixamos nossa nave e fomos em direção ao continente próximo. So-

mos dois companheiros nessa pesquisa. Os demais nos aguardam na nave que ficou na água, estacionada até que voltemos. Pelos nossos censores e pelas tomadas que fizemos, ainda no ar, verificamos que os habitantes deste planeta só conhecem até a terceira dimensão, de modo que adotaremos uma forma em outra dimensão por eles desconhecida e seremos, então, invisíveis a olhos humanos.

Era possível isto, pensei, dentro de um raciocínio lógico e de acordo como que já havíamos falado antes e eu lido, conforme expliquei em um trecho anterior deste relato.

Continuei, portanto, a ouvir a voz que partia do referido quadrado verde, sem interromper:

– Ao chegarmos próximos da praia, deparamo-nos com muitos seres humanos a brincar correndo atrás de uma bola e outros que, com raquetes, jogavam bolas de um lado para outro, sobre pequenas redes estendidas entre eles.

Seguimos em frente e olhamos para a cidade. É toda compacta, cheia de edifícios, com muita gente pelas ruas, nas janelas e nos terraços. Não há, aparentemente, uma razão lógica para essa concentração de edificações, pois há uma imensidão de terras e praias vazias para os outros dois lados e para trás desta pequena cidade. Alguns outros lugares próximos também completamente vazios e ermos. Nas ruas desta cidade, há veículos de vários tamanhos e cores, todos carregando gente em seu interior. A maioria faz barulho excessivo, sendo que um tipo de veículo, pequeno, de duas rodas apenas – que só leva uma ou, no máximo, duas pessoas – faz muito mais barulho que os demais.

– Há uma fumaça tóxica que é expelida por esses veículos em grande quantidade, porém, os humanos parecem não ligar a esse fato, pois andam em todas as direções e sentidos em volta desses fumacentos veículos, sem, aparentemente, se sentirem molestados, nem pelo barulho, nem pela fumaça.

– Há diversas casas abertas ao povo, onde se troca dinheiro por alimentos, sorvetes, ou bebidas.

Neste ponto, Elmer, premindo um dos botões à sua frente, fazendo com que o som desaparecesse, disse-me:

– Aqui, neste ponto, você nota claramente que já tivemos o trabalho de adaptarmos o relatório para o seu entendimento, pois os nossos companheiros, não nos disseram, por exemplo, dinheiro, mas sim relataram que os humanos trocam pedaços de papel colorido por doces gelados que sabemos serem, no caso,

sorvetes, e assim por diante. Mas, mostramos a você este relato já traduzido, ou melhor, adaptado à sua linguagem, para que nos acostumemos a analisar os informes vindos da Terra com seu auxílio.

Premiu novamente um botãozinho à sua frente e a narrativa continuou do ponto onde parara:

– Ao analisarmos de perto as bebidas que ingerem com aparente satisfação, ficamos intrigados: são tóxicas para o organismo humano. Surpreendeu-nos algo que pode parecer bizarro: os humanos, em geral a maioria deles, pelo menos homens e mulheres e, até, algumas crianças têm o hábito de colocar na boca um tubo pequeno, branco, que acendem na outra extremidade, para depois tirar desses referidos tubos, aspirando-os, uma fumaça que mantêm dentro do organismo para, logo depois, tornar a expelir. Há uma variedade de tamanhos e de cores desses tubos, mas uma coisa é certa – essa fumaça também é tóxica. Vimos, pelas ruas, grandes cartazes com fotos de seres humanos com expressão de felicidade e alegria estampada em seus rostos, ostentando um desses tubinhos entre os seus dedos, dos quais tiram e aspiram fumaça. As carteiras coloridas que guardam esses objetos são estampadas ao lado desses alegres rostos dos cartazes, em tamanho bem grande.

Nesse ponto, Zumiar interrompeu o som, calcando o dedo em um botão à sua frente, e disse:

– Deixamos, de propósito, a informação em versão menos rigorosa, pois poderíamos dizer simplesmente cigarros, como traduzimos para alimentos e bebidas as outras informações que nos mandaram, mas foi para que você sentisse, de perto, como um de nós, que nunca viu seres humanos ou teve notícias sobre eles, encararia o fato. Como aconteceu neste caso, o fumar, ou outra qualquer das atividades de vocês, lá na Terra. Assim, você também será levado a fazer uma análise de outra perspectiva, sem o próprio envolvimento.

Pensei a respeito e notei que ele realmente fizeram bem em fazer esse comentário, pois seria preciso que eu também procedesse como o seu companheiro que estava lá na Terra, ouvindo, vendo os relatórios, analisando-os, sem me envolver, como se eu também não conhecesse nada da Terra, e fosse um mero visitante curioso. Só dessa forma poderia realmente compreender bem os informes que eles viessem a me mostrar ou fazer-me ouvir.

– Bem, disse Zilfos, agora você tem em mente o que aqui lhe mostramos, pois é importante para o nosso diálogo que você saiba receber bem as informações como um de nós e, em conseqüência, poderemos discutir impressões, chegando às decisões.

Não entendi o que ele quis dizer com "decisões", nada perguntei, e não foi preciso, pois Zumiar olhou-me e disse:

– Você terá, brevemente, inteiro conhecimento de nossos propósitos e sobre o que teremos que decidir.

Mais uma vez, tive a sensação de que, quando assim se dispunha, Zumiar conseguia ler meus pensamentos. Resolvi, então, fazer-lhe uma pergunta – a primeira vez que ousei fazer uma pergunta, demonstrando apenas e tão-somente curiosidade.

Perguntei se ele tinha a faculdade de ler meus pensamentos. Era diferente de quando nos comunicávamos por telepatia, porque naqueles nossos encontros anteriores eu queria emitir a mensagem e, agora, apenas pensava para mim, sem tentar transmitir, e até mesmo não querendo que ele captasse.

Zumiar respondeu-me:

– Em respeito à sua curiorisade, esclareço-lhe que, de fato, a resposta é positiva. Sim, nós podemos ler os seus pensamentos, desde que estejamos intencionados em conhecê-los. Mas, isso não deveria causar-lhe tanto espanto, pois vocês, da Terra, também têm essa faculdade, como muitas outras que foram caindo em desuso até a conseqüente atrofia e, até mesmo, completo desaparecimento. De vez em quando, por exemplo, vocês têm notícias de uma pessoa que pode exercer determinada função, a qual os humanos denominaram "paranormal" e se abismam com essa constatação. Há, inclusive, shows de teatro ou de TV com a finalidade de mostrar algumas dessas faculdades reais de raras pessoas. Não é de se estranhar esse comportamento. É pena que isso tenha acontecido a vocês. Foi a exacerbação do interesse, de dentro para fora, que matou em vocês o interesse do "de fora para dentro". A conseqüência foi a desvalorização da potencialidade do homem e do muito que ele é, ou poderia vir a ser. Você, que é um pesquisador de assuntos paranormais, como encara esses fatos?

– Agradeço-lhe, mas quero deixar claro que não sou, ou melhor, não fui um pesquisador de assuntos "paranormais" ou "sobrenaturais". Não encaro esses "fatos" como sendo assim. Não há, em minha opinião, o sobrenatural ou o paranormal, em última análise, pois o que há é a falta de informação ou conheci-

mentos sobre os fatos ou acontecimentos dessa ordem. Creio, também, que o homem, como disse você há pouco, tem realmente possibilidades que desconhece e que as perdeu, principalmente pelo desinteresse em cultivá-las. A meu ver, isso do homem ser ou tentar possuir uma faculdade paranormal não é tão importante, pois "força" ou "poder" não levaria essa pessoa a nenhuma evolução, no sentido verdadeiro, sendo, até mesmo, um poder perigoso. O perigo reside na possibilidade que as pessoas se envaideçam e se julguem melhores que as demais e que, em decorrência desse fato, passem a agir como se devessem ser deferenciadas pelas outras, por causa dos tais poderes, e cheguem até mesmo, a inventar novas faculdades que não possuam. É comum encontrarmos, na Terra, pessoas que pretendem "ajudar" os outros com seus "poderes", possuídos ou criados, cobrando por essa ajuda um pagamento em prestígio, veneração ou mesmo dinheiro.

Mas, não sendo eu um pesquisador desses assuntos, intitulo-me, sim, um observador desses "casos". Portanto, não chegaria nunca a ser mais do que um mero curioso, pois faltam-me, basicamente, as características do pesquisador que, a meu ver, são: o interesse, a paciência, a vontade, e a obstinação com relação unicamente a seu objetivo, envolvido em vaidade.

Sobre os chamados fenômenos sobrenaturais, meu interesse é da mesma intensidade que seria para com uma eclipse solar ou para com a notícia da passagem de um cometa próximo à Terra. Eu apenas me postaria prazerosamente para assistir ao espetáculo. Respeito muito os que possuem poderes, não pelos poderes em si, mas única e exclusivamente quando fazem de sua vida interior e exterior uma fonte de amor ao próximo, sem vaidade e sem visarem a vantagens pessoais. É preciso que esses superdotados tenham muita humildade. Acima da de um ser comum, para que consigam realmente ajudar e não prejudicar aos seus semelhantes. Apesar de, sem dúvida, serem muitas vezes bem intencionados, a boa intenção, aí, como na maioria dos casos em que ela aparece, não adianta. Ao contrário, só prejudica, pois a crença, nesses casos, geralmente é cega, e portanto, desaparece a lógica e o raciocínio que só o saber traz. Daí o risco de erros profundos, no lugar de pretensa ajuda.

Percebi, quando assim falava, que estava outra vez naquele processo de justificações em que, comumente, me colocava em conversa com os meus amigos lá na Terra, e do qual, por estar

ali, agora, pensava estar livre, achando que em minha fala haveria somente a vontade de expressar minha opinião. Na verdade, ainda me surpreendia com aquela mesma intenção velada e pobre de "aparecer". Não queria mais estar preso a esse tipo de coisa. Não precisaria mais me mostrar capaz, bom, inteligente, digno de confiança, justificando a boa escolha que eles haviam feito, ao me propor que os ajudasse no seu projeto. Só isto bastaria – eu afinal poderia mostrar-me como sou realmente, e ponto. As oportunidades de colocar-me frente a esse tipo de prova deveriam ser por mim aproveitadas. Agindo assim francamente para comigo mesmo, senti-me, então exercendo plenamente esse dever.

Houve uma pausa silenciosa que, poucos depois, foi cortada pela voz de Zumiar, que dizia:

– Agora, seria bom que vissemos uma nova tomada de impressões lá da Terra, assistindo e ouvindo um novo relatório pelo vídeo. Depois, comentaremos novamente, até que você esteja preparado para ouvir maiores explicações sobre a nossa missão, o "Projeto Terra".

Assim que terminou de exprimir-se, apertou o botãozinho preto à sua frente. A tela panorâmica acima de nossas cabeças iluminou-se; imediatamente, começaram a aparecer as cenas que se seguiram.

Aparentemente, eram cenas da última guerra que agora reproduziam. Não mais os campos de batalha ou as lutas em geral, mas sim, cenas variadas de diversos campos de concentração. Já havia tido a oportunidade, na Terra, de ver filmes parecidos, mas mesmo assim, não podia vê-los, agora, sem sentir incrível mal-estar.

O realismo das cenas era perfeito, do ponto de vista técnico, assisti-las como um "de fora" muito mais profundamente me chocava e me horrorizava, sem que eu atinasse bem porque. Os locais, como disse, eram variados, bem como os sistemas de aprisionamento, tortura e matança, porém, sempre impressionantemente cruéis. Do ponto de vista de análise do comportamento humano, vergonhosos.

As criaturas ali detidas eram amontoadas em estreitos galpões com uma espécie de prateleira de ambos os lados, onde ficavam uns encostados aos outros, todos com imundos uniformes de zuarte, com os mesmos números repetidos nas calças e nas camisas. Às vezes, via-se o antebraço de um dos prisionei-

ros, também numerado em tinta de tatuagem. Vimos diversas cenas parecidas a essa. Deveriam ser centenas de campos semelhantes, todos bárbaros.

Vimos também cenas de fuzilamento em massa, ocorridos em pleno campo aberto. Neste caso, os presos estavam todos nus e as suas roupas, recém-tiradas, amontoadas ao lado dos soldados armados. Velhos, moços, homens, mulheres e crianças, magros, abatidos, silenciosos, agrupavam-se para morrer sem mostrar a menor reação ou dizer qualquer palavra, dando a impressão de que até se alegravam com a chegada do fim daquele pesadelo em que viviam.

Outras cenas mostravam valas enormes sendo abertas pelos próprios presos que, depois se despiam, apesar do frio e da neve, e se postavam de pé, com as costas voltadas para o buraco recém-aberto, à frente dos soldados que atiravam para matá-los e depois, simplesmente, cobriam aqueles corpos amontoados com terra fofa que ficara ao lado da vala. Prolongadamente, vimos esse tipo de cenas. Todas parecidas, em horror e selvageria sem limites.

Em seguida, vimos cenas mais recentes, envolvendo agrupamentos humanos em condições de inanição acentuadíssima. Homens, mulheres e crianças seminus, agachados, deitados ou sentados em pleno sol, cavando a terra com as mãos e comendo-a. Eram cenas de outro tipo de barbarismo, egoísmo e descaso do homem. Eram cenas da *fome* – o retrato da fome, sem retoques. Pensei tratar-se da África, talvez Biafra. As cenas foram se sucedendo, e suponho que também mudando de continente, mostrando ora desertos, ora aldeias, ora pequenas cidades, onde apenas a fome era uma constante. Que horror assistir e permanecer impassível a tanta necessidade, pensei. Mas, quantas vezes, lembrei-me, fomos informados de que regiões inteiras estavam sendo dizimadas, com a sua população quase que toda morrendo à míngua, fosse na África, na Índia ou em outros lugares, sem que isso motivasse revolta ou esboço de um gesto qualquer de peso, que viesse a impedir tal desgraça.

E os lances se seguiram por mais algum tempo, chocantes, aparentemente, todos contemporâneos. Depois, a situação mudou completamente. Apareceram no vídeo crianças saudáveis, que brincavam ao sol em um parque público, num país desenvolvido qualquer. Eram risonhas e brincavam alegremente. Por algum tempo, sucederam-se cenas desse tipo, que amenizaram a

crueza das assistidas anteriormente; deram uma perspectiva de comparação que me deixou confuso e sem explicação sobre o procedimento dos irmãos homens. Assim, as tomadas de ruas foram saltando, ora mostrando favelas imundas e desumanas, ora cidades limpas e bem cuidadas. Sentíamos, então, as contradições e os paradoxos do dia a dia de qualquer ser humano, em qualquer lugar de nosso mundo.

Foi quando Gaduan apertou o botão à sua frente e interrompeu a projeção, dizendo-me:

– Como vê, temos a técnica para colocar as projeções em ordem, de maneira que você as entenda e as reconheça como verídicas, além de poder distinguir a ocasião em que ocorreram e, provavelmente, até a região onde foram filmadas. Sabemos que isso é importante para vocês, pois os seus costumes mudam sensivelmente de uma região para outra, na mesma época. Esse é outro problema que lhe apresentaremos, se necessário, em outra ocasião.

– Agora, gostaríamos de lhe dizer que possuímos alguns relatos e projeções que nos colocam como diante de um enigma. Além de não entendermos o que estão fazendo, também não entendemos o motivo desse comportamento. Você verá, agora, um exemplo da necessidade que temos de contar com o seu auxílio. Mostraremos a primeira projeção que tanto nos intrigou e então faremos as perguntas. Trata-se de uma das mensagens emitidas por um dos nossos que está pesquisando na Terra, sempre com a finalidade de instruir o projeto de que tanto já lhe falamos, o qual, aos poucos, se tornará mais claro para você.

Não tinha ainda compreendido a finalidade dos filmes, mas pensava que se queriam dar maios relevo ao comportamento do homem, em geral, deveria ser para melhor analisá-lo. Mas, por que o faziam? Não saberia, a não ser que me dissessem, pois nada me ocorria que justificasse pesquisar o homem tão profundamente e em tantos setores diferentes.

Agora que Gaduan dissera que iria projetar uma cena que não entendera, mais se aguçava minha curiosidade, pelo que fiquei bastante atento.

Novamente a tela se iluminou e apareceram cenas que, à primeira vista, nos mostrava muitos prédios, parecendo ser a cidade de Nova York, ou outra qualquer das grandes cidades norte-americanas, facilmente identificáveis por mim apenas em razão dos conhecidos modelos de seus automóveis. As mostras

da rua foram poucas. Logo, entramos em um prédio em que se ouvia forte vozerio, um pouco ao longe. À medida que adentrávamos no edifício, as vozes se tornavam mais fortes. Em seguida, apareceu na tela a seguinte cena, que foi assim se desenrolando: primeiro, um corredor imenso e largo, um grande *hall* e depois uma grandiosa sala redonda, com balcão em toda a volta. Havia nesse balcão como que um anfiteatro; nela, pessoas agrupadas, a maioria delas com canetas e papéis para anotações. Embaixo, no andar térreo, havia muitos homens em frenética gritaria, às vezes com os braços levantados, como que enlouquecidos. Às vezes, paravam de gritar e corriam para os telefones que estavam dispostos em fila enorme de aparelhos, a poucos metros do *hall*. Ao fundo, havia um grande painel com vários homens fazendo constantes anotações. Havia muita coisa escrita nesse painel que tomava a parede do fundo do grande salão. A gritaria era infernal. Não pude conter o riso que a nova perspectiva "de fora" de meus próprios irmãos terráqueos me provocava. Sim, com certeza era uma cena da Bolsa de Valores ou de Mercadorias de uma grande cidade. Que frenesi louco!

Levantei a mão, fazendo um gesto que logo foi entendido. Desligaram o aparelho, com o que desapareceu a imagem e principalmente o som, que era ensurdecedor.

Ficaram a me olhar e então comecei a falar:

– O que viram, há instantes, é lugar onde homens, que são autorizados e registrados para tanto, efetuam a compra e a venda de papéis que são comprovantes de propriedade de parcelas ideais de algumas empresas comerciais, industriais ou de serviços. Chamam esse lugar de "bolsa de valores". Temos outra, parecida, designada por "bolsa de mercadorias", onde outros homens, também cadastrados para poderem trabalhar, compram e vendem, por ordem de terceiros, mercadorias em geral. As mercadorias, bem como no caso da bolsa de valores, poderão estar em estoque, ou não, pelos seus vendedores.

Daí em diante, alonguei-me bastante no tema, tentando explicar tudo que sabia sobre o assunto das bolsas, onde os homens negociavam seus valores e mercadorias, partindo do pressuposto lógico de que eles nada sabiam a esse respeito. Falei até o momento em que me pareceu ter esgotado e esclarecido completamente o assunto. Quando, finalmente, parei de falar, disseram-me para ir comer e descansar em meu quarto, avisando-me novamente que se, e quando eu quisesse qualquer

coisa deveria comunicar-me com eles pelo interfone, pois da mesma forma agiriam eles.

Pareciam satisfeitos com as explanações sobre as bolsas de valores, porque não mais me perguntaram nada a respeito.

Ficaram na sala e eu me dirigi para o quarto. Ali sentei-me na cama e não sei porque me senti muito cansado. Olhei e sobre a mesa já haviam colocado a minha refeição que fumegava. Fui ao banheiro, tirei a roupa e tomei um banho reconfortante. Vesti roupa limpa e fui comer. Após a refeição, sentei-me para escrever este relato. Depois, fiquei descansando, sentado na poltrona, revendo em minha mente as mesmas cenas dos homens em guerra, que assistira no filme anterior.

Lembrei-me que no meu relato adjetivara de "bestial" aquelas atitudes e ocorreu-me que não deveria ter assim escrito. Eram atitudes, que se mostravam constantemente, no ser humano como nos fora dado ver e relembrar nos filmes assistidos, os quais demonstravam quanto o homem é beligerante desde a época em que o conhecemos ou que sabemos a seu respeito. Havia justificativas para esse comportamento, mas unicamente com relação às eras mais remotas. Justificação aceitável, dado que o homem, no passado remoto, só conseguiria sobreviver e subsistir se caçasse, e para comer tinha que lutar e vencer. Mas agora, com o advento da ciência, não havia mais motivos, nem justificativas para tal procedimento. Os homens nunca iriam se unir e explorar sábia e parcimoniosamente o que a natureza poderia lhes dar?

Ainda com o meu pensamento naquelas terríveis cenas de guerra, ocorreu-me que as desgraças mostradas não eram naturais, como o são os terremotos, os vendavais, os maremotos e outras, bem como não tinha visto nas projeções mortandade por epidemias ou convulsões naturais, dessas que destroem periodicamente a milhares de homens.

Esses acontecimentos referidos implicam realmente, por vezes, muitas mortes. Paradoxalmente, uma enorme mortandade de pessoas, no caso de guerras ou revoluções já são vistas com outros olhos. Aquele que se destacar em melhor ou maior matador, aquele que conseguir infligir maior castigo aos inimigos é aclamado como herói e o povo que assim procede clama, incrivelmente, que assim agem com a graça de Deus (?!).

O procedimento dos homens, visto por mim sob esta nova perspectiva, dava-me impressão nova, muito mais profunda do que a

que possuía quando eu vivia na Terra, pois sentia-me agora, como um estranho, um *deles*, agora que via a nossa Terra como um "de fora". As conclusões a que chegara, há pouco, davam-me a certeza de que os homens, de fato, haverão de conseguir autodestruir-se em pouco tempo. Esse pensar estar "de fora" fez com que me lembrasse daquele quadro flutuante, onde "eles" me mostraram a nossa situação física dentro do Cosmo. Pensava que, quando ainda na Terra, tinha uma noção da pequenez do nosso planeta em relação ao Cosmo, mas agora que vira aquele mapa, sabia que não podia sequer realizar o quão pequeno ele realmente é em relação ao todo apresentado.

Interessante, pensei, juntar esses raciocínios da nossa insignificância com o nosso procedimento costumeiro. Então, em síntese, concluí que o homem se ocupa, na maior parte do curtíssimo tempo de sua vida e trabalho, da destruição dos outros homens. Com este pensamento, adormeci. Ao acordar, não sabia quanto tempo havia ficado na poltrona sem mesmo tirar a roupa, mas o tempo e as regras de horário para comer ou dormir já estavam fora das cogitações das coisas que importam e, até me senti feliz com essa liberdade.

Ainda sentado, pus-me a lembrar que tivera novamente um daqueles sonhos, dos quais acordava sem saber ao certo se estivera realmente dormindo ou se aquele diálogo que recordava, tão vívido, não fora real.

Lembro-me que Zumiar, sentado à minha frente, em meu quarto, perguntava-me a respeito do meu entendimento relativo ao livre-arbítrio.

Respondera-lhe que não havia chegado à nenhuma conclusão que me satisfizesse plenamente. Alonguei-me explicando que havia mesmo me interessado em meditar sobre o tema, e que baseado em informações que obtivera em livros e outras fontes, pairava um paradoxo final; de um lado, a religião e outras fontes preconizavam a existência do livre-arbítrio nas decisões que o homem tiver que tomar, de outro lado, haviam outras fontes, como a astrologia e a quiromancia, por exemplo, que nos mostravam a possibilidade de prevermos o futuro, nosso ou de outrem.

Lembrei-me particularmente dos irmãos Chacarian, Sana-Khan e Jorge, que são exímios e dedicados estudiosos da ciência que codificou os sinais e linhas das mãos, os quais, por várias vezes pude assistir em prognósticos infalíveis, sobre a vida e

acontecimentos passados ou futuros, de várias pessoas. Também havia conhecido outros astrólogos que com muita precisão em horóscopos especialmente elaborados, conseguiram igualmente prever para seus consulentes acontecimentos futuros. Diante disso, acrescentei, ficava uma dúvida muito justa, pois não saberia o que é o livre-arbítrio face aos fatos previsíveis de um destino que se mostra desta forma, inexorável.

Zumiar, olhando um ponto vago um pouco acima e ao lado de minha cabeça, disse:

– É possível conciliar as duas posições, meu amigo. Elas são apenas aparentemente antagônicas. Veja, acrescentou, o que é que o homem procura quando quer exercer o seu livre-arbítrio? Pelo que depreendi, na sua opinião, seria a ação do homem sobre o seu próprio destino, que também, segundo você, está já possivelmente delineado; a comprovação disso é que você conheceu sábios ou estudiosos que conseguiam ler ou interpretar os sinais das mãos ou do céu, no momento do nascimento do consulente.

– Sim, respondi-lhe. Há também outros métodos, acrescentei, mas isso não modifica a tese, é isso mesmo que eu penso.

– Então, prosseguiu Zumiar, se alguém dissesse que, por seu livre-arbítrio, conseguiu mudar determinado acontecimento ou fato de sua própria vida, qual seria o raciocínio lógico que teriam os homens, frente à essa afirmação?

– Duas hipóteses: Uma, de aceitar como possível e, outra, mais cética, de que aquela modificação estaria também prevista no destino dessa pessoa que assim agiu. Poderia ser o caso dessa pessoa receber a ajuda ou a pretensa ajuda ou interferência de outra pessoa, que se julgasse com poderes para tanto, e que assegurasse a validade de seu esforço e de sua interferência na obtenção da modificação do destino . . . Mas, mesmo assim, permaneciam essas duas hipóteses: uma, a de que seria possível, e outra a de que a modificação estaria já prevista no seu destino. Portanto, continuaria a ser parte do destino que já estaria determinado. Então, dentro desse raciocínio, que é o seu atual, não se chegaria a uma conclusão, não é?

–É concordei, foi isso mesmo que eu lhe disse no começo desta conversa.

– Então, disse Zumiar, vamos tentar mais um pouco. Lembra-se do que lhe disse com relação especialmente ao comportamento do homem? Que ele vive como que automatizado, sem perceber que to-

dos os acontecimentos lhe chegam e fazem de seu destino, como que um barco sem rumo?

– Sim, me lembro bem disso tudo, respondi. Mas isso só complica mais ainda a situação, acrescentei, pois se o homem não desempenha nenhuma atividade conscientemente, não poderíamos atribuir-lhe nem mérito, nem culpa por suas ações ou omissões, não é mesmo? Então aí a questão do livre-arbítrio fica excluída de vez, definitivamente, segundo posso raciocinar diante dessa tese.

– Bem, vamos com calma, sem conclusões precipitadas, acrescentou Zumiar e continuou dizendo: pense na engrenagem de um sistema qualquer, um relógio, por exemplo. Pense em suas rodas dentadas;pense em uma delas, que fica o tempo todo rodando, sem parar, a não ser por falta de corda ou por quebra do sistema. Mas, pense em uma roda dentada que faz parte de um sistema que fica lá, rodando, rodando, sem mudar de posição, sem alterar nada de seu curso que já está predeterminado. Agora, suponha que aquela rodinha dentada é o caminho de uma vida humana, o seu destino. Terá que cumprir aquele tipo de vida, não há hipótese de ser modificada. Veria você que mesmo dentro deste restrito e único caminho há duas opções. Pense, por exemplo, que aquela pequena roda dentada, poderá, o tempo todo, ou até o fim de sua corda, simplesmente rodar e rodar, sem se aperceber disso e também poderia, digamos, tomar consciência desse girar e também do sistema em que está presa temporariamente. Enfim, descobrir que há uma complexa engrenagem, com uma finalidade maior e que esta rodinha dentada, também faz parte disso, temporariamente, mas conscientemente. Eis aí uma grande, uma enorme diferença, em uma só posição física, não concorda?

– Sim, respondi-lhe, capto alguma coisa nova, através do exemplo.

– Ótimo, disse Zumiar, fique então com o enunciado do problema já aberto e siga o seu curso, vá com o seu entendimento para onde ele aponta e descobrirá que o livre-arbítrio existe, apesar da controvérsia ou controvertida aparência dentro da forma que o colocaram. A rodinha dentada tem o seu livre-arbítrio; ele consiste na consciência que ela tem de si própria e do sistema em que ela se integra, disse Zumiar e se calou. Como querendo confirmar que entendera.

Para ela, o destino não será bom nem mau, eu falei. Há uma nova perspectiva. Os acontecimentos apenas são acontecimentos, que não serão levados em conta, pois o propósito maior é a posição

real em que ela se coloca, e portanto para ela não há aflições, problemas, emoções ou expectativas, sejam boas ou más. Há, apenas o caminho a ser percorrido. Ela é apenas uma coisa passageira e até rapidamente passageira. Efêmera, curta, vulgar, pequena como a vida humana, por exemplo. Mas necessária, porque, ao encontrar essa terceira posição, viu ela que precisou estar naquela condição para poder ter a perspectiva nova do seu caminho, do seu destino e do sistema todo. É a autoconsciência. Como também poderia, passar pela vida de rodinha dentada sem se aperceber de nada e até julgar-se, ora feliz, ora infeliz, com o seu curto e mesquinho destino, sem ao menos entender, que faz parte de uma engrenagem maior, com propósito maior e com função muito maior, mais meritória do que poderia antes compreender. Poderia o livre-arbítrio ser apenas o entendimento, a compreensão de nossos propósitos maiores? Poderia ser o livre-arbítrio a faculdade maravilhosa que nos dá a chave que norteia o nosso próprio futuro destino? Perguntei, e sem ouvir a resposta continuei a falar rapidamente. Então é tão simples. Então é isso, e parecia-me tão complicado e que eu não poderia entender. Aquele que consegue entender que há um eu maior, um *sistema maior* do qual ele faz parte e portanto ele é também o sistema maior, é evidente que poderá e passará a julgar-se um pouco mais responsável e aquinhoado. Passará então a achar que a vida é uma dádiva que nos é concedida com a finalidade de nos aprimorarmos espiritualmente. Esse é o livre-arbítrio, a percepção, o entendimento não intelectual, mas integral; assim continuava eu a conjecturar, sem mais ouvir a voz e a imagem de Zumiar, que foi se apagando e desapareceu no meio do meu possível sonho. Acordei com a memória desse diálogo e com essa nova perspectiva, que me satisfazia muito pois dava ao homem a possibilidade de entender e aceitar os acontecimentos como produto de seu próprio comportamento nessa e em outras vidas anteriores e que assim determina a razão de seu nascimento, vida e morte. Esse entendimento agora se chamaria para mim livre-arbítrio. O homem tem o livre-arbítrio, portanto há de esforçar-se para compreender o sistema do qual faz parte e, desta forma, tocar o seu interior, descobrindo que é ele obra de Deus. É a real tomada de consciência que determinará com absoluta justiça como será o destino de cada um.

Ainda conjeturando sobre esse sonho, levantei-me. Lavei-me, comi frutas e fui ao encontro "deles".

No salão, estavam aqueles seres meus conhecidos, dispostos nas mesmas poltronas em que antes se acomodaram, eu me sentei na que era a mim destinada. Sem mais preâmbulos, avisaram que fa-

riam um relato falado, ou seja, sem imagem, que outro de seus membros havia remetido com uma de suas mensagens da Terra.

Tentaram explicar-me como faziam essa remessa e eu entendi muito pouco de tudo o que me foi dito. O tal relato estaria, ao que me pareceu, contido em um pequeno tubo de metal, o qual, me permitiram ver e pegar. O seu peso específico deveria ser de várias vezes o do metal mais pesado por nós conhecido na Terra. O objeto que era bem afunilado, possuía 20 centímetros de comprimento e uma das suas pontas era afilada. Explicaram-me que essa espécie de metal era repelida pela zona de atração magnética de nosso planeta e que, uma vez gravada a reportagem desejada, era, ele, disparado por um sistema qualquer instalado na nave e colocado em órbita, sendo posteriormente recolhido por intermédio de outro aparelho, que o localizava no éter com facilidade em uma das naves das nossas.

Além de ficar intrigado com esse sistema, ainda mais confuso fiquei como que me fora dito com relação à "nave das nossas". Seria possível que haveria outras naves, talvez de outros planetas e com tripulantes diferentes? A pergunta ficou em minha cabeça para uma oportunidade próxima.

Deixaram a cápsula gravada sobre a mesa e disseram-me que colocariam uma outra no aparelho, já traduzida para a minha língua, da mesma forma que fizeram com as anteriores – apenas para ouvir, sem imagem.

Pressionando um dos botões, ouvimos o seguinte:

– Estamos diante de um aglomerado de humanos, onde destacamos uma cena: vemos um deles, mais alto e forte que os demais, vestido com roupa de cor vermelha e quepe, ora sorrindo, ora não, abrindo os braços constantemente, para fazer passar um casal, ou mais, para dentro de uma casa. Entramos também e aqui estamos em um lugar muito escuro, onde poucas luzes coloridas dão volteios para iluminar parcamente o salão, que é de tamanho regular. Há muitas pessoas sentadas e outras em pé. Aparentemente, não cabe mais ninguém, porém, mesmo assim entram mais alguns casais.

– O barulho é intenso, maléfico. Há muita fumaça e o ambiente é desagradável e inconveniente para a saúde dos que aqui estão. Há uns poucos que estão com roupas iguais, umas as dos outros, constantemente carregam copos de bebidas, pedaços de gelo, bem como, mais raramente, alimentos, dando-os para os que estão pulando sem cessar, em um lugar do salão destinado a esses pulos, que executam levantando um ou os dois braços. Há, também, outros casais abraçados, quase que se amparando uns nos outros, que lá fi-

cam, também de pé, movimentando-se, ora vagarosamente, ora apressadamente com certa violência.

– O calor é grande e alguns humanos têm as roupas coladas aos seus corpos, devido ao suor que lhes escorre. As mulheres estão bastante pintadas e algumas com vários pedaços de metais em seus dedos e pendurados nos pulsos, nos pescoços e às vezes até nas orelhas. Os sapatos das mulheres são quase sempre de saltos altos, o que dificulta sobremaneira o exercício que fazem ao ritmo da música e canto que são emitidos em grande volume e que nos parece saírem de várias caixas de madeira colocadas pelo salão.

– É muito tarde para o horário comum dos humanos dormirem e mesmo assim estão todos em franca atividade neste lugar.

– Quase todos fumam e bebem bastante. Não estando certos para emitir opiniões, vamos nos limitar apenas a relatar, mas temos a impressão de que se trata de um lugar eventualmente destinado a punir os que lá estão, por alguma falta antes praticada por eles.

Zilfos desligou a fala, utilizando um botão localizado no comando à sua frente.

Ri e expliquei-lhes. Eles não sabiam que se tratava, certamente, de uma *boite* onde casais dançavam, divertindo-se, é claro. Levei muito tempo para explicitar o fato: eles me ouviram com paciência e curiosidade. Zumiar contou-me que havia na Terra vários dos seus pesquisando para o seu projeto sem terem a menor noção do que fazem lá, nem mesmo de onde estariam, ignorando inclusive a finalidade de seus relatos. Assim, pensavam, Zumiar e os seus, que conseguiriam maior e melhor número de informações da Terra e dos homens, com um mínimo de distorções ou tendências.

Agradeceram a minha ajuda, esclarecendo também que nem sempre lhes era possível conciliar as imagens com os fatos, pois não saberiam onde procurar, no éter, as imagens referentes àquele relato. Para conseguir esse desiderato demandaria muita pesquisa. Na maior parte das vezes esse trabalho não valeria grande coisa, como acabáramos de constatar, desta vez graças aos meus esclarecimentos.

Nesse instante, arrisquei e falei:

– Seria possível vocês me darem mais subsídios a respeito da incumbência ou do projeto que têm a cumprir, para que eu os

entenda melhor, os ajude e, também, confesso, para satisfazer minha grande curiosidade?

Foi Zumiar quem falou:

– Acho que chegou o momento de você saber um pouco mais do que já sabe. Em linhas gerais, vou tentar relatar a você do que trata o nosso projeto. Os esclarecimentos maiores virão posteriormente, aos poucos, quando oportunos e necessários. Como você verá na tela (nesse momento, apareceu novamente aquela mesma tela que baixava do forro sem eu perceber como, pois não tinha aparentemente nada tocando-a ou segurando-a), a Terra está colocada bem na periferia do Cosmo e há vários outros planetas fisicamente em idêntica situação. A Terra já foi destruída mais de uma vez. A sua destruição foi proposital, e não involuntária, como é possível que aconteça agora, no pé em que estão as coisas por lá, no momento, já que as nações atualmente dispõem de poderio energético que lhes permite chegar tanto voluntariamente como aparentemente por acaso, a esse efeito. Nós aqui estamos, neste Colegiado, colhendo justamente dados e informações que nos levarão a deduzir e chegar a uma conclusão final para estas hipóteses: "Deve ou não a Terra ser novamente destruída; deve essa destruição ser definitiva e total ou parcial, como das outras vezes"?

Fiquei perplexo ante essa revelação que mostrava o teor e a meta do projeto, mas permaneci calado para ouvir o resto.

– Nós temos que decidir, se vocês terráqueos devem ser exterminados ou não, essa é a nossa incumbência maior. Mais do que isso, é a razão de nossas vidas, pois é justamente por meio desse nosso trabalho, feito com justiça, que evoluiremos. Em última análise, ele é para todos nós tão fundamental quanto o será para vocês, humanos.

E continuou:

– Todos os outros planetas, situados, como o de vocês, na periferia do sistema total do Cosmo, estarão sujeitos a esse tipo de julgamento por nós que, fisicamente, estamos colocados no plano mais central. Anteriormente, também tivemos que passar por tudo isso que ora lhes acontece . . .

Nesse ponto, resolvi apartear, fazendo uma pergunta:

– Então, a sua evolução também é conseguida destruindo? E se todas as pessoas da Terra morrerem, destruídas, não seria essa uma atitude sujeita às sanções que nos são impostas quando praticamos atos similares?

– Não, disse Zumiar. Vou tentar mostrar-lhe a diferença.

Creio que esta será uma longa entrevista, se não nos limitarmos apenas a informá-lo de nossa necessidade, para melhor você poder nos servir, pois as explicações são muito difíceis de um plano para outro. Entretanto vou tentar fazê-lo, por deferência a você. E assim dizendo, continuou:

– Nossa evolução não está ligada à destruição, mas sim ao correto julgamento que fazemos agora: "Se devemos ou não destruir o seu planeta e, se ao fazê-lo, no caso de assim decidirmos, essa destruição deva ser total ou somente da superfície, permitindo que novamente lá se formem vidas, como já aconteceu mais de uma vez. Esta é nossa incumbência maior, o nosso dever. Com atenção plena procederemos o juízo.

– Mas, quando nós, lá da Terra, matamos uns aos outros, também estamos alicerçados em razões e até mesmo em Deus, acredite. Daqui à distância, e com esta nova perspectiva, para mim inusitada, creio, mais do que antes, que isso está errado, pois, qualquer forma de matança e destruição de humanos perpetrada por vocês deve ser interpretada com muito mais gravidade, dado serem vocês muito mais evoluídos do que nós, argumentei com certa veemência. A que Zumiar respondeu, continuando a sua explicação que me parecia, ao mesmo tempo, importante e sucinta:

– É, mas falta uma informação a você, para melhor julgar nossos atos. É que apenas a minoria de vocês têm consciência da própria vida, e para nós, quem não tem consciência de sua própria vida não está vivo, não nasceu ainda. Portanto, não nos será possível matá-los. Eles mesmos já se mataram.

Fiquei surpreso com a afirmação e pedi maiores esclarecimentos. Pensava nos ensinamentos, mas não queria arriscar palpites nesse momento. Apartei-me, assim, da vaidade de demonstrar meus conhecimentos e fiquei na escuta.

Zumiar continuou:

– Em geral, o homem está sempre dormindo e mesmo quando pensa estar acordado está envolto em seus devaneios e automatismos, e, só raramente, quando por força de algum acontecimento mais profundo e impressionante – um susto, por exemplo – é que ele, num lampejo, acorda de seus sonhos eternos e, então, quase instantaneamente, novamente se põe a sonhar. Lembra-se do diálogo da rodinha que tem autoconsciência?

– O seu irmão homem, continuou ele, está sempre dormindo e nem percebe que as coisas que lhes acontecem, em seu

curto espaço de vida, foram acontecimentos que simplesmente foram ocorrendo. Simplesmente isso. O homem nada fez, tudo lhe aconteceu, acredita você? Não, não responda agora. Dizendo isto fez leve sinal com a mão para que não o interrompesse e continuou a falar:

– Não importa o que você nos disser, pois nada se alterará; não estamos aqui para dialogar, mas sim para explicar-lhe alguns fatos. Continuando, em decorrência disso, o seu irmão homem, esquecido de que está vivo, imerso em seus devaneios e preso às suas emoções como um joguete, rola pela sua pobre vida, sem se lembrar, ou melhor dizendo, sem acordar para aquilo que realmente contaria, e repiso, com poucas exceções, esquecido de si! Não busca o que realmente precisa, ou seja, não vai em buscar de sua própria alma, não a adquire, esquece-se!

Portanto, ele não é nada, não está vivo. Logo, não morrerá, pois quem não está vivo não morre. Como vocês mesmos têm escrito em muitos de seus livros religiosos: "É preciso morrer para viver eternamente" e "Quem não morrer para a vida não renascerá para a eternidade". E para morrer e renascer é preciso, antes, estar vivo.

De qualquer forma, não se tratará de matança indiscriminada. Saiba que alguns de vocês sobreviverão à morte física e reencarnarão em planetas mais evoluídos e, assim, irão progredindo até que renasçam aqui, neste nosso, que é um dos últimos estágios do caminho da alma ao encontro de seu Criador. E agora, apenas para complementar, informo-lhe também que o nosso projeto tem um nome: *Juízo Final.*

– Quer dizer, perguntei, que alguns de nós, ou melhor, as suas almas poderão estar em um de vocês daqui, neste momento?

– Bem, respondeu, essa história de "no momento", é bom que a deixemos de lado. Não vamos discutir ou explicar o "tempo". De qualquer forma, não seria possível que um de vocês, isto é, que a alma de um de vocês estivesse aqui em um de nós, simplesmente porque nós, aqui, temos uma alma coletiva como se fosse uma só alma para todos nós. É um pouco difícil explicar; em linhas gerais, é isso que lhe disse. Se quiser perguntar alguma coisa mais – unicamente sobre o assunto em pauta – tem permissão de fazê-lo, para que não nos percamos e para que possamos captar melhor onde ficou o seu entendimento.

Diante disso, disse-lhe:

– Sendo assim, falaremos sobre almas depois. Agora, eu gostaria de começar perguntando um pouco mais sobre vocês, para depois voltarmos ao ponto em que estávamos. Assim, talvez fique mais fácil para que os entenda e os ajude, ajudando-me também, creio. Perguntaria primeiramente onde estou.

Zumiar pensou por uns segundos e respondeu:

– Você está agora em nosso planeta. Fisicamente, conforme já lhe mostramos naquele painel, nossa posição é quase central no Cosmo. Os nomes nada significam, porque não são conhecidos por vocês. Devido aos poucos recursos técnicos de que vocês dispõem, nosso planeta fica fora do seu alcance, sendo, portanto, imperceptível.

No lugar em que nos encontramos, tratamos exclusivamente do Projeto-Terra, ou melhor, do Projeto "Juízo Final", relativo ao seu planeta.

– Quer dizer que o seu planeta não é apenas isto que vejo?

– Não, não é só isto. Há uma comunidade aqui, esta é a nossa estação de projetos "Juízo Final", conforme lhe expliquei. Os aqui presentes e alguns outros exercemos unicamente essa função.

– E quem é o chefe? Onde ele está?

– Ah! Bastante humana a sua pergunta – chefe... Sim, vocês sempre precisam de um. Nós não temos chefes, aqui ou em qualquer outro lugar de nosso planeta. Nossa participação é tão consciente, nossos propósitos tão homogêneos que dispensamos um chefe. Trabalhamos em consciente harmonia em busca do mesmo propósito.

– Então, sem chefe, como é que vocês planificam, discutem e decidem no estilo de vocês?

– Fazemos isso com a ajuda dos companheiros que estão em nossas naves visitando freqüentemente a Terra e dos outros que lá estão, também, mas permanentemente. Com relação a *chefe*, a questão é a seguinte: há entre nós um trato pelo qual nos regemos. Veja, nós acatamos a nossa Lei sem que haja qualquer fiscalização ou autoridade de ninguém sobre nenhum de nós. Funciona perfeitamente. Com relação ao nosso trabalho, continuou Zumiar, por exemplo, nós nos revezamos em tarefas variadas, por grupos. Há nisto uma forma de aprendizado mecânico e científico para todos nós, e até mesmo, principalmente, uma oportunidade para o nosso aprimoramento interior. Então, sem aparente hierarquia ou mando, perceba, vamos nos reve-

zando nos mais diversos setores de nossas atividades, seja nas indústrias em geral, onde fabricamos tudo de que precisamos, desde discos voadores até edifícios, seja na administração de todos os serviços, que também são executados ora por uns, ora por outros: os serviços de limpeza ou da maternidade. Enfim, todos os nossos afazeres são distribuídos entre nós, por etapas. Não há um chefe, pois não o necessitamos. Na verdade, os nossos setores de atividade também são divididos geograficamente. Exemplificando, todas as nossas fábricas estão situadas num determinado e único lugar. Por conseguinte, o pessoal que trabalha nesta atividade está momentaneamente separado do outro, até que termine a tarefa combinada. Uma vez terminada, há novo revezamento de serviço e de local.

– E você não se aborrece com isso? Há trabalhos mais agradáveis e fáceis do que outros. Como é que vocês entendem, ou será possível que ignoram essa diferença? Como esse fato não causa problemas ou disputas? perguntei.

– É até muito importante para nós esse fato, respondeu Zumiar. O serviço é mais do que um simples serviço para nós. Simultaneamente, é oportunidade para os nossos trabalhos. Sem entender, aparteei:

– E o que é trabalho? Não é a mesma coisa que serviço? Um trabalho é apenas um serviço, não é?

– Não, vou tentar explicar melhor: o serviço é o fazer mecanicamente e até com aborrecimento, como o que a maioria dos homens desempenha – contrariados. Por isso é que o fazem geralmente, tão malfeito. O trabalho é o mesmo serviço, executado também com a intenção consciente e às vezes, não consciente, intuitiva, do aprimoramento do Eu verdadeiro. Nós todos, e também alguns de vocês, nos aproveitamos das dificuldades ou das inconveniências encontradas nos afazeres para ir ao encontro do nosso próprio aperfeiçoamento. Entendeu?

– Sim, creio que sim. Fale mais um pouco, por favor.

Zumiar continuou:

– Você já reparou nas pessoas que, ao trabalharem, quase se arrastam em vez de andar? E fazem tudo com muita dificuldade, sem vontade, ou, como vocês dizem, "de má vontade"? Isso pode ser aplicado também a outras atividades humanas – o estudo, por exemplo, ou mesmo o lazer. Veja se pode se lembrar como a maioria das pessoas se comporta em suas atividades. E há mais, continuou Zumiar. Já reparou o quanto reclamam do

que têm para fazer? Tudo lhes parece ruim, penoso, difícil, e estão sempre insatisfeitas. Agora você tem uma linha para raciocinar e entender o que é encarar a atividade como um trabalho que é exercido de fora para dentro. Enquanto enfrentamos a dificuldade, temos, simultaneamente, uma oportunidade do contacto conosco mesmos e então nos aprimoramos.

– Bem, aparteei, acho que entendi e por força disso estou agora me lembrando de uma estoriazinha Zen, que peço permissão para contar, pois acho que vem a propósito: trata-se de um trecho da conversa de dois aprendizes, enquanto estavam em descanso. Um deles relatava que em sua casa viviam com ele a esposa e sua sogra que, por sinal era uma mulher ranzinza e que nunca lhe dava folga, implicando com tudo e lastimando-se o tempo todo por qualquer coisa. O outro respondeu: "que boa oportunidade tem você várias vezes por dia para exercitar a sua paciência e compreensão. Que bom deve ser ter uma sogra assim dentro de casa".

– É, disse Zumiar, mas a sutileza desse entendimento é muito tênue, como, aliás, geralmente é a compreensão dos ensinamentos. Por isso que se diz, entre vocês, que "o segredo se protege sozinho". É possível que grande parte dos humanos não entenda essa sutil diferenciação do comportamento usual e da "presença" a que nos referimos. Dentro do contexto da fábula, é possível que transpareça intelectualizando, apenas um comportamento "masoquista", isto é, uma deliberada forma de sofrer. Dentro de um entendimento mais profundo e justo, é possível sentir-se a diferença, pois somos nós que, com o nosso entendimento e emoções, fazemos com que as coisas em geral sejam boas ou más.

– Bem, disse-lhe, há outra coisa que me intrigou bastante e fiquei com uma dúvida aqui dentro. Bati de leve com as pontas dos dedos da mão direita em minha cabeça. Gostaria de perguntar-lhe porque, há pouco, você frisou *nossas naves*. Notei que você já disse isso antes, o que me faz supor que há outras naves além das de vocês e, possivelmente, também indo à Terra como as suas. Sim, há outras naves que partem de outros planetas que não o nosso e que às vezes vão até a Terra, mas deixe isso também para mais tarde, senão vamos estabelecer grande confusão e perderemos o fio de seu pensamento. Voltaremos ao assunto, prometo.

– Então, vou mudar o foco de minha curiosidade. Diga-me

a razão de só existirem adultos aqui. Seria talvez um quartel do exército? É isso?

– Você reparou nisso e está correto. Aqui, e também fora daqui, não há senão adultos. Nós não temos crianças, nem velhos. E também já sabe, pois já lhe disse antes, não há homens, nem mulheres. Apenas nós, que somos assexuados ou completos.

– Mas, como é possível então a multiplicação de vocês? E como morrem? Como nascem? Já grandões, assim?

– Sim, "nascemos" grandões assim, assim ficamos até nossa "morte". Na verdade, para responder-lhe com palavras de seu entendimento, teria que afirmar-lhe que nós não nascemos e não morremos.

– Isso sim, é bem complicado para meu entendimento, disse-lhe, e não sei como você vai conseguir explicar-me melhor esse processo. Mas, faça-o, tente, por favor.

– Bem, se não fui feliz com a explicação, sugiro que façamos outra coisa. Vamos sair um pouco desta sala. Eu o levarei para conhecer nossa maternidade, mas não poderei mostrar-lhe o nosso cemitério, porque não o possuímos. Vendo e com as explicações adicionais que farei, creio que conseguirei, de alguma forma, esclarecê-lo sobre nosso processo de nascimento ou vida.

Estava em um estado de quase aflição quando saímos da sala para conhecer a tal maternidade. Quanta coisa me havia sido dito. Será que me lembraria de tudo? Creio que sim, pois nunca estivera tão acordado em toda a minha vida e quando estou "acordado" minha memória é total.

Segui Zumiar até o cimo do edifício onde havia uma nave à espera. Era diferente do "disco" em que já andara antes e que me trouxera até aqui. Este assemelhava-se a um charuto e, como havia alguns tubos atrás, fez-me supor que sua propulsão seria a jato. Teria uns 20 metros de comprimento, apenas, e acho que deveria ser utilizado mais para as viagens locais, pois nunca havia visto uma nave desse tipo antes, quando ainda na Terra. Subimos e sentei-me na poltrona que me designaram e, sem ruído algum, a nave se pôs em movimento, alçando vôo. Seu interior parecia ser de plástico azul e prateado, luminoso, brilhante mesmo. Havia poucas poltronas, que estavam dispostas como se estivessem numa pequena sala de estar. Além da tripulação que viajava no compartimento da frente, apenas Zumiar e eu estávamos naquela dependência da nave.

Depois de algum tempo, quando me senti mais descontraído, perguntei a Zumiar como se locomoviam essas naves, com que combustível, e se havia um motor (se houvesse um, seria muito silencioso).

– O nosso sistema é diferente de tudo o que vocês conhecem, mas acho que vou conseguir fazê-lo entender, disse-me ele.

– Imagine você uma corrida de automóveis na Terra, em um autódromo: os carros de corrida seguem velozmente, até que em determinado trecho um deles se posta bem atrás do que vai à sua frente e em seu vácuo, de repente, ele o ultrapassa, como se fora chupado pelo ar à sua frente e, assim, é projetado com força e velocidade adiante do pelotão de carros que correm. O nosso sistema é análogo. Nós possuimos um motor, também, que tem a finalidade de conseguir fazer, á nossa frente, o mesmo vácuo que acabo de descrever e que vocês conhecem lá na Terra, exatamente como o exemplo que acabei de dar. Feito o vácuo, somos chupados para esse espaço vazio com todo o ímpeto e, automaticamente, nosso motor cria novo vácuo à nossa frente, para onde somos novamente chupados e, assim, sucessivamente, veloz e silenciosamente. Quanto ao nosso combustível, é desconhecido por vocês. Provém da energia que conseguimos com elementos da nossa própria natureza, em forma concreta e concentradíssima. Apenas isso. Para viagens mais curtas, entre pontos dentro do nosso próprio planeta, usamos esta nave onde viajamos agora e às vezes outras, similares, com sistema pouco diferente deste. Às vezes, também vamos até a Terra com estas pequenas naves, com o auxílio de uma nave-mãe que as leva em seu bojo até lá e as traz de volta.

A esta altura, chegamos a uma imensa planície, onde aterrissamos diante de um grande edifício. Estacionamos à sua porta e permanecemos dentro da nave. Pela escotilha, eu percebia pouco, pois sua abertura estava bem distante do lugar onde me encontrava sentado e só havia essa, dentre as poucas que estavam dispostas de maneira a permitir minha visão.

Paramos uns 100 metros de um enorme edifício. A porta da nave então se abriu e descemos. Uma vez fora da nave, ficamos de pé, Zumiar e eu, dando as costas para a nave. Fiquei a olhar o prédio. Era diferente, não tinha janelas e parecia feito de um metal prateado, reluzente. À sua volta, um descampado sem fim colocava o edifício como se fosse uma ilha, completamente isolado. Devia ter mais de trinta metros de altura e cem metros

de largura. Havia uma única saliência embaixo, parecendo uma porta, mas como todo ele era feito do mesmo material, esse detalhe era quase imperceptível à distância.

– Esta é nossa maternidade. Aqui somos fabricados, ou melhor, nascemos. Todos nós que estamos neste planeta. Esclareço melhor: neste edifício se criam os corpos em que se integrarão as almas que merecerem vir para cá, oriundas de outros planetas, e que se encontrem em escala evolutiva abaixo da nossa, bem como, geograficamente, mais perto do centro do nosso sistema planetário total. Quando a alma em evolução atinge o ponto em que deve nascer aqui, neste planeta, formamos um corpo para ela neste edifício-maternidade. Então, o ser, já vivo, sai por aquela porta e vem juntar-se a nós. Daí em diante, será mais um de nós e a sua alma ficará agrupada às nossas, até que o nosso aprimoramento mútuo e total mereça a evolução simultânea de nossas almas para o planeta último. Esse último estágio será, para todos nós, o almejado final, ou o começo, como preferir entender. Nossas almas gêmeas são unas e permanecerão assim, até o momento de nosso total aprimoramento e aprendizado. Daí ser, como já lhe disse, a nossa incumbência, o projeto "Juízo Final", um meio de conseguir nosso aprimoramento. Por isso, asseguro-lhe que o nosso julgamento relacionado à Terra deverá ser, sob o nosso ponto de vista, o mais justo e criterioso que pudermos conseguir com os nossos esforços. Disso dependerá a nossa evolução, conforme lhe expliquei. É evidente que há outras obrigações para nós, mas não vem ao caso relatar ou discutirmos sobre elas agora, pois não se relacionam a vocês da Terra.

– Diga-me, você falou em planeta último? Então você conhece o seu próximo estágio e sabe também que será o último? perguntei curioso.

– Sim, nós temos a faculdade de saber todo o nosso passado, como nos comportamos em vidas anteriores e o que fizemos até aqui. Da mesma forma, foi-nos também permitido intuir que nos falta apenas esse último passo para o final do caminho, fato esse que muito nos estimula.

– Como foram informados? Em que sistema ou por meio de que comunicação foi isso realizado? Pode esclarecer-me?

– Acho que só posso responder desta maneira: foi da mesma forma que "informaram" a vocês que há um Deus que coordena a harmonia do universo, a natureza e tudo o mais que

vocês conhecem. Creio que você também teve acesso a esta informação, sem se utilizar dos meios de comunicação ou da lógica, aos quais se referiu quando me fez a pergunta, não foi?

– Sim, respondi-lhe, entendi. É isso mesmo que se dá conosco na Terra. Mas, permita-me saber se há entre vocês quem não compartilhe desse modo de pensar, pois na Terra isso acontece.

– Não, respondeu. "Aqui" somos todos coerentes nesse modo de pensar.

– Da maneira como enfatizou a palavra "Aqui", creio que há alguma coisa sobre a qual eu não saiba perguntar, mas talvez tenha algo a ver com as outras naves, já referidas por você, oriundas de outros lugares, não é? perguntei.

– Sim, é isso. Você parece mesmo merecer estar aqui, também pela sua arguta inteligência. Há habitantes, não do nosso, mas de outros planetas similares, nas mesmas condições de evolução, ou seja, que não se encontram ainda no fim do estágio, e que, no entanto, pensam e agem como se não estivessem obrigados a nenhum esforço no sentido de aprimoramento, porque julgam ter atingido o fim, no ponto em que estão.

– Mas, não foram eles informados da mesma forma que vocês? perguntei em seguida.

– É verdade. Como no caso de vocês, todos tiveram acesso à mesma informação, como me afirmou há pouco; no entanto, a grande maioria dos homens dorme o sono dos apáticos, sem se molestar com a sua própria evolução. E mais, continuou Zumiar, diga-me por que alguns de vocês cultivam o aprimoramento em busca da alma, o que somente conseguirão com muito esforço e dedicação, enquanto outros não se incomodam em morrer para sempre, pois estão mergulhados em vaidade, egoísmo e preguiça?

Antes que eu respondesse alguma coisa, continuou:

– Não há resposta para isso. Há apenas a consciência e o esforço de cada um. Lembra-se do diálogo sobre o livre-arbítrio? perguntou-me.

Fiquei um pouco em silêncio e arrisquei mais uma pergunta:

– Essa divergência de modo de pensar e agir, entre vocês e os outros seus similares, causa algum problema?

– Sim, alguns, e você talvez os conhecerá, assim que tivermos uma oportunidade, respondeu.

– Agora, voltaremos à nossa base, disse-me encaminhando-se para a nave em que viéramos, no que o acompanhei.

Chegamos novamente à cidade de cristal e igualmente uma viagem silenciosa. Quando pisamos o solo, Zumiar sugeriu que me dirigisse ao quarto para comer e descansar, a fim de que depois pudéssemos continuar. Assim o fiz. Cheguei ao quarto, extenuado, tomei um banho, comi um pouco e deitei-me para dormir. Não consegui conciliar o sono; minha excitação era demasiada. Vencendo um grande constrangimento, falei um tanto timidamente no intercomunicador:

– Zumiar . . . chamei com a voz fraca, própria de quem quer falar e tem receio de fazê-lo.

– Sim, respondeu-me quase que imediatamente. Que deseja?

– Eu gostaria de fazer-lhe mais uma pergunta, talvez para poder tranqüilizar o meu estado de excitação e conseguir dormir. Posso?

– Se preferir, irei até o seu quarto, disse Zumiar.

– Seria muito bom, muito bom mesmo, respondi-lhe, pensando que, assim, eu poderia fazer mais do que uma pergunta. Poderíamos conversar um pouco.

Zumiar entrou, sentou-se na poltrona e eu continuei sentado na cama. Então, perguntei aquilo que estivera remoendo em minha cabeça durante tanto tempo:

– Por favor, esclareça-me, em termos humanos, como devemos entender a possibilidade de vocês, eventualmente, ordenarem o nosso extermínio, sem que isso fosse tomado por uma matança impiedosa, e até ao contrário, como me disse, que eu entendesse ser essa uma atitude necessária. Por quê? Para quê?

– Bem, vou tentar responder-lhe com um exemplo, exatamente como você me pediu para fazer, em termos inteligíveis para um cérebro humano, condicionado à sua habitual maneira de raciocinar: figure você um incêndio da casa situada numa pequena cidade de casas de madeira, umas juntas às outras. Vem a multidão dos moradores dessa cidadezinha e, solícitos, solidários uns aos outros, começam a carregar baldes de água de uma fonte próxima ao incêndio formando uma extensa fila de pessoas, todas com a intenção de, solidariamente, irem passando, de mão em mão, da fonte até o incêndio, baldes cheios de água que será jogada no fogo, para que ele não aumente e não se propague pela cidade toda. Perto do fogo, junto aos habitan-

tes que formam a fila, está um homem que, todas as vezes que lhe chega às mãos um balde cheio de água, ao invés de passá-lo à frente, ao seu companheiro seguinte, ele atira o seu conteúdo ao chão e dá o balde vazio às mãos de uma das pessoas que formam a fila atrás de si e fazem com que os baldes, já vazios, voltem à fonte, a fim de serem enchidos novamente. Então, no meio daquela harmonia toda de esforços e intenções, há uma pessoa, conhecida pela comunidade local como mau cidadão, que consegue, sozinha, com a sua atitude isolada, quebrar todo o conjunto. Suponhamos que você fosse a autoridade local e que estivesse assistindo a esse ato. O que faria?

Respondi, quase automaticamente:

– Bem, eu o eliminaria, tirando-o da fila e . . .

Ia continuar a falar, mas percebi que não precisava mais. Tinha entendido o que Zumiar queria dizer. A nossa Terra, com o seu comportamento negativo, isto é, com o comportamento negativo de seus habitantes, poderia ou estaria quebrando uma harmonia maior, que nós não podíamos sentir ou ver, mas que poderíamos supor e até aceitar, como eu aceitava naquele momento? Que, com tal procedimento, prejudicávamos todo um sistema? Seria possível?

Estava eu ainda conjeturando sobre o que Zumiar me dissera, quando ele aduziu:

– É como com o seu corpo. Se você tem um órgão que não funciona bem, um rim, por exemplo, você não o operaria? Em caso grave, não o tiraria para preservar a harmonia de seu físico todo? Não se amputam braços, dedos, pernas, quando necessário, lá na Terra?

– Mas nós, disse-lhe eu, tomamos remédios contra esses males, antes de amputar ou seccionar pedaços de nosso corpo. Por que vocês não fazem o mesmo? Dêem-nos uma chance, um aviso, talvez, como se fosse um remédio, antes da operação ou da amputação radical.

– Vocês já tiveram oportunidade de ser alertados sobre o seu comportamento através de raras e memoráveis pessoas, verdadeiros espíritos luminares, que foram por vocês próprios ridicularizados, assassinados, ou postos de lado por serem inconvenientes para a grande maioria. E mais, aquela pessoa que dei como exemplo no caso do incêndio, lembra-se? Teria o comportamento de um insano a você, se lá estivesse. Disse você que o tiraria da fileira harmoniosa, mas não disse que iria até perto dele

e que conversaria sobre o seu comportamento errôneo. Por quê? Certamente porque sabe que não adiantaria essa tentativa de avisá-lo ou esclarecê-lo, não é?

– Creio que sim, respondi, e achei que seria melhor encerrar, perguntando sobre outro assunto: – Há outra coisa que ficou em minha cabeça, da mesma conversa anterior. Posso fazer uma outra pergunta?

– Sim, pode.

– Hoje, você disse que eu deveria aguardar uma próxima oportunidade para falarmos sobre esse assunto, mas talvez pudéssemos conversar agora e você me esclareceria, não sobre as naves que não são daqui, mas pelo menos sobre seus tripulantes que julgam ter atingido, já, a meta final. Não é assim que eles pensam?

– Bem, a pergunta foi bem longa. A resposta, em termos de seu entendimento, é curta. Eles se julgam "Deuses".

– Então é assim? E por que isso é grave para vocês? No que lhes afeta? É problema deles,não acha?

– Não é bem assim por vários motivos. Um deles é a harmonia, de que lhe falei há pouco – a harmonia do conjunto. Para que você entenda, vou dar-lhe um motivo melhor: eles acham que planetas nas condições do seu, a Terra, não deveriam subsistir e estão seguros de que nem mesmo se deveria proceder a nenhum exame mais apurado sobre o comportamento dos homens ou de suas possibilidades de desenvolvimento, mas sim exterminá-los sumariamente e até estudar e aplicar meios de aproveitar o potencial energético da Terra para nós, planetas mais avançados.

– E por que não procederam, até hoje, a essa destruição, que me parece simples para quem, como vocês, dispõem de tanto avanço tecnológico?

– Porque existimos nós, eis a razão. De certa forma os impedimos de assim procederem, respondeu Zumiar. Além disso, vocês também têm na terra um poder político, portanto, é fácil entender. De um lado, vocês têm uma potência grande e forte e, de outro lado, uma potência também grande e forte. Por que uma delas, exercendo simplesmente sua vontade, não absorve militarmente os seus vizinhos? Você entende melhor agora, com essa analogia?

– Sim, creio que entendi melhor, agora. O poder político é uma força respeitável.

– Então, agora que está mais informado, creio que não haverá mais aquela excitação e a insônia de antes. *Portanto*, desejo-lhe bom sono com a promessa de que amanhã falaremos sobre essas e outras coisas, está bem?

– Sim, foi muita bondade sua vir até aqui a meu chamado. Acho muito compreensivo de sua parte.

Agradeci e quando me deitei, realmente consegui dormir.

Adormeci e novamente sonhei que estava sentado à frente de Zumiar e conversávamos. Era um sonho muito vivo, tão intensamente vívido, que não sei com certeza se não seria uma experiência real, ou se seria mesmo um sonho; mas o que realmente importa é a lembrança de nosso diálogo.

Falava-me a propósito de uma pergunta que eu havia feito. "A maioria dos homens não sabe que estão vivos e os espíritos, desses homens, quando morrem, não sabem que seus corpos morreram".

Olhei-o espantado e pedi-lhe que se explicasse melhor.

– Bem, prosseguiu Zumiar, você não vê, por esse comportamento da grossa maioria de seus irmãos, homens que eles não sabem que estão vivos? Quem achar que o corpo é por si só algo completo e independente, vive, mas não sabe que está vivo; não se apercebem que a razão maior de estar vivo, é para que sua alma se forme, através de um entendimento que só é possível através da vida, e, em decorrência, através do veículo que é o seu corpo? O seu corpo é apenas isso: o veículo. A alma não é algo assim que se forme e que toda a criatura receba de graça, sem esforço. O corpo é o veículo do espírito, e a alma é o seu invólucro protetor. Com o reconhecimento e o domínio dos desejos do corpo aprimoramos nosso espírito. Precisa o homem não ser objeto ou joguete de seus impulsos, de seus desejos e emoções para que possa encontrar-se. O encontrar-se aí, refiro-me a ligar-se com o seu EU MAIOR, sua alma, através de seu espírito.

– Escute Zumiar, falei, e os espíritos que se comunicam conosco? Como se explica isso, dentro dessa sua tese?

– Há espíritos de luz ou seja, os que se esforçam muito para descer ao plano em que vocês se encontram. Esses espíritos são daqueles homens, que, durante as suas vidas, conseguiram tal aprimoramento, emanados de seus próprios interesses e depois, de seu próprio esforço, que acabaram por conhecer o seu eu maior, sua alma, estabeleceram então sua ligação com o divino, com o criador, do qual é parte. Uma vez estabelecida essa

ligação, o seu esforço vai num crescendo e as portas da percepção vão se abrindo uma a uma, de fora para dentro, gradativamente, até que esse homem conhece a sua origem, contactando-se com o seu eu maior. Percebe então que está salvo. Não precisará mais voltar a reencarnar nestes planetas periféricos para seu aprimoramento individual.

– Bem, esses espíritos de luz ou que alcançaram a luz têm como missão maior, neste outro plano onde agora se encontram, baixarem até onde se encontram seus irmãos ainda encarnados, para os auxiliarem e com esse comportamento continuarem a elevarem-se. Os auxílios vêm nas mais diversas formas; e muitas vezes, a maioria delas são mal interpretadas por aqueles que recebem essa graça.

As vezes, é uma doença que, sem cura pelos métodos humanos usuais e possíveis, naquele momento é debelada por uma dessas entidades iluminadas, que com esse gesto, espera compreensão, humildade e percepção maior por parte, não só daquele que foi agraciado e que a isso merecia, bem como dos próximos a ele. Mas, não se esqueça do que eu disse antes, prosseguiu Zumiar, há os espíritos de pessoas mortas que não souberam em vida que teriam que aprimorarem-se em busca de sua alma e passaram pela vida como um nada, presas que foram das suas emoções e seus desejos vãos. Esses não souberam em vida, e agora, depois de mortos, ainda são aqueles mesmos espíritos, voltados às coisas materiais do mundo. Comunicam-se com os vivos, é verdade, mas com uma perspectiva bem mais acanhada, sem possibilidades de visão maior, pois as desconheceram: que podem eles fazer, a não ser tratar de assuntos terrenos? Que auxílio poderão trazer? São cegos guiando cegos. Não sabem que morreram por não saberem que já viveram e daí voltam a reencarnar em nova chance que se lhes dá. Por isso que a autoexterminação é condenável, pois ela interrompe uma dádiva que não foi compreendida.

– Zumiar, diga-me mais, explique-me, se possível, de maneira que nós homens possamos melhor entender, por favor.

– Bem, do jeito que vocês entendem, vou criar uma figura. Faça de conta que seu espírito é luz, pequena e fraca luz de uma vela, que vocês homens carregam em uma de suas mãos e com a outra espalmada, tentam impedir que a chama se apague com o vento. A luz é pouca, mas suficiente para os primeiros passos na escura noite. Há outros homens com velas nas mãos, mas tão dis-

tantes uns dos outros que a luz de um deles não pode ajudar a iluminar os passos do outro. É preciso encontrar o caminho que os levará ao túnel escuro dentro do qual não haverá mais grande risco da chama se apagar, pois nele há certa proteção das intempéries. Esse túnel tem forma de labirinto e cada um precisa encontrar o seu próprio caminho. Dentro do túnel estarão mais perto de outros homens que poderão contar uns aos outros de suas andanças e experiências em busca da almejada saída. para a luz. Vocês podem ouvir ou não as indicações que recebem uns dos outros. Poderão também ouvir a voz interna que os levará como uma força intuitiva à almejada saída. Mas para se ouvir a voz interna é preciso muito silêncio. O homem consegue esse silêncio em vida de várias formas, sendo uma delas a meditação. A voz interna só se escuta com o coração e coração só se pode ouvir quando em profundo silêncio interior . . . A saída do labirinto escuro significa a saída da roda da vida, ou seja, não mais reencarnar nestes planetas primários.

– Bem, Zumiar, foi bom e claro o que me disse. Agora quero lhe fazer outra pergunta. Me parece que o vento e o caminho escuro e pedregoso por onde temos, nós homens, de andar, com a tênue luz de uma vela é, por analogia, os problemas que encontramos por estarmos presos aos nossos sentidos, desejos e emoções quando em vida. Como é então que devemos viver, quando em posse de um corpo; asceticamente? Sem desejos, sem posses?

– Não e sim, respondeu-me Zumiar. Não, para quem sabe que possui uma alma; sim, para aquele que não sabe ainda.

– Explique-me melhor, por favor, pedi-lhe.

– É simples, as coisas boas e belas são para vocês homens, usarem e possuírem, mas com a parcimônia e o desapego daquele que sabe que morrerá e que se o seu corpo é apenas um corpo, seus objetos e posses são apenas isso também. Ele deve saber que não é o seu próprio corpo, bem como não é suas posses, seus títulos honoríficos ou sanguíneos. O homem que se contactou com seu EU MAIOR já está livre para possuir sem ser possuído. Então, aquilo que para uns é problema, obstáculo, para outros é possibilidade de alegrias e elevação em vida. Como dissemos, é possível possuir e usar o bom e o belo, sem que isso se torne mau ou pecaminoso. Para o homem espiritualizado, eventualmente bafejado por uma vida afortunada e com a alegria no plano físico, não deixará de enfrentar também um

ônus, pois terá que estar vigilante e ser coerente com os ditames de seu eu interno com relação ao uso de seus bens. Agindo assim, encontrará paz interior, ao passo que omitindo-se se desvirtuará. E, afinal, a vida é dada para o aprimoramento do espírito.

Acordei, lavei-me, comi e escrevi mais um pouco do relato para os meus amigos da Terra.

Quando me chamaram, fui ter com eles na mesma sala em que já nos reuníramos antes.

Houve várias outras projeções sobre diversos assuntos relacionados à Terra. O que mais me marcou foi o que se reportou às atividades dos homens no campo das pedras preciosas – jóias, adornos de ouro, enfim, toda essa gama das chamadas preciosidades. Os relatos projetados mostraram-nos as minas de onde são extraídas as pedras, preciosas e o ouro, inclusive sob que condições se realiza esse trabalho. Vimos, também, a legião de pessoas que trabalha incessantemente, num árduo labor, para conseguir o intento. Essas pessoas, geralmente muito pobres, desempenham seu trabalho nas mais precárias condições, tornando essas atividades muito penosas e desconfortantes, seja onde for que as exerçam. Trabalhando por conta própria, o que ocorre raramente, ou quando trabalhem para terceiros, nada muda: o desconforto é geral e as dificuldades as mesmas, fato esse que jamais entendi, razão pela qual, por conseguinte, não soube explicar-lhes satisfatoriamente quando inquirido a respeito. Em seqüência, foi-me mostrado o caminho que percorrem essas preciosidades: das origens, nas entranhas da terra ou no fundo dos rios, até as joalherias. Que extenso e complicado caminho! Não podia supor o grande número de pessoas envolvidas nessa busca, nas indústrias e no comércio desses enfeites valiosos. Uma legião de pessoas, na Terra, dedica-se integralmente a esse mister. Milhares de horas de trabalho diário, empregadas por milhões de pessoas desse ramo, desde o garimpeiro até o comerciante.

Os trabalhos relacionados aos metais em barra pertencem a um campo à parte, manipulados por outras tantas pessoas no mundo todo diariamente. Há cotações diárias; o ouro, a platina e a prata são cotadas até mais de uma vez ao dia. As comunicações, via telex, telefone ou quaisquer outros meios, ocupam muitas outras pessoas em várias horas do dia nesse mesmo mister por inúmeras outras pessoas que também se dedicam única e exclusivamente a essa atividade.

Tinha alguma noção do que acabara de ver, mas nunca pensara sobre isso sob o ponto de vista de "um de fora" como agora. Por isso, fiquei um tanto alarmado com o volume de horas de trabalho e o envolvimento de tantas pessoas no comércio de jóias e adornos.

Ao terminar a projeção, assisti a outras e reparei que, no fundo da sala, havia um enorme placar, como se fora o da apregoação da bolsa de valores ou o da cotação de apostas de um hipódromo, onde se lia, em ordem, o número e o conteúdo das projeções já expostas, o número de relatos demonstrados, com e sem imagem. Era um completo "dossier" que ainda não estava pronto, mas que estava sendo complementado. O grande placar dava, em um só relance de olhos, a disponibilidade em horas de trabalho que representava a força de todos os habitantes trabalhadores da Terra, somados. Era, realmente, uma enorme força de trabalho. Mais adiante, em uma coluna de números, podia-se notar, em percentagens, quanto o homem gastava do total de suas forças de trabalho, em todos e os mais variados setores.

Então, das 100% disponíveis, de acordo com os filmes-relatórios já projetados, deduziram-se as percentagens empregadas nos trabalhos de, por exemplo, preciosidades e derivados que acabáramos de assistir, bem como em outras atividades. Os que analisávamos esses fatos através dos números, podíamos ver quanto se empregava em força de trabalho para os efeitos de cada item: educação, divertimento, plantações, saúde, indústria alimentícia, utensílios bélicos, tóxicos etc. – Havia muitos itens ainda em branco, mas eu já tinha condições de supor o real intento deles e o verdadeiro intuito desse quadro analítico. Lembrando-me de todos os relatos anteriores entendia agora a razão de ser de cada um deles. Certamente, foram realizados para chegar àquela análise pura e lógica da aplicação da força de trabalho do homem na Terra. Os últimos relatos haviam sido bastante longos; quando a tela se apagou, disseram-me que poderia ir descansar, se quisesse. Antes, fizeram-me esclarecer alguns pontos com relação às projeções, o que fiz sem me cansar ou me aborrecer.

Propus a Zumiar que conversássemos mais um pouco. Ele aquiesceu, os outros se levantaram e saíram. Assim que ficamos a sós, perguntei-lhe:

E vocês, como empregam seu tempo e sua energia? Para exemplificar, como construíram esta cidade em que estamos?

Como arranjaram tanto cristal e nesses tamanhos? Como planejaram as construções?

– Ah! o nosso cristal, frisou Zumiar. Vou responder de maneira simples e, usando suas próprias palavras, na forma de exemplo: vocês, na Terra, têm a capacidade de verificar e concluir, a respeito da composição de um material qualquer, de quantos átomos, moléculas e elétrons é composto e de que maneira estão dispostos nesse ou naquele material conhecido e pesquisado, não é assim?

É, respondi.

– Vocês já conseguiram saber, inclusive, quantos anos foi preciso para que a natureza formasse um cristal ou um diamante ou, mesmo, a madeira de uma árvore. Nós também sabemos isso e estamos um tanto adiante, pois somos capazes de dispor a colocação dos átomos, moléculas, elétron e prótons que compõem, por exemplo, o cristal. Desta forma, a técnica da disposição propositada dos elementos supre o fator tempo, para vocês indispensável. Construímos o material desejado dispondo os seus elementos, o que fazemos em locais apropriados – nossas cidades industriais. Se quiser, visitaremos uma delas e você terá oportunidade de assistir essa operação. Entendeu o que eu disse? Suficientemente claro, não?

– Sim, ficou claro. Por falta de informação e de conhecimento, não posso entender completamente. Mas, foi satisfatório, obrigado.

– Agora, pulando de um pólo a outro, gostaria de saber sobre os humanos que vi naquela "fazenda" que visitamos. Como é que eles estão aqui? Assim como eu?

– Sim, eles são da Terra, como você, foram trazidos por várias finalidades, também de estudo, principalmente com o intuito de criarmos condições de sobrevivência para você e outros humanos que precisamos ter ao nosso lado, durante o projeto "Juízo Final". Eles formaram a fazenda com os elementos e materiais que lhes demos e que fomos buscar na própria Terra.

– Eles sabem do projeto, como eu?

– Não, eles não sabem.

– São todos voluntários?

– Não, não são todos voluntários, mas a maioria o é. Aqueles que não são, se lhe fosse dada, agora, a oportunidade de escolher, creio que seriam.

– Há muito tempo estão aqui?

– Não sei como lhe responder essa pergunta, disse Zumiar. Não se esqueça que não dividimos o tempo como vocês.

– Em termos humanos, diga-me, quanto tempo?

– Bem, para satisfazer sua curiosidade, estão aqui, posso calcular que os primeiros há, mais ou menos, vinte anos, em termos humanos.

– Sendo assim, eles ficarão aqui até o final do projeto, não é? E depois?

– Ah! vocês, humanos, sempre querendo saber sobre o futuro e esquecendo o presente . . . Foi a única coisa que respondeu sobre essa pergunta.

– Por favor, por falar em tempo, diga-me, quando tempo tenho ainda para terminar meu relato para meus amigos lá da Terra? Eles esperam pelo diário que elaboro trinta dias após a data de minha vinda para cá, lembra-se?

– Continue a escrever. Nós o entregaremos no prazo combinado, prometo-lhe novamente. Cada vez que, de alguma forma eu conseguia que ele refizesse a promessa com relação ao meu diário-relato, sentia-me envergonhado. Por isso, tratei de mudar rapidamente de assunto, perguntando.

– Se aqui não há tempo, é por isso que vocês não envelhecem e não morrem?

– Digamos que sim, mas adiantaria se eu lhe dissesse que não ? Você ficaria na mesma, não é? Por aí, vê você que muitas perguntas que poderia fazer não têm possibilidade de ser respondidas satisfatoriamente, porque lhe falta a perspectiva do todo, as informações que poderiam, digamos, complementar o seu completo entendimento.

– Proponho a você que pergunte, pensando de modo a ajudar-me a esclarecer algumas dúvidas que você tenha, o que acho justo, mas não julgue que eu possa satisfazer toda sua curiosidade, porque não conseguiria, mesmo que nós nos esforçássemos, chegar a esse objetivo.

Nesse momento, fomos interrompidos por Zilfos que, junto com Gaduan, entrou na sala. Sem nada dizerem, ficaram somente olhando por algum tempo para Zumiar, que se virava para vê-los. Zumiar voltou-se para mim, e disse:

– Se quiser vir conosco, temos que sair, agora, para uma missão.

Mais uma vez percebi que eles não falavam para se comunicar entre si. Limitavam-se simplesmente a olhares.

Disse-lhe que sim, apesar do sobressalto que sentia intimamente.

Saímos em direção à rampa ascendente, para o terraço, onde estava uma nave à espera, com a porta já aberta, evidentemente para que entrássemos. Era uma nave em forma de disco, como que dupla, muito alta, mais do que as outras que já vira antes quando em Terra. No centro dela, entre as duas partes, havia uma cintura de furos redondos que me pareciam ser luzes. Suas faces eram espécie de vidro opaco.

Entramos, Zumiar, Zilfos, Gaduan e eu. Sentamo-nos, Zumiar próximo a mim, enquanto os outros desapareceram no interior da nave, que era imensa. Novamente, dormi durante quase toda a viagem; isso era de estranhar, pois não costumava dormir com facilidade e nunca havia dormido antes à bordo de qualquer veículo, exceção feita à viagem que fizera para vir da Terra e, agora, desta vez.

Ao acordar, lembrei-me que Zumiar tocara-me no braço antes de iniciarmos a viagem, como se fora para me dar passagem para o interior do veículo, e que na viagem anterior também havia sido tocado no braço antes de embarcar. Por isso, agora cismava comigo mesmo se não fora essa a causa de eu ter adormecido. Uma vez acordado, – e para minha surpresa – estávamos sobrevoando a Terra. Foi muito interessante rever o nosso planeta, assim, tão de repente. Saímos e . . . pronto. Lá estava eu, a bordo de uma nave que sobrevoava novamente o meu próprio planeta. Eu que pensara nunca mais ver a Terra!

Zumiar estava me olhando fixamente, com o que desviei minha atenção da escotilha para o interior da nave. Quando me virei para seu lado, sorriu aquele esboço de riso, apenas, e nada disse. Eu é que falei, um tanto temeroso, inseguro até.

– Nós vamos descer? Estão me trazendo de volta? Será que foi por que perguntei demais?

Diga-me, Zumiar, por favor, vou ter que ficar de volta na Terra?

Zumiar olhou-me um tanto enigmático por alguns segundos e perguntou-me:

– Você gostaria de retornar? Quer ficar aqui na Terra?

Estava preparado para ouvir respostas e não foi fácil receber, ao invés, perguntas.

– Com toda sinceridade, digo-lhe que se me houvesse feito essa pergunta ainda lá, enquanto estávamos em seu planeta,

com certeza lhe responderia que não. Agora aqui, confesso que houve um lampejo de dúvida quanto à minha convicção. Não, respondo-lhe que, seguramente, não quero deixar o projeto e também não quero desistir do meu compromisso para com vocês e para comigo mesmo. Entretanto, sei que não importa a minha vontade. Por isso, responda-me, pois estou um tanto nervoso com a dúvida.

– Não, não viemos aqui a fim de deixá-lo. Fique tranqüilo quanto a isso.

– Então, o que viemos fazer? Um passeio repentino e tão longe tem que ter um objetivo, creio eu.

– Há uma finalidade neste passeio. Viemos aqui para impedir . . . uma . . . titubeou, pensando e, depois, como que achando a palavra adequada, continuou a falar . . . provavelmente para impedir uma provocação. Sim, isso mesmo, repetiu. Viemos para tentar impedir uma provocação que seria feita pelos nossos conhecidos, a quem já nos referimos, de outras naves, de outro planeta, lembra-se? Provocação que seria, ou até já foi perpetrada contra vocês, da Terra.

– Que espécie de provocação?

– Não sabemos ao certo. Tanto pode ser um *black-out* parcial, como a paralisação de uma frota de navios. Enfim, muita coisa pode ser feita, e bem facilmente. O mais grave é que isto pode acontecer sem risco algum para os agentes, sem possibilidades de defesa para os humanos e, ainda mais, impunemente.

– Por eles pensarem assim é que vocês vieram aqui?

– Sim, respondeu. Apenas para mostrar a eles que estamos aqui. Acreditamos que será o bastante para impedi-los de qualquer ação negativa ou prejudicial.

– Onde eles estão agora?

– Para você é mais difícil vê-los, porque não é dotado de visão necessária para tanto. Lembra-se do caso dos nossos companheiros que assumiram uma quarta dimensão, a qual vocês não conhecem, e que desembarcaram invisivelmente aqui na Terra? Pois é. Eles também poderiam adotar essa posição dimensional e por isso vocês não os veriam.

– As naves também podem desaparecer de nossas vistas, escondidas em outra dimensão?

– Não, as naves não podem ser escondidas totalmente em outra dimensão, mas podem desaparecer de suas vistas através

de outro processo, o da velocidade. Podem imprimir uma velocidade maior do que a capacidade visual de que vocês são dotados, aparentemente, para os humanos, elas desapareceriam. Se você quiser vê-los, aproveite agora, porque poderá quase tocá-los, de tão perto que estamos deles. Levante-se e veja por aquela abertura lá da frente.

Dizendo assim, fez um gesto com o braço apontado, para que eu fosse até uma escotilha localizada em frente ao lugar onde estávamos sentados.

Levantei-me e fui. Realmente, foi sensacional. Estávamos quase encostados em outra nave, um pouco diferente da nossa, mas também em formato de disco. Olhei pela grande escotilha daquela nave, tão próxima e vi dois tripulantes que estavam também postados frente à janelinha. As duas naves estavam completamente paradas no ar e o único movimento era apenas o das luzes, que piscavam sem parar.

Os dois tripulantes da nave vizinha encaravam-me com aparente espanto e eu os vi bem, a ponto de poder descrevê-los. Eram calvos, o crânio alongado para cima e bem grande em proporção ao resto de seus corpos, que me pareceram ter uma altura aproximada de apenas 1,30m. Os seus olhos eram mais acentuadamente amendoados dos que os de Zumiar e sua cor era mais clara, um tanto amarelo-esverdeada, como se estivessem sofrendo de icterícia. As orelhas eram diferentes das nossas, pois eram lisas e pontudas para cima. Não vi dentes. Presumo que também eram banguelas. Suas roupas pareciam ser feitas de metal maleável e os dois que vi pareciam gêmeos, tal a semelhança verificada entre eles. A diferença entre as naves é que a nossa era arredondada em cima e em baixo da "cintura" de janelas e luzes e a deles parecia-se com um chapéu chinês, triangular, em cima e em baixo. No mais, a cintura do disco era quase um rasgo só, aparentemente de vidro ou metal brilhante, muito translúcido, com os buracos para as escotilhas disfarçados, retangulares e bem grandes. As duas naves eram quase do mesmo tamanho, porém, a deles era um pouco menor.

Rapidamente, aqueles dois tripulantes saíram da frente da janela, para depois voltarem novamente, não sei se os mesmos, pois eram muito parecidos entre si, e logo sumiram. Em seguida, a nave começou a se mover lentamente por alguns metros e logo desapareceu, a uma velocidade espantosa.

Voltando-me para dentro da nave, vi Zumiar no mesmo lu-

gar e encaminhei-me para a minha poltrona, a seu lado. Com muita sinceridade, disse-lhe o que me veio à cabeça:

– Você pediu que eu fosse à janela para espantá-los?

– Eles iriam embora de qualquer maneira, respondeu-me.

Lembro-me que, depois, demos muitas voltas perto do solo para, em seguida, prosseguirmos viagem, durante a qual, como sempre, dormi, somente acordando quando Zumiar, tocando-me, disse que já chegáramos e deveríamos descer. Descemos e fomos andando juntos, só nós dois, para aquela mesma sala onde estivéramos antes. Uma vez lá, sentamo-nos, um frente do outro. Pedi permissão para fazer perguntas. Zumiar aquiesceu e eu disse:

– Fiz-lhe antes uma pergunta, à qual você me respondeu com o exemplo do incêndio. Entendi muito bem o que quis me dizer sobre o equilíbrio, a harmonia, a meta do grupo, a meta única. Penso que entendi tudo, porém, embora aceitando a lógica de sua resposta e a analogia que fez, não seria possível você me esclarecer com outros exemplos.

Para melhor situar minha dúvida, pergunto-lhe: como poderíamos nós, caso descuidássemos de nossos propósitos mais dignos, sermos os causadores de algum desequilíbrio em um tão imenso e complexo sistema, sendo os humanos e a Terra, em comparação ao todo, uma insignificância? Não somos nós muito medíocres e infinitamente pequenos para influenciar maleficamente tão vasto mecanismo harmonioso?

– Em termos de raciocínio humano, você fez uma pergunta aceitável e eu responderei dentro desse mesmo raciocínio, com alguns exemplos. Veja nosso caso, especificamente o caso de nosso planeta. Fizemos aquela fazenda, o lago dos peixes, os pastos, os vegetais, enfim, tudo aquilo que você viu quando lá esteve comigo. Sabe você o que foi preciso fazer para que tivéssemos melhor êxito em nosso intento de obter alimento humano? Tivemos que, digamos, roubar de seu planeta algumas colméias de abelhas domésticas, para que elas, com seu trabalho profícuo, fecundassem algumas de nossas plantas. Esse é, portanto, o único inseto que você encontrará em nosso planeta. Fomos nós que o trouxemos. Com a sua aparente insignificância, elas nos ajudam e também ajudaram muito a vocês. Dou-lhe outro exemplo: a Lua tem uma importância vital para a Terra e, no entanto, está tão distante de vocês. O que seria de vocês se a Lua se comportasse de forma diferente? Quem poderia contro-

lar as marés? E o resto? O plantio, a colheita, a poda das árvores e até mesmo o corte dos cabelos e das unhas dos humanos, que sofrem tão profunda e invisível influência do magnetismo da Lua?

– E o que vocês dão à Lua, em troca? Você não sabe, mas de certa forma vocês a alimentam. É uma força universal, invisível para a maioria dos humanos, mas lá está ela o tempo todo, permanentemente agindo. Outro exemplo: imagine um sistema de rodas dentadas, em um grande e complexo relógio. É muito importante para seu andamento preciso que pequeninas rodas dentadas estejam entrosadas em seus movimentos gerais, pois se uma das engrenagens não corresponder, acabou-se a harmonia do conjunto e o relógio não funcionará, ou o seu funcionamento será defeituoso.

– Não notam a diferença que há hoje no clima da Terra? Não discutem os danos que os homens causam e causarão com a indiscriminada devastação da natureza, com a poluição das marés e das águas? Que resultou dessa proporcionalmente insignificante modificação, aparentemente sem importância? E as explosões atômicas, o fato mais grave no que nos toca, dado que afeta de forma direta e violenta o equilíbrio harmonioso do sistema? E, o principal, as suas ações, palavras e pensamentos egoísticos, preguiçosos e envaidecidos que geram esse resultado nefasto, cobrindo a Terra com espessa camada escura.

– Têm vocês o direito de molestar também a nós outros dessa forma?

– Quero ver se explico melhor, para você entender: você poderia ficar sem tomar banho durante um mês, encher-se de parasitas e de sujeira, e depois sentar-se no meio de uma multidão sadia e limpa, sem molestá-los? Sem prejudicá-los? Sem contaminá-los? Vocês precisam de calor e da luz do Sol e os usam para vários efeitos de vital importância. Ora, vocês pensam que isso é assim, de graça? Sem que haja a menor reciprocidade e o menor respeito? Tudo deve ser-lhes dado de graça e, além disso, vocês podem fazer o uso que lhes aprouver, sem risco algum para vocês próprios, ou para o sistema ao qual se integram? Percebe melhor, agora? Perguntou-me Zumiar. O homem tem o mau hábito de querer, de graça e imediatamente e pior, até com exigência.

– Foi bom que me ajudasse com esses esclarecimentos e exemplos adicionais. Posso perceber melhor, agora, respondi.

– Então, aproveite esse entendimento para melhor enxergar a colocação e a perspectiva dos nossos colegas de outras naves, que tanto se irritam com o comportamento inadequado de vocês e que, aborrecidos e colocados em risco, querem por isso eliminá-los drasticamente, sem mais outras chances de aviso ou de recuperação. Para eles, vocês já estão julgados, e é só porque eles sabem que nós não permitiríamos o massacre violento e radical de toda a espécie humana, sem que tivéssemos antes a nossa decisão, fundamentada e justa, que eles não os executam agora, liminarmente.

– Sabemos que às vezes eles pressionam vocês, com essa forma de ataques esporádicos que têm a finalidade de "sacudir" os terráqueos, trazendo-os à realidade que ignoram e que, sozinhos, não conseguiriam encontrar. Temos a certeza de que essas aparições de naves nos céus de seu planeta repetir-se-ão com o tempo, num crescendo, além das notícias de "ataques", de *black-outs* e até mesmo de violências físicas e materiais.

– Vocês não poderão impedir? perguntei.

– Sim e não, pois é impossível exercer uma fiscalização tão eficiente que impeça totalmente essas incursões à Terra. Além disso, nosso poderio não é "maior" nem "menor" que o deles. Há, por isso, apenas um respeito mútuo entre nós, mas não há uma submissão ou um acatamento total. Mas, quem poderia realmente impedir, seriam os próprios humanos, modificando-se.

– Vocês, ambos, não poderiam dar-nos um prazo, pelo menos? Nós, humanos, deveríamos saber do risco que corremos. Acha justo?

Zumiar olhou-me por algum tempo e respondeu, perguntando-me:

– Se você fosse justo, como se operaria a comunicação do prazo concedido? Você iria lá e lhes diria, ao invés de escrever o seu relato? Nós mesmos nos comprometemos a enviar seu relatório aos seus amigos, na esperança de que eles o divulguem. Acha que adiantaria, ou que adiantará? Seria você escutado como um pessoa sã? Seria você mais potente do que os interesses materiais envolvidos em tal descalabro de comportamento? Além desse procedimento ganancioso, que será provavelmente a causa da destruição e do desaparecimento da raça humana, lembre-se que o homem não está consciente. Ele dorme. Portanto, a sua atuação é automatizada, igual à de um sonâmbulo. Será possível acordá-los todos ao mesmo tempo, por poucos segundos que fossem?

– Pensa você que a nossa afirmação é errada? Que não seria assim que aconteceria, caso você fosse lá e quisesse mostrar-lhes o que sabe?

Lembrei-me imediatamente dos pregadores que haviam passado pela Terra sem êxito. Pensei na vida de Jesus, principalmente, e logo depois me veio à memória uma pequena lenda que é em um livro de histórias dos "derviches" muito antiga (850 a.c.), que contei a Zumiar:

"Um dia, Khidr, mestre de Moisés, advertiu todo o gênero humano de que, em uma data próxima e determinada, toda a água do mundo que não fosse especialmente guardada desapareceria e que surgiria, depois, uma nova fonte com uma água, também nova, que, uma vez bebida, enlouqueceria todos os que a bebessem."

"Um único homem, dentre todos, obedeceu à advertência e armazenou água em um lugar seguro. No dia pré-fixado, as águas deixaram de correr, desaparecendo completamente e os poços secaram. O homem que guardara água encaminhou-se para seu refúgio e passou a beber a água boa, até que notou que novas águas brotavam nas fontes e nos poços. Quando saiu de seu esconderijo e entrou em contacto com os outros homens, notou que eles falavam e agiam de modo estranho, bem diverso do anterior, que não tinham nenhuma lembrança da advertência do Khird."

"Tentou, então, dialogar com eles e notou que o tratavam com hostilidade e compaixão. Julgava-no louco e não o compreendiam. Todos os dias o homem ia ao seu esconderijo beber a água que guardara, mas, em pouco tempo, não suportando mais a tristeza e o isolamento da incompreensão, resolveu beber da nova água também e, com isso, tornou-se igual aos outros homens. Daí em diante, os seus semelhantes passaram a encará-lo como a um louco que recobrara a razão."

– Ótima resposta você me deu ao contar essa lenda tão bonita e apropriada, disse-me Zumiar. Em seguida, deu-me ordem para ir descansar, dizendo-me que depois me chamaria para novas projeções e comentários do projeto.

Fui para o meu quarto. Lá chegando, tomei banho, comi e escrevi meu relato, atualizando-o com os acontecimentos. Depois, adormeci. Acordei após um sono muito profundo, povoado de sonhos em que se misturavam naves, guerras interplanetárias, o meu grupo de companheiros da Terra, além do

diálogo que travaria com Zumiar e que assim se desenrolou:

– Sobre o entendimento de que você fala, de que maneira poderia eu obtê-lo também? Zumiar respondeu-me que o começo do meu entendimento estaria no "acordar-me para o nosso modo estúpido de pensar".

– E quando isso se der, o que me acontecerá? perguntei.

– Bem, disse-me ele, acontecerá que você se encontrará pela primeira vez com o seu Eu Verdadeiro. Notará que todo o resto do seu "pensar", desse momento para trás, era o pensar do já pensado, que vem a ser o continuísmo a que vocês se agarram por conveniência. A inteligência real e pura terá início para você quando, libertando-se, encontrar-se pela primeira vez com o seu verdadeiro EU.

– A propósito, diga-me, Zumiar, porque o homem se preocupa tanto com a reencarnação?

– Como já disse, pelo continuísmo. Quando o homem "pensa" na reencarnação, ele se recorda mesmo é de suas posses materiais, sua posição social e sua família. No entanto, tudo que é espiritual é, em essência, atemporal, por conseguinte, eterno. Ou, ainda mais, está além do tempo e do espaço, não sendo, portanto, mensurável, mesmo porque o continuísmo é algo que tende a terminar e o que é espiritual não acaba, não começa, não é. Nesta linha, apontando nessa direção é que iremos ao encontro da essência e do EU permanente.

– Mas nós, humanos, realmente cremos na reencarnação, você não acha?

– Sim, vocês crêem, sem a devida convicção e a crença também é para o homem, uma forma de segurança pessoal, razão pela qual chega a ser, também, falsa e nociva, prendendo-os emocionalmente.

– Explique melhor, pedi-lhe.

– É simples. Se existem crenças, existe, também, divisão de adeptos dessas crenças, não é? Então, em decorrência da divisão das crenças, teremos a divisão dos homens. Líderes ou liderados, envolvidos em uma crença, qualquer que seja ela, separam-se os homens, e uma vez separados, por segurança pessoal, lutam uns com os outros. Assim, chegamos a um paradoxo: quanto mais atuantemente professarem essas crenças, mais comprometida estará a integração do homem, pois a autorealização e a busca da segurança levará os grupos a lutarem uns contra os outros. Vale dizer que, se conseguis-

sem excluir essas falsas formas das crenças pelas quais lutam, não teriam motivos para se desagregarem.

– E isso tem alguma coisa a ver com o nosso entendimento, que foi o início desta nossa conversa?

– Sim, tem. Se vocês conseguissem perceber quão envolvidos se encontram constantemente, teriam visão da possibilidade do trabalho real da sua inteligência e do entendimento consciente. Em decorrência, nasceria uma nova posição, que traria o homem à sua real autoconfiança. Sua mente, como que desperta, colocar-se-ia em nova e justa perspectiva.

– E o que ocorreria daí em diante? perguntei.

– Ah! vocês, homens, sempre querendo as coisas prontas e de graça . . . Aconteceria que a sua mente se libertaria e quando isso ocorresse, experimentaria uma confiança, uma segurança que nunca percebera ou sentira antes. Não estaria mais em busca de nenhuma crença, pois estaria em contacto com o verdadeiro EU, a essência, a centelha divina da criação e encontrariam o saber, verdadeira base, convicção, que forma então a real crença.

– Como seria a conciliação dessas duas coisas – o entendimento e o viver em grupos liderados?

– Justamente aí é que está o alvo, pois isso é possível, desde que haja amor. Quando se consegue o entendimento perfeito de si mesmo, consegue-se obter a segurança, ou melhor, a autosegurança, bem como a autoconfiança absoluta. Então, surge o amor. Não o amor como se concebe dentre a maioria de vocês, o amor intelectualizado. O homem que se encontra está apto a amar com o coração e, amando, coloca a si próprio e ao seu sistema organizativo no verdadeiro lugar. É claro que a base do entendimento entre os homens é o amor, mas este somente será experimentado por aqueles que conseguirem lograr o contacto com o seu verdadeiro EU. Estes, sim, não precisarão apoio e não mais entrarão em disputa: apenas amarão o seu próximo. É o amor universal.

– Repare bem, pois, que não se trata de uma conciliação de atitudes, mas sim de atitudes decorrentes. Simples, não acha você? Mas, como todas as coisas muito simples, esta também é das mais difíceis de serem entendidas pela mente viciada do homem. Nesse ponto do diálogo, acordei. Levantei-me bem disposto, lentamente, me preparei para quando me chamassem. Tão disposto estava que, quando terminei de me arrumar, aproximei-me do intercomunicador e chamei-os, avisando-os de que já estava à sua disposição, ao que me responderam que eu

poderia ir para o salão. Aqui, depois de acomodados, foi Elmer quem acionou o botão para dar início às projeções, sem nada dizer. A tela redonda iluminou-se e passamos a assistir, aparentemente, a cenas de agricultura, em um lugar qualquer não identificado da Terra.

Vimos imensas regiões com plantações uniformes e bem cuidadas, depois outras enormes plantações, mas em diferentes regiões do mundo. Tratava-se de plantios em grandes áreas, outras vezes em áreas menores. Mas, o que me fazia supor que mudavam de região e até de nação era por causa dos diferentes tipos humanos e do vestuário dos seus trabalhadores. Com o desenrolar do relatório, verifiquei que havia uma constante em todas as cenas. Eram, invariavelmente, monocultura. Por maior que fosse a área plantada, sempre na única espécie de plantação. Não sendo grande conhecedor de lavoura, aguardei que as cenas se alongassem mais, para poder chegar a maiores conclusões. Algumas passagens referiam-se a colheitas e depois a industrialização, em grande, média e pequena escala.

Só então, quando fixaram lances de sofisticados laboratórios, percebi que se tratava de tóxicos que, aparentemente, eram preparados para o mercado.

As tomadas tinham sido minuciosas, como se pertencessem a um relatório de algum órgão policial – um documentário extenso e completo sobre os tóxicos, desde as suas origens até o consumidor. O relato era rico em detalhes, mostrando uma enorme série de manobras e operações das mais diversas, com um surpreendente número de pessoas envolvidas naquele propósito.

Tais relatos levariam a quem os assistisse, a crer que possivelmente os governos se preocupavam em cuidar desse mercado como se fosse uma indústria rendosa e de efeitos inocentes, de tão grandes, completos e organizados que se mostravam.

Depois, foi a vez da distribuição da droga. Assistimos a tomadas que mostravam toda uma complexa e sofisticada rede de passadores dessas drogas, com inumeráveis, pessoas trabalhando com tal interesse, afinco e desfaçatez, que levaria qualquer um a supor que não tinham idéia do mal que iriam provocar.

Chegamos às cenas deprimentes do desespero dos viciados, o seu recolhimento e confinamento em casas de tratamento, envolvendo e aumentando ainda mais o número de horas e o es-

força de trabalho das pessoas dedicadas ao ramo. Foram-nos mostradas mais algumas cenas, sempre relativas a tóxicos, destacando toda a gama das diferentes espécies de maconha, haxixe, cocaína, heroína e até drogas em pílulas e em ampolas, cuja finalidade inicial teria sido a de ajudar no tratamento de moléstias humanas, jamais para viciar e degradar.

Em vários momentos, era de se supor que algumas das organizações mundiais que vendiam drogas possuíam o seu próprio laboratório de produtos farmacêuticos, onde fabricavam produtos aparentemente com finalidades medicinais, porém com o velado intuito de suprir os mercados do vício.

Ficou claro, entretanto, que o objetivo do relato não era o de descobrir manobras escusas, mas sim o de mostrar o comportamento do homem em seus setores de atividades comerciais e industriais, bem como os que se entregavam ao vício sem mais nenhum interesse mundano ou espiritual.

Quando Elmer pressionou o botão para desligar o aparelho de projeções, virei-me para trás e reparei no grande quadro estático, que acusava mais um assunto abordado, alterando-se, conseqüentemente, os números em todos os itens, como o de pessoas, o de horas dedicadas ao trabalho, o de espécie de atividade, o de produtos.

Então, comecei a entender bem aquele sucinto quadro demonstrativo do nosso comportamento na Terra. Era possível, com um simples olhar, saber quantos habitantes tínhamos na Terra, quantos em cada faixa de idade, quantos são, quantos doentes, quantos se alimentavam, com que freqüência o faziam, quanta força de trabalho representava o número de trabalhadores disponíveis e em atividades, onde e em que setores se aplicava essa força percentualmente.

O resultado dos primeiros números foi surpreendente. Víramos relatórios sobre poucos assuntos, a maioria aparentemente inúteis para a humanidade e alguns até mesmo nocivos. No entanto, a percentagem de pessoas que se ocupa desses itens já representava uma grande parcela do todo disponível.

Voltei ao meu quarto por sugestão deles, onde deveria permanecer até que me fossem buscar para irmos até onde se localizavam os humanos, (na tal fazenda), o que aconteceria a meu pedido. Quando terminaram a projeção do relatório, solicitei que me dessem uma folga a fim de que a aproveitasse para ver e, talvez falar com algumas das pessoas que lá se encontravam.

Disseram-me que permitiriam, mas que eu deveria aguardar em meu quarto até que fossem me buscar para o passeio pretendido.

No quarto, ponderava sobre todos os relatos assistidos e sobre os que talvez, ainda me fossem mostrados. Havia em mim angústia e mal-estar muito grandes, em decorrência das deduções a que já chegara, bem como sobre o resultado a que chegaríamos. Antevia, a grosso modo, os números finais que o placar do salão apresentaria. Sem dúvida, esses números desalentadores representariam o resultado estatístico do esforço na Terra e demonstrariam paradoxos indefensáveis.

Peguei a caneta e comecei a atualizar o presente relato, demorando bastante. Muito depois fui chamado, avisando-me que sairíamos em direção à fazenda.

Acompanhado de Zilfos, percorremos o mesmo caminho através da esteira rolante. Usamos a dupla bengala e quando chegamos ao ponto de descermos, perto da fazenda, Zilfos disse-me que, dali em diante, eu poderia seguir sozinho, encontrar meus conterrâneos e ficar o tempo que precisasse, falando com quem quisesse, sem nenhuma restrição quanto aos assuntos que pretendesse abordar.

Subi vagarosamente a ladeira que me levaria até o alto, onde estivera antes. Divisei a cidadezinha e comecei a andar em direção a ela. Iria direto, segundo minha intenção, mas no meio do caminho, próximo da estrada, uma pessoa de cócoras cuidava das plantas.

Ao aproximar-me mais, sem sair da estrada, parei e fiquei olhando: era um homem. Depois de algum tempo, o homem ergueu a cabeça e olhou-me. Era um senhor de uns 50 anos, ou pouco mais. Rosto curtido e vincado, cabelos ralos e grisalhos, mãos calejadas. De baixa estatura, atarracado, mas não gordo, forte e com jeito de pessoa acostumada a trabalhar na terra.

Disse-lhe:

– Olá, como vai?

– Bem, respondeu-me. Você é novo aqui, não é?

Tinha um sotaque acaipirado de meu país e falava com calma. Só então me lembrei que ele poderia não falar a minha língua e que eu não estava preparado para isso. Nem me ocorrera a possibilidade de não sermos, todos, trazidos da Terra para este planeta, oriundos do mesmo país e falando a mesma língua.

Após esses pensamentos, retomei o diálogo.

–Sim, isso mesmo, sou novo aqui e por sorte vejo que somos patrícios.

Fiz uma pausa e como ele nada dissesse, continuei:

– Sabe o senhor há quanto tempo está aqui?

– Não, não sei, faz bem tempinho, mas não sei quanto. Depois, o diabo desse sistema daqui, de não ter dias e noites, atrapalhou bastante os meus cálculos e agora até já me perdi.

Eu me sentia afoito em fazer muitas perguntas e não deixei que ele inquirisse antes. Então, emendei nova pergunta:

– E há muitos iguais a nós, aqui?

– Não, de patrício, aqui, tem só uns poucos, mas tem uma "alemonzada" danada, prá mais de uns trinta, eu acho. Ah! com eles eu não falo. Aliás, sou de pouco falar, mesmo com os outros conterrâneos. Sempre fui quieto, respondeu, esboçando um riso franco.

– Porque o senhor está aqui? perguntei. Veio porque quis vir, ou foi trazido à força?

– Homem, nem uma coisa, nem outra. Vou-lhe dizer: vi um disco voador, pela primeira vez, em um dia que estava em minha roça, um pedacinho de terra lá em baixo, que eu arrendava, trabalhando como sempre, sozinho, pois não tenho mulher e nem filhos, sabe? Então acenei para eles, estava eu na enxada, assim (e fez um largo gesto com a mão direita com os grossos dedos entreabertos) e então foram embora. Noutro dia, voltaram e eu acenei de novo para eles. Desceram do aparelho e ficaram a me olhar e foram embora de novo. Dias depois, voltaram e fizeram a mesma coisa, e mais outro dia, até que eu resolvi ir até onde eles estavam parados me olhando, e fui.

Quando cheguei perto, gostei do jeito deles, perdi aquele medo que me deu no primeiro dia e foi quando me convidaram para entrar no disco. Eu entrei e vim parar aqui. Pra falar a verdade, não sei onde estou, mas eles são muito bons comigo, desde que cheguei. Já tinha um par de homens trabalhando a terra e foi aí que eu comecei a trabalhar, também, eu e meus companheiros.

– E o senhor já se acostumou com a idéia de que é possível que não volte mais à Terra?

– Eu não acho grande coisa essa de não estar na Terra ou estar. Aqui eu trabalho a terra, lá também fazia o mesmo. Aqui eu não tenho patrão, não é igual que lá? Eu e meus companheiros dividimos o serviço e pronto. Tenho uma casa bem mais apa-

reiada que meu rancho, mas também não ligo pra isso. Aqui, não temos que comprar nem vender nada. Nisso é diferente. Eu preciso comer, eles me dão comida. Nem sou eu mais que cozinho, são eles que preparam tudo, junto com os alemão, lá naquela casa maior, está vendo? disse, apontando para a cidadezinha e mostrando uma casa baixa e comprida que deveria ser uma espécie de refeitório e cozinha.

– Do quê você sente falta, então? perguntei. Ficou pensando como se não soubesse, para depois responder:

– Ah! cigarro, bebida e muié. Mas, o pior foi o cigarro, não é? Eu gostava de fumar e aqui não tem jeito. Até já perdi o vício, eu acho, pois já faz um tempão que não vejo um cigarrinho. Agora, beber, eu não era de beber muito, mas antes do almoço e da janta eu gostava de tomar um traguinho. Mas, acho que foi igual ao cigarro, já esqueci. E muié, bem, eu não era de muita muié, mas pelo menos uma vez ou outra eu ia na casa das raparigas, lá perto do meu sítio, e aqui não tem disso, não. Só tem muié casada e umas pouca moça nova, que não tem jeito prá mim. E riu um pouco ao terminar de falar.

– E os outros, também vieram parar aqui do mesmo jeito que você? perguntei.

– Não, isso eu não sei, não falo com eles, não entendo, não é? Agora, os meus companheiros que eu entendo, parece que foi tudo do mesmo jeito, ou parecido. É gente simples, tudo igual eu: tem dois que vieram com as esposas e um até com o filho, mas me contou que veio dormindo e que, na verdade, nem sabe o que aconteceu com eles. Não viram disco, nem nada. Disseram que estavam no campo, trabalhando, e só se lembram de ter tido muito sono. Acho que perderam os sentidos lá na Terra e acabaram aqui.

– No começo ficaram desesperados, choravam, mas aí falaram com o padre e acabaram se aquietando. Acho que também já se conformaram como eu. Acho até que gostam daqui. Pelo menos, doentes nunca ficaram, nem eles nem as crianças.

– Então vocês têm aqui, com vocês um padre?

– É frei Damião é o padre daqui e ele não é patrício. Fala a nossa língua com jeito diferente, mas fala.

– Agora, disse ele, o senhor me desculpa, mas e o senhor, o que faz aqui? Pelo jeito, estou vendo que o senhor não é homem da terra, que nunca trabalhou na enxada e nem é de lidar com criação, tão pouco.

Fiquei realmente embaraçado. Afinal, o que eu poderia lhe dizer a meu respeito? Titubeei, respondendo:

– Estou aqui também porque quis vir e só estou assuntando tudo, para ver se vocês estão contentes ou não, e foram "eles" que me pediram para ver isso. Caso queiram alguma coisa, digam-me, que eu vou tentar providenciar.

Não sabia porque dissera aquilo, pois não estava autorizado a nada e tampouco pedira tal autorização a "eles". Mas já tinha dito, e pronto. Foi o que achei que deveria dizer e fazer, e fiz.

– Ah! bom, isso é bom, mas acho que não precisamos de nada. Tá tudo bem.

– E vocês trabalham muito?

– Não, qual o quê. A lavoura é pouca, é só para o gasto. "Eles", que são os donos, não ficam com nada, nem um ovo, pode crer. Eu acho até que a comida deles é diferente da nossa, sei lá!

– E entre vocês não tem ninguém descontente, querendo voltar? perguntei.

– Não, que eu saiba, não. Tá tudo contente, acho, mas só falo com o frei e com um par de conterrâneos. O resto não sei não, mas aqui não tem briga, nem miséria, nem doença, e isso já é muito bom prá que ninguém queira ir embora, eu acho. O mais esquisito é que ninguém aqui morreu ou ficou doente, desde que chegamos.

– Bem, vou andar um pouco por aí. Depois, creio que nos veremos de novo, está bem? Até logo e obrigado pelas informações.

Sai em direção à comunidade, muito intrigado com o que ele me dissera no final, de que "aqui, ninguém morreu até hoje" Por quê?

No caminho, quando ainda faltavam uns 100 metros para chegar à cidade, parei e fiquei pensando comigo mesmo: afinal, o que eu viera fazer aqui? Que, diabo, tinha que ficar especulando, como se fosse um repórter? Se estavam contentes, se vieram porque quiseram, ou se à força? Que diferença faria isso? O que eu poderia fazer com as informações que conseguira? E o principal, o projeto, do qual eu já estava inteirado e consciente da sua importância para todos nós?

Na verdade, eu nada poderia fazer pelo projeto ali, na fazenda, e muito menos inquirindo aquelas pessoas, fossem quais

fossem suas respostas. O problema era com as pessoas na Terra, e não com aquelas que ali estavam. Pensando assim, resolvi que não deveria continuar a pesquisar entre aquelas pessoas que, pelo jeito, já estavam integradas em sua nova "vida" e até se sentiam satisfeitas.

Voltei rapidamente, como que aquilatando a minha posição de curiosidade, sem meta ou efeito, egoísmo apenas; com vergonha do meu procedimento andei, bem depressa, em direção a Zilfos, que me aguardava. Porém, minha curiosidade foi mais forte do que eu e, ao me aproximar dele, perguntei:

– Antes de voltarmos queria pedir-lhe que me permitisse ir ter com o tal padre que vive aqui, neste lugar.

– Ah, sim, o padre, respondeu-me Zilfos. Pode ir vê-lo. Vá por este mesmo caminho e ao chegar na vila, olhe à direita. Quando notar uma casa adornada com desenhos e esculturas, dirija-se a ela, é onde ele vive. Você poderá voltar aqui quantas vezes quiser, pois sei que dificilmente conseguirá esgotar suas perguntas em uma só visita.

Fui andando, justificava minha curiosidade pensando que eventualmente poderiam ser úteis, para meu diário, as informações que pudesse obter do padre.

Chegando à vila, logo descobri a casa. De fato, ela era ornamentada com muitos desenhos e figuras geométricas, como triângulos, círculos, quadrados, com algumas figuras sobrepostas e outras justapondo-se pelas bases, como dois triângulos, dois hexágonos, triângulos sobrepostos formando estrelas de seis pontas, um triângulo dentro de um quadrado, estrelas de cinco pontas, além de uma infinidade de outros desenhos.

Ao lado da casa, havia muitas árvores – à sombra de uma delas um homem, aparentemente absorto em seus pensamentos. Aproximei-me e cumprimentei-o:

– Sou um visitante e soube de sua existência por um dos habitantes da vila. Vim para conhecê-lo e cumprimentá-lo.

– Ah! sim, fez bem em vir. Sente-se, disse-me ele fazendo um espaço ao seu lado, em um banco simples, de madeira.

Estava tudo muito calmo e bastante agradável.

– Que bom está aqui, disse-lhe. Tranqüilo, silencioso, temperatura amena, além do perfume da vegetação . . .esta sombra . . . que bom, repeti.

– Eu mesmo plantei esta acácia, e estar à sua sombra me é muito agradável e importante. Eu a conheço bem, acrescentou,

batendo levemente com sua mão espalmada, no tronco da árvore.

– Não tenho muito tempo hoje, pois há um *deles* à minha espera, lá embaixo, de modo que não vou poder ficar tanto quanto gostaria. Mas, se me permitir, far-lhe-ei algumas perguntas.

– Pois não, à vontade, respondeu.

– Disseram-me que o senhor é um padre, é verdade?

– Quando ainda em Terra, fui um padre, mas agora não. Aqui não existem templos, nem religiões. Porém, os desta colônia nos reunimos freqüentemente, apenas com o intuito de trocar idéias e, mais principalmente, para que eu possa transmitir aos demais algumas informações que "eles" me fornecem e das quais tiro minhas deduções.

– De que tipo são essas informações e deduções? indaguei.

– Variadas e importantes, são como um preparativo, suponho.

– Fale mais, por favor. O senhor bem pode supor a curiosidade que me despertou esse enunciado.

– Bem, os assuntos são muito variados, porém, alguns nos tocam de perto, como os referentes ao nosso planeta, a Terra. Segundo dedução minha, pelos informes que já nos prestaram, os homens foram colocados na Terra para uma experiência de convivência pacífica.

Sorriu, como se não houvesse nenhuma ironia entre esta expectativa e a realidade conhecida por nós, humanos.

– Diga mais, por favor.

– Segundo me parece, as nossas raças são oriundas de outros planetas, que estão num grau de evolução igual ao da Terra, ou seja, primário, onde as guerras são constantes e tão violentas, a ponto de quase se exterminarem, evento já ocorrido em um passado bem longínquo.

– Porque você não faz afirmações, interrompi-o, dizendo sempre "talvez" ou "ao que me parece". Afinal, "eles" não lhe esclareceram?

– Sim, mais ou menos. Nós não recebemos informações diretamente, e sim através de sonhos, sonhos muito reais, até. São tão reais que, às vezes, ficamos em dúvida se realmente sonhamos, ou não. É por isso que nos reunimos, para contarmos nossos sonhos. Talvez eu, por ter sido um padre, ou por ter tido mais escolaridade e cultura que os demais, fui eleito como uma

espécie de decifrador ou coordenador. Acho que, por conhecer bastante o comportamento humano (formei-me em Psicologia), tento interpretar os sonhos que temos. Passo o tempo, aqui, pensando sobre os relatos que recebemos através deles e tento alinhavá-los numa seqüência lógica, para nosso melhor aproveitamento e entendimento.

– Ótimo, entendo. E a que conclusão vocês chegaram?

– Creio que o nosso entendimento nos leva a supor que viemos, como lhe disse, de outros planetas, muitos outros, o que explica, de acordo com a lógica humana, a diferenciação da cor da pele, dos tipos físicos, e de tão diferentes caracteres de que nós, os humanos, somos dotados. Acha aceitável? perguntou.

– Sim, mas qual seria a finalidade de estarmos todos juntos em um só lugar? Na Terra, no nosso caso?

– Creio que gostariam de ver-nos, todos nós, habitantes da Terra, irmanados, a ponto de formarmos uma unidade coesa e amiga, interessada nos objetivos comuns, e dessa forma, dentro de propósitos meritórios, com base no amor universal, no amor ao próximo, conseguiríamos, aos poucos, transformar-nos em uma só raça – a raça dourada, suponho, que alguns profetas otimistas, lá da Terra, ousaram prever.

– Entendi, respondi-lhe. Ótimo! Fiquei muito contente em tê-lo descoberto aqui e ter escutado tudo o que me disse. Espero que tenhamos muitos outros diálogos para o futuro. De minha parte, expliquei-lhe sobre a viagem que fizera com o propósito de colaborar no projeto, do qual também lhe falei sucintamente. E lhe contei sobre minha vida na Terra, meus amigos e até sobre o diário que estava elaborando onde, agora, incluiria nossa entrevista. Com certa mágoa, despedimo-nos. Voltei para onde estava Zilfos me aguardando, mas desejando voltar ali, logo que permitissem.

Chegando perto de Zilfos, sorri-lhe e novamente retornamos ao prédio do projeto.

Lá, fui convidado a ir à sala, conversar com Zumiar, que me aguardava sentado em uma poltrona. Sentei-me, também, à sua frente.

– Olhe, disse-me ele, temos mais alguns relatos para ver Um sobre os hábitos dos humanos com relação ao vestuário. Da mesma forma, analisaremos o número de pessoas que se dedica a esse ramo e como se processa o desenvolvimento do problema. Quanto se faz pelo necessário e quanto se trabalha pelo supér-

fluo. Quantos têm roupa decente, adequada, em que porcentagem, e o que se faz para manter o equilíbrio das necessidades do vestuário, em geral, principalmente no inverno.

Em seguida, veremos um relato sobre a indústria bélica; igualmente, serão constatadas as percentagens dos orçamentos que as nações despendem quantas pessoas trabalham e se envolvem nos afazeres de armamento para defesa e ataque dos países, em geral. Verificados todos esses itens, assistiremos a um relato, também colhido na Terra, sobre fome, agricultura, áreas cultivadas, não cultivadas e porque não o são. Adentraremos o problema da fome, inclusive em comparações sobre o desperdício, isto é, sobre a fartura de determinadas nações em relação à ausência total de alimentos em outras.

Você sabe, por acaso, perguntou-me Zumiar, quanto, em toneladas, se fabrica de comida especial para cães e gatos, no mundo? Pois vai saber. Nós o informaremos também sobre isto.

Assim, Zumiar foi me antecipando os assuntos escolhidos para os relatórios seguintes e a movimentação estatística que deveríamos elaborar, com o intuito de sabermos como vive o homem em seu planeta.

Fiquei derreado com a simples enunciação dos itens que iríamos abordar. Nunca, antes, havia pensado ou pesado essas atitudes do homem, assim, à distância. Agora, antevia o seu resultado. Como pudera eu fazer parte de tudo isso, sem sequer notar ou me incomodar? Lembrei-me, então, do meu comportamento na Terra e vi-me naquela luta, naquele lufa-lufa diário, correndo para não me atrasar para o trabalho, para a condução, para o almoço. E os compromissos de dinheiro, as prestações, as compras . . . que loucura!

Todas as vezes que dava conta de mim, já estava outra vez na hora de dormir. O dia já se passara todo, e eu nem notara. As coisas iam acontecendo numa louca sucessão de fatos e eu, em meio a esse vendaval, não me sentia. Eu era parte dos acontecimentos, e, afinal, eu próprio não era nada. Sim, foi isso que me aconteceu. Provavelmente foi o que me deixou fora da realidade e esse mesmo fato, com certeza, fizera com que todos os humanos não se tocassem com esse problema tão evidente, uma vez enfatizado.

A seguir, nossa conversa derivou para minha visita aos companheiros, lá na fazenda. Relatei a Zumiar o que sucedera comigo. Contei-lhe quão ridículo me senti, querendo apenas sa-

tisfazer minha curiosidade e esquecendo-me do problema do projeto e até "deles", que fizeram uma pausa em seu trabalho unicamente para que eu me distraísse. Agradeci por terem aquiescido, pois disso resultou que eu próprio me visse, voltasse imediatamente a postos, para colaborar. Sabia que se eles me tivessem negado permissão para aquela visita, possivelmente eu jamais percebesse a coisa toda do modo como a "enxergara" então.

Zumiar apenas sorriu e me disse, mudando de assunto:

– Bem, há mais alguns temas a serem abordados nos próximos relatos. Nós já os conhecemos e até já temos nossa opinião formada, mas queremos ouvir a sua, bem como seus eventuais esclarecimentos. Há um relato sobre músicas, *shows* etc. e outro sobre a arte, em geral. Teremos os valores atribuídos às pessoas e às suas obras, além do enorme comércio que há por trás disso tudo, manipulando uma grande multidão de pessoas em atividade. Uma ponderável porcentagem do total disponível de força de trabalho dos homens está empregada nesse ramo de atividade humana.

– Na nossa opinião, salvo que a mudemos, há neste ramo, como nos demais correlatos, paradoxos gritantes relativos à qualidade, pois nem sempre o sucesso é atribuído ao melhor. É possível dizer que isto é absurdamente incompreensível, do ponto de vista lógico. Verifica-se a existência do poder do dinheiro, que justifica, em parte, as distorções ou injustiças, não só nesta área como nas demais da atividade humana.

Você gostará de assistir, ou apenas ouvir os relatos dos "nossos" que, desinformados, foram parar nos mais diversos lugares: corridas de cavalos, velórios, shows de "strip-tease", cabeleireiros. Enfim, trata-se de um pitoresco relato sobre coisas que, vistas através dos olhos de nossos companheiros, ignorantes a respeito, tornam-se muito interessantes. Mas, agora, eu gostaria que você fosse para o seu quarto, pois logo mais o chamaremos para um importantíssimo comunicado.

Assim, fui para o quarto e lá tomei banho, comi e pus-me a escrever, até que me cansasse, quando resolvi deitar-me. Mas, não consegui dormir, tal a minha excitação, remoendo sem parar sobre aquele lacônico aviso, de que iriam me fazer um importante comunicado. O que seria tão importante, a ponto de ser tachado assim, em meio a tantas coisas, todas muito importantes sob todos os aspectos? O que seria?

Quando me chamaram, eu nem me levantara ainda. Avisei-os que teria que me preparar e demoraria um pouco.

Assim, apressadamente, fiz meus preparativos. Comi um pouco e fui ter com eles. Só encontrei Zumiar, sentado na sala de nossas reuniões, que me fez um sinal para que eu me sentasse também, dizendo:

– Daqui há pouco, daremos início àquela série de relatos dos quais já lhe falei antes. As estatísticas se movimentarão à medida em que adicionarmos novas informações dos relatórios que nos enviaram da Terra.

Depois que terminarmos está série, você terá que se preparar para uma importantíssima tarefa. Por isso, vamos pedir-lhe que conclua seu relato, que ficamos de remeter para seus amigos, pois precisaremos muito de toda a sua atenção e vigor. Necessitamos, principalmente, que você esteja totalmente desligado do cordão que ainda o mantém preso à Terra, o qual, no nosso entender, é representado por esse diário que você- ficou de enviar aos seus companheiros.

Veja que não há nada, informes ou deduções, que queiramos sejam omitidos. É por isso que o informamos, agora, como será daqui em diante e o que esperamos de você. Sendo assim, poderá até fazer um prévio aditamento, em sua narrativa, de tudo o que lhe dissemos e o que lhe diremos ainda. Desta forma, seus amigos, lá na Terra, terão todas as informações que você gostaria de prestar-lhes, acreditamos.

Basicamente, você já sabe que estamos aqui para tratar do projeto "Juízo Final". Também sabe o bastante sobre nós e quais as razões que nos levaram a esse trabalho, inclusive sobre a nossa divergência de opinião com a dos "baixinhos esverdeados", como você os chama e como devemos proceder para com os terráqueos.

Saiba mais o seguinte: terminada a série de relatos que vamos projetar agora, nós nos reuniremos e você terá suficiente oportunidade para justificar verbalmente o comportamento dos humanos, com relação a tudo aquilo que nosso julgamento esteja errado, deficiente ou mesmo injusto, passível de, em nossa opinião, receber uma sentença que acabe de vez, com tal comportamento.

Você será o advogado de defesa dos humanos, para o que lhe conferiremos todas as chances. Você poderá requerer quaisquer coisas que o ajudem a fundamentar sua defesa, sejam es-

clarecimentos ou justificativas. Seremos pacientes, interessados e não tomaremos partido, acredite. Somente julgaremos após concluirmos todas as discussões a respeito do que vier a ser documentado. Será você, também, que resolverá quando será o momento dessa decisão.

– Quando estiver esgotado todo o arsenal de argumentos e elucidações, encerraremos, juntos, os debates. Então, será feita a votação., Assim será julgada a Terra, ou melhor, os seus habitantes. Alguma pergunta?

– Sim, creio que tenho, e muitas, mas, deixe-me pensar sobre tudo isso.

– Bem, não se apresse, disse Zumiar. Você poderá levar algum tempo terminando aquele seu relato e, depois perguntará sobre o que lembrar.

– Está bem, disse-lhe eu. Porém, posso fazer algumas indagações finais a respeito de vocês?

– Sim, quantas quiser, pois não nos opomos ao relato detalhado sobre tudo o que captou. Apenas desejamos o seu encerramento, para termos toda a sua atenção dedicada ao projeto.

Pensei um momento e resolvi incluir no meu diário algumas informações variadas a respeito *deles*. Então, perguntei.

– Diga-me, Zumiar, do que vocês se alimentam?

– No estágio em que nos encontramos, alimentamo-nos de ar, respirando simplesmente. E supomos, antes que você pergunte, que no próximo estágio, o qual julgamos existir e ser o último do nosso caminho desde o mineral até lá, seremos alimentados através da Luz, que é, sem dúvida, a mais pura manifestação material conhecida.

– Por que os seus "amigos" aqueles "esverdeados baixinhos", conforme me informou, não acreditam nessa possibilidade? Têm alguma lógica o modo deles pensarem?

– Sim, tem. Eles acham que já nos alimentamos de luz e de ar, razão por que discordam que ainda nos falta um estágio de aprimoramento. É-nos impossível alegar que, no atual estágio, não nos alimentemos de luz e somente do ar que respiramos. Veja, por exemplo, o Sol, a luz do Sol, em sua Terra, ao tocar uma planta: não é possível você ver ou saber de que forma aquela luz estaria atuando, mas você sabe que é imprescindível que ela toque a planta que ela cresça e viva. Aqui, também, não podemos provar, porque, para tanto, teríamos que nos esconder da luz e passar a respirar, chegando a uma efêmera e duvidosa

prova concreta para tentar esclarecer esta nossa divergência de opinião.

Mas, o fato de agora, no atual estágio, nos utilizarmos da luz juntamente com o ar não nos tira da dúvida.

– Outra coisa: vocês não têm emoções?

– Nós dominamos nossas emoções. Elas não têm força sobre nossa vontade. Nós as conhecemos; caso contrário, não poderíamos julgá-los, não é verdade? Lembre-se que temos memória das vidas anteriores, portanto, de nossas emoções e suas influências.

– Então, vocês as dominam inteiramente. Entendo. Mas, o que é isso de vir do mineral, como você disse há pouco?

– Bem, é difícil explicar, é como lhe disse. Viemos dos mais impuros minerais até que, através da evolução, fomos nos "afinando" e chegamos a possuir um corpo e uma centelha divina, que, com esforço e perseverança, chegou a ser um espírito. Quando chegamos a possuir esse espírito, só então poderemos nos tornarmos imortais para a vida eterna e toda a roda da vida continua, até o ponto em que nos encontramos hoje: um só bloco de almas iguais em anseio e propósito e em busca de seu aprimoramento e o fim do caminho. Aqui estamos nós, distribuídos em muitos corpos, sem disputas, sem aparente lideranças, sem emoções grandes, pequenas e vis. Nós não propomos a um só objetivo, que esperamos, em dado momento, alcançar, quando, então, seremos um só todo, apesar de separados.

– E depois? O que será? perguntei.

– Depois, deverá ser o nada, que era no princípio e será no fim. O vazio. O Uno, ou o Nirvana ou o Paraíso, ou o fim do caminho.

Se bem que estou lhe dando apenas palavras, advertiu Zumiar, porque mesmo o Nada para você é utópico, não existe. Vocês ainda não sabem, mas, acredite, o "seu" vazio é que não existe.

– Zumiar, essa é uma afirmação que posso aceitar. Porém, gostaria que me ajudasse com um exemplo, se possível, dentro do meu entendimento.

– Bem, eu posso, e até vou fazê-lo baseado em experiências dos seus irmãos terráqueos: recentemente, seus cientistas da Terra colocaram, em dois recipientes iguais, mas distantes um do outro, uma quantidade de sangue humano. Em uma das vasilhas, foi colocado um agente infeccioso, em dose muito pequena.

O que aconteceu foi natural: imediatamente, os anti-corpos foram fabricados e, para surpresa dos cientistas, no vasilhame que também continha sangue humano, ao lado daquele em que foi colocado o agente infeccioso, mas que não o recebera, igualmente foram fabricados anticorpos. Para vocês, o que aconteceu foi um fenômeno inexplicável. Ora, se vocês considerassem o espaço como um elemento e não como um nada ou um vazio, perceberiam a ligação de uma vasilha com a outra; daí a reação não ser efetivamente em distantes e distintas vasilhas, e sim em unidade, ou melhor, em conjunto, porque o "vazio" as une sem que vocês saibam como. Mas, isso não vem ao caso, pois não é nosso objetivo esse tipo de discussão, agora.

Lembrei-me que no Zen há muitas referências ao vazio, notáveis para balançar, o nosso entendimento bitolado. Lembrei-me daquele exemplo que diz: "Em um vaso o importante é o seu vazio e não o seu exterior de material palpável" e de muitos outros, mas parei o fluxo de considerações do pensamento e pedi permissão para continuar indagando, no que fui atendido.

– Se vocês são imortais, se a vocês nada que não seja para e pelo espírito importa, dominam completamente as emoções; caso discordem dos seus amigos esverdeados, como poderiam vocês, brigando, atingir uns aos outros, e de que forma essa guerra poderia ser inconveniente a vocês?

Ótima pergunta, disse Zumiar. Realmente, esperava que isso não escapasse a você. Para nós, qualquer manifestação de ação contrária ao bem-estar nos é negativa, prejudicial e incômoda. Estamos felizes quando podemos nos manter em contemplação ou meditação. Nosso esforço é justamente voltado a deixarmos esse estado de ação inócua para nos envolvermos na não ação. Deteve-se por alguns segundos e continuou a dizer:

– Um de nossos incômodos, portanto, é policiar os terráqueos que, como você já sabe, estão contribuindo para o desequilíbrio e desarmonia do Cosmos. Desta forma, muito mais nos incomodaria, por nos tirar de nosso estado ideal, se tivéssemos também que nos vigiar constantemente ou, até mesmo, para usar um termo seu, guerrear entre nós.

É claro que não se trataria de uma guerra no sentido que você conhece, mas sim em termos de perturbação de nossa paz. Nesse caso, o termo "guerra" se aplicaria igualmente a nós. O que interessa, então, é a paz e a harmonia. A nós e aos nossos

amigos "baixinhos esverdeados", concluiu, sorrindo um pouco com o apelido que eu lhes dera.

– Então, a perturbação é toda por nossa causa? Incrível! acrescentei.

– Às vezes, disse Zumiar, as formigas estragam o piquenique, não é assim? Você já teve uma pequenina pedra no sapato? É a mesma coisa para nós. Incomoda-nos a desarmonia, cuja causa, sem dúvida, vem de seus irmãos, os homens. O pior é que o desarmônico homem está prejudicando mais a si próprio do que a qualquer outro e não percebeu isso, até agora.

– Por falar em homem desarmônico, também existem homens iluminados entre nós. Já ouviu menção a alguns deles? A Jesus, por exemplo? Ou Gândi, Schweitzer e outros?

– Sim. Há muitas *almas* em seu planeta, muitas já estão em outros oriundos dele. Mas não é necessário que sejam proeminentes para servir como exemplo. Há muitas pessoas comuns, porém aprimoradas e ajustadas, na Terra de ainda hoje; podemos percebê-las com um simples olhar.

– A prova disso foi o critério de seleção que usamos pra trazer aqueles seus irmãos que estão na fazenda. Escolhemos aqueles que estavam acordados, em equilíbrio, ou melhor em uma posição ajustada. Há homens simples dentre vocês que, sem nunca terem lido ou aprendido nada com relação a religiões ou filosofias, são pessoas já dotadas de alma. Existem muitos caminhos para a conquista da alma e não são só os que se prendem às letras das escrituras, os bem-sucedidos nessa conquista. Você, como os homens em geral, tem em si mesmo o conhecimento de todas as coisas, pois são, em si próprios, a fonte de todo o conhecimento.

A procura, ou seja, o encontro da verdade através da palavra escrita ou falada não é possível. A Verdade não pode ser transmitida. Mesmo a Verdade encontrada em livros (*) tidos como sagrados serão Verdades repetidas, e o que se repete não é mais a Verdade. Por essas palavras escritas ou faladas, vocês apenas podem ser despertados para a procura do seu Eu interior. Essa busca, esse caminho, pode perfeitamente ser trilhado pelo

---

(*) A opinião do autor foi radicalmente modificada também nesse particular, com a descoberta e leitura do livro "Na Luz da Verdade", de ABDURUSCHIN (vide posfácio).

homem, sem ajuda de pessoas ou de livros, seja ele um "doutor", seja ele um simples.

Por um momento fiquei absorto, sem saber o que perguntar. Intimamente, me condenava por não saber aproveitar melhor tão raro momento. Zumiar falou:

– Volte para seu quarto e medite sobre tudo que já viu, sobre o nosso projeto e pense sobre mais uma coisa – duas palavras: supérfluo e necessário. Pergunte a você mesmo como entende essas palavras. Por acaso sabe o que é supérfluo? perguntou, para que eu respondesse naquele mesmo momento.

– Sim, sei. Supérfluo é o que está acima das necessidades, o que não precisamos para sobreviver dignamente, respondi.

– Muito bem, é isso mesmo, em palavras. Mas, qual é o procedimento do homem com relação a isso? Poderia dizer que atualmente, para eles, o supérfluo tornou-se necessário? Não me deixou responder, dizendo-me: Não diga nada agora. Pense a respeito. Vá e pense também sobre isso. Até mais ver, finalizou.

Fui para o meu quarto, lá fiquei pensando e ponderando sobre as duas palavras: supérfluo e necessário. Sim, em parte Zumiar estaria certo, concluí comigo mesmo. Acho que a grande culpa do homem é deixar-se envolver demasiadamente pelas informações em geral, que nos atingem desde criancinhas e mais acentuadamente agora, com o advento da TV. Somos inclinados a pensar e a agir por força dessas mensagens que nos chegam insistentemente – que o supérfluo deve ser necessário e que a felicidade em nossas vidas será conseguida se tivermos cada vez mais. Este seria o único caminho "certo" para a felicidade universal. Entendi o porquê do tédio dos humanos, em geral, e principalmente dos mais aquinhoados economicamente. Desde crianças, todos, porém, mais acentuadamente os meninos ricos, aprendiam com seus familiares e conhecidos que, por sua vez, aprenderam antes através de ensinamentos ou propaganda, que, caso se dedicassem a possuir coisas, seriam felizes. O homem passava a vida a acumular coisas. Quanto mais dinheiro, mais coisas a adquirir, desde jóias, casas na praia, sítios, apartamentos no campo, na serra, automóveis de vários modelos e outras quinquilharias brilhantes, que agora são batizados com nomes de artistas ou industriais que são considerados os papas da moda, ditam o que deve ser usado por todos os estereotipados pobres ricos. O homem disputa constantemente a "melhor" bebida, a "melhor" hospedagem, a "melhor" mobília, o "melhor"

automóvel o "melhor" de muitos e vários objetos e coisas supérfluas. Tudo que puder ser adquirido deve estar à disposição da voracidade sem limites do homem. No fim, verificam que, mesmo depois de tudo ter ou poder, não conquistaram a almejada felicidade. Frustrados, perguntam a si próprios: onde está a felicidade?

O homem não a encontra, apesar de, obedientemente, freqüentar os melhores lugares, copiar as pessoas mais ricas, seus iguais ou seus ídolos. Num comportamento, cuja linha é "Se fazem isto, então também faço", se o chique é ir a Saint Moritz no inverno e a Cannes no verão, então vamos a Saint Moritz e a Cannes, compramos um iate, esquiamos, dançamos e não somos felizes a despeito de tudo isso. Daí o tédio e a insatisfação que, em curta derrapada, vai até o vício e a droga, os quais são inseridos em nossas vidas em busca da "tal" felicidade. E nada de encontrar nesses caminhos a prometida felicidade. Por que? Silenciosamente indaga-se frustrado. O tédio aumenta com o passar do tempo e com o maior número de coisas adquiridas e/ou desejadas. Então, o homem pensa que o defeito está nele, porque tendo aprendido como agir para ser feliz, comportando-se como aprendeu e não conseguindo esse intento, logicamente ele é que está errado, ele é que tem em si um problema qualquer. Vai ao analista ou vai ao bar, ou, ainda se entrega às amantes e, mesmo assim, não é feliz. Não se entende e não é entendido. Por que?

Afinal, ele agiu como fora ensinado e não conseguira a felicidade. Como é que esse pobre diabo, condicionado desde a infância de que esse seria o modo correto de se conduzir para encontrar a felicidade, vai saber que não é assim? Nunca perceberá sozinho; com isso se desperdiçou uma oportunidade de vida e de aprimoramento. O supérfluo é tomado como necessário e é aceito sem maiores análises. O tempo todo, aprendemos que devemos nos vergar ante a imposição de ter ou usar o supérfluo. Em decorrência deste fato, há outro, tão ou mais grave do que o primeiro: é que as pessoas não só se contentam em possuir ou usar – eles têm que MOSTRAR que possuem ou que usam tais coisas. O referido "melhor" que a opinião de terceiro classificou como tal objetivando lucro e fama. A situação chegou a ponto que as *etiquetas* famosas e as *assinaturas* importantes são colocadas do lado de fora do vestuário. "Fulano

usava um beltrano em marrom". É assim que se lê nas colunas sociais e que se comenta.

As pessoas perderam o prazer de ter, por exemplo, uma obra de arte para o seu próprio prazer e admiração. Elas precisam também da aprovação do próximo. Não da aprovação da obra em si, mas da constatação da sua riqueza em possuí-la, da sua coragem e do seu desprendimento em pagar tão alto preço por aquela peça, por um automóvel, por uma casa, ou seja lá o que for. É preciso mostrar. E assim se chegou ao cúmulo, pois se não se fizer assim, não adianta possuir nada.

Não se vai mais a um restaurante por seus pratos, mas sim, e principalmente, porque é chique estar ou comer em tal lugar. E comentam, justificando: "todo mundo vai lá". Viaja-se, porém, não mais pelo prazer de fazê-lo, pois a grande maioria, que viaja em pequenos grupos ou excursões, é "obrigada" a ir, ou não poderá acompanhar o "papo" dos que já foram a tais lugares. É quando o supérfluo ganha uma enfatização e uma conotação de incrível estupidez.

Há uma coisa que ocorre relacionada a esses mesmos fatos, em todos os ramos das atividades humanas. Há sempre os mais espertos, que ficam de tocaia, à espera de uma oportunidade de "vender" o supérfluo tão almejado. São especialistas na ocasião apropriada de criar, seja a *boite* da moda, seja o pintor da atualidade, se analisarmos sem envolvimento, veremos que, mesmo estas pessoas espertas, não conseguem escapar do "monstro" do supérfluo, que também as torna seus escravos em outros setores de sua própria vida. São, ao mesmo tempo, algozes e escravos do mesmo efeito. É incrível, mas isso é uma constante no comportamento social do homem moderno.

Estava um tanto surpreso com as conclusões a que chegara e pensava comigo mesmo: como foi que tudo isso começou? Por que o homem assim age?

E minhas conjecturas continuaram. Lembrei-me que desde o primitivismo o comportamento humano apresentava uma tendência para essa linha de conduta: o homem primitivo saía para caçar, porque precisava comer e vestir-se. Para conseguir seu intento, tinha que se afastar muito de sua caverna, onde os filhos e a mulher ficavam esperando. Para que os outros, seus iguais, soubessem que ele era grande caçador, forte e bravo, o respeitassem, adornava a si e a sua mulher, com os dentes dos animais que conseguia abater. Quando mais ou maiores esses dentes, mais

forte ele seria julgado. Era o seu distintivo. Visualmente, demonstrava aos demais o quanto era forte. Sua mulher, através de colares e "penduricalhos", também demonstrava pertencer a homem forte e bravo.

A linha de conduta seguiu essa direção, pois as coisas não mudaram muito. Hoje, as jóias têm ainda o mesmo significado. O grande industrial ou o famoso artista presenteia a esposa com um enorme brilhante que será ostentado com a finalidade de mostrar o quanto ela é rica e quão poderoso é o seu marido.

Hoje, os homens não saem mais para caçar animais que lhes propiciem alimento e vestuário, porém saem diariamente para a sua selva – o seu escritório – para fazer o mesmo que seus irmãos primitivos: conseguir a subsistência.

Inicialmente, o comportamento do homem era meritório, e até necessário. Mais tarde, por segurança, começou o homem também a acumular, com vistas ao dia em que não pudesse mais caçar ou trabalhar, fosse em razão do inverno, da velhice ou de qualquer outro fator. Até aí, procedimento aceitável. Mas daí em diante a linha sutil que divida o que realmente seria o necessário do que seria supérfluo foi ampliada, tanto que nunca mais essa linha recuou; ao contrário, foi-se distanciando cada vez mais, para sempre aumentar a conquista do supérfluo pelo homem que, tolamente, se deixou levar por essa grande fraude. Essa imaginada e almejada conquista é impossível, é um caminho interminável, e ele seria muito bem representado pelo "saco sem fundos" onde se pode colocar de tudo, sem que nunca consigamos enchê-lo.

Pensando em profundidade, deduziremos que deve haver um "porque" para esse comportamento. E se há uma razão, deve exisitr uma explicação. Se a entendermos e se quisermos, estaremos aptos a nos livrar dessa roda vida de envolvimento sem-fim que nos causam as coisas do mundo material. O importante é que, com a explicação, saberemos que foi até benéfico esse envolvimento no mundo das coisas, pois, para mim, nada é bom ou ruim, apenas é. A busca de satisfação permanente é produto da fantasia do homem inseguro. A mente apenas poderá ir do conhecido para o conhecido, nunca para o desconhecido. A verdadeira paz perene, o homem há de encontrar quando não mais buscar a satisfação, mas ao contrário procurar o seu silêncio. Encontrando-o, nessa introspecção, liga-se ao espírito e à sua real posição como ser. A partir desta conquista, experimen-

tará a verdadeira satisfação. Tranqüilo, encontrará o seu norte, o que fazer com a dádiva da sua vida. Quando chegava a esse ponto do meu raciocínio, fui despertando para outra palavra, tão importante quanto as que me foram propostas, senão a mais importante: a palavra *personalidade*. A personalidade do homem! Palavra que ele tanto preza, como se ela efetivamente mostrasse o que ele é.

Pobre homem fraudado, pensei então, por que a perspectiva que, de repente, se abria para mim era bem diferente da que se coloca o homem face a esse fato?

A personalidade, linda palavra da qual o homem tanto se envaidece, é simplesmente o resultado de tudo que ele, comumente, se supõe que seja. A personalidade não é o que o homem realmente é, mas o que lhe mostraram e ensinaram que fosse.

Dentro desse raciocínio, pensava eu que o homem, ao nascer, seria como um bloco de mármore virgem. O qual cada vez que lhe chegasem informações de qualquer tipo ou natureza, seria como que a ação de um cinzel sobre o mármore virgem, modelando-o. Com o passar dos anos, avolumando-se o número de ensinamentos e de informações que chegaram até ele, com a sua inteligência, para triar novas informações, o homem consegue deixar passar as informações que lhe interessam diretamente. Nessa triagem, impõe o seu jeito de ser, que nada mais é do que o produto das informações anteriores, que o marcaram e o moldaram. Resulta que o homem não consegue receber as informações "puras", pois elas são canalizadas de acordo com os seus sulcos, já moldados. Esse mesmo sistema atinge também aquele que transmite as informações, ocorrendo, então, esse mesmo fenômeno, pois, ao se manifestar, o homem o faz "de acordo" com suas veladas intenções e automaticamente.

Assim, teremos o seguinte quadro: a transmissão é tendenciosa e o recebimento é triado. O homem adulto, portanto, tem uma personalidade que retrata as experiências anteriores, daí os seus anseios, desejos, medos e metas. A criança, que se expõe aos ataques de informações, como os da propaganda ou dos ensinamentos dos adultos que, por sua vez, foram também assim formados com a insaciável necessidade de possuir e desejar; a criança, pensava eu, cresce e se torna um homem estereotipado, ávido de possuir. Ora, então, onde ficou a essência do homem? Deixou de ser o mármore, passou a ser apenas a estátua.

Ficou coberta, calcada inteiramente pela personalidade. O

homem, na realidade, não é aquilo que mostra ser. Aquilo que ele parece ser nada mais é que o produto de informações ou comandos distorcidos. Ele realmente já não se conhece, nem tem idéias próprias. Não sabe como realmente é, em sua essência. Somente se conhece na periferia, na casca que lhe foi dada, agregada aos poucos. Esse perdido homem, caso acorde para isso, só o faz porque tem ainda algum contacto interior com a essência. A partir daí, seguirá à procura desse interior e em busca de sua essência.

Na verdade, ele precisou percorrer esse caminho todo, para chegar ao novo raciocínio. Isto porque nós homens, só sabemos aprender, sentir, ver, falar a respeito de explicar e conhecer coisas novas. Enfim, todo o nosso raciocínio está acostumado a essa relação. Não seríamos capazes de explicar sem comparar, sem referir. A relação é o nosso veículo natural para o entendimento. Daí a necessidade de termos que percorrer o caminho da essência até a formação da personalidade, para podermos "enxergar" o que somos o que fomos, a fim de tentarmos o grande regresso em direção à essência, escondida dentro de nossa casca. É a referência, a relação. Por isso mesmo é que não conquistaremos a felicidade pelo caminho da materialidade, da posse, dos desejos mundanos, pois esse caminho é falso. O verdadeiro, aquele que nos toca realmente, ficou esquecido, perdido.

Se assim concluímos, já nos mostra um bom sinal, é porque temos a relatividade de um e de outro. Então, ainda é tempo, pois sabemos como chegar de volta à nossa essência, que estamos "vendo", e aquêle que conseguir *ver* o caminho, não conseguirá mais esquecê-lo. Em lugar da conquista efêmera das coisas materiais, será este, o real motivo da sua vida, trilhar o caminho.

Uma vez que o homem sinta isso, não estará salvo. Na verdade, estará apenas na posse de um segredo, pois pode ocorrer, ainda, que a preguiça o envolva e o deixe ficar parado, no meio do caminho, com a visão, sim, mas sem o esforço necessário, o que seria pior, porque as pessoas que param nessa posição, geralmente adoecem fisicamente, irremediavelmente. Falta-lhes o esforço, e se lhes falta o esforço, falta-lhes a vida; através do esforço temos a única possibilidade de viver. Estar se esforçando é estar vivendo. O contrário do esforço é o dormir eterno em que está mergulhado o homem. Os acontecimentos são o seu destino e seu automatismo lhe dá a impressão, até de que está "vivo".

Na verdade, porém, o homem está morto, em meio a um devaneio de acontecimentos, dos quais ele não tem domínio, apenas participa (caso se pudesse chamar de participação o comportamento de um barco sem leme no meio das águas).

A interpretação mística das escrituras não foge desse raciocínio, pois é assim que se refere a passagem "deixa que os mortos enterrem seus mortos" ou várias outras, que se referem a "renascimento", "morrer para nascer" . . . mas é preciso que se diga que todo o renascimento é doloroso.

Por isso, nesse conflito, o esforço se faz necessário. O abandono da luta pela conquista das coisas e das posições é possível àqueles que "viram" o que realmente importa. Deixar o gozo do mundo efêmero, da fantasia, das posses e dos prazeres, é, inicialmente, ininteligível. Depois que se torna aceitável e compreendido, é preciso o esforço da renúncia consciente.

O corpo representa a preguiça, pois, acostumado aos desejos, ao conforto, à posse, à fama e ao poder, consistirá em um enorme obstáculo, que somente será demovido com muita coragem e boa voantade e, sobretudo, com muito esforço. Entretanto, o prêmio será real e palpável, mesmo em vida, para aquele que conseguir vencer a preguiça.

A verdadeira alegria é conhecida pelos que conseguiram regressar à sua essência: o retorno ao eu verdadeiro, tão propalado e tão inexplicado.

É preciso ressalvar que os objetos, as coisas, enfim, são neutros. Não há mal nenhum em uma cédula de dinheiro de qualquer valor.

O homem é, na Terra, a única criatura dotada de livre-arbítrio, a única que pode praticar o bem e o mal. Assim, o importante é o uso que se dá às coisas, isto é, o bom uso de todas as coisas.

Ao homem foi recomendado nas escrituras: "Granjeai-vos amigos com as riquezas da iniqüidade" que usam o dinheiro, objeto neutro, com bondade, com a intenção e o efeito de praticar o bem. A invisível linha divisória será de possuir sem ser possuído. E após, neste caso, tanto pode ser entendida como daquele que a possui, como daquele que erra mesmo não possuindo. É a posse a ser praticada através da inveja, sem o menor respeito. Saber conduzir-se, com relação à posse é que se torna importante. Não é necessária a recusa do asceta, para se estar de acordo com os ditames do seu Eu verdadeiro, mas também

não é se abandonando que encontrará a felicidade. O usar conscientemente, simplesmente, o usar parcimoniosamente, é o que se recomenda e o que nos trará o autocontentamento e a possibilidade da felicidade.

Em decorrência dessas idéias, veio-me a lembrança dos meus companheiros que estavam na Terra. Que bom tê-los tido como companheiros! Eram as minhas poucas jóias, porque tinha muito orgulho em "possuí-los" e "mostrá-los". Essa fora minha maior conquista na Terra. Ser igual a eles foi u'a meta e ser admitido como um igual foi um prêmio. Não estamos prontos, é verdade, mas tínhamos identificado uma coisa grandiosa: o mesmo propósito.

Incrivelmente, essas jóias tão valiosas não podiam ser mostradas, porque apenas podem ser vistas pelos que são "iguais". Daí o orgulho em possuí-las, pois na constatação da posse dessas jóias estava a certeza de que também tinha conseguido me tornar um deles. Desviando o rumo de meus pensamentos, lembrei-me da empreitada de que fora incumbido por Zumiar. Grave comunicado, enorme missão que me confiaram! Como fora o escolhido? Uma ponta de vaidade e de orgulho em mim, assim pensei. Depois, revoltado com a pequenez de meu raciocínio egoísta, voltei ao princípio da linha de idéias para a defesa que eu deveria elaborar para o projeto *Juízo Final.*

Interrompi o fluxo desses raciocínios e conjecturei: havia demasiada pressão sobre meus ombros. Lembrava-me que Zumiar havia dito que eu teria que defender e justificar o comportamento do homem e isso me parecia, a princípio, uma tarefa tão absurda e pesada quanto um trabalho de Hércules. Lembrei-me de ter lido, a respeito disso, algumas palavras de Krishnamurti dirigidas aos homens: "Detenham-se", "Compreendam o que são", "Compreendam o que fazem". Como é que eu poderia? Desalentava-me só à lembrança dos números que eu vira se movimentando, lá no salão. Números dramáticos de uma estatística de comprovação do absurdo, números reais e frios. Espelhando com realidade a análise do comportamento do homem.

Estava realmente desanimado e parecia-me impossível transformar aqueles números em resultados satisfatórios. Era preciso lembrar-me de atividades meritórias e racionais, que expressassem números favoráveis, resultados positivos para meus irmãos humanos. Passei a escrever o meu relatório, atualizando-

o; fui dormir, na expectativa de escrever suas palavras finais, quando acordasse, para entregá-lo a "eles".

Deitei-me e dormi pesadamente. Tive muitos sonhos complicados. Acordei fisicamente cansado e com uma enorme vontade de que, afinal, tudo aquilo não fosse realidade. Pensava que talvez estivesse dormindo e tudo não passasse de um sonho. Gostei da confusão que eu mesmo criara, pois ela me dava a esperança de realmente estar sonhando e em breve acordava para a vida que eu tachava de normal. Foi quando me sentei e escrevi as palavras que julgava serem as últimas deste relatório.

Sinto-me pequeno demais. Não consigo "ver-me" capaz de enfrentar a realidade daqueles números que demonstram tão claramente o resultado do esforço dos meus semelhantes em prol de sua própria destruição. Afinal, ficará bem claro o que o filósofo dissera com tanta propriedade: "O homem tem duas preocupações básicas – aprimorar os meios de prolongar sua própria vida e aprimorar os meios de destruir a vida do próximo". Que crueza de síntese do procedimento de uma raça por todo o tempo em que ela viveu.

Voltei-me para a realidade, para a minha meta. Os fatos, os relatórios, pensei novamente, estavam lá, para serem vistos e analisados. Eu não poderia torcê-los. Então ocorreu-me uma saída, pela tangente: se eu fosse para a reunião, com o intuito de concordar, pela conclusão de que realmente estávamos nos prejudicando uns aos outros em uma vida extremamente egoísta e desequilibrada; que aceitava plenamente a informação de que com esse comportamento estávamos contribuindo para a perturbação geral dos outros planetas e outros povos do Cosmos, mas . . . sim, aí entraria o meu argumento para contrabalançar . . . que nós temos instituições e pessoas que trabalham em prol do seu próximo, e o fazem desinteressadamente de qualquer forma de pagamento, a não ser o do benefício que poderiam auferir após a morte, nada materialista, portanto. Sendo assim, merecemos a oportunidade de poder prosseguir e, com isso, em maior número chegarmos a possuir a "alma" e sermos incluídos no rol dos que poderão seguir em busca do eterno. Pois aquele que conseguir sua alma, será eterno no espírito ainda que o seu corpo desapareça.

Saibam vocês aí da Terra, caros amigos, que estou disposto a pedir; não clemência, mas uma oportunidade mais. Acho que não será muito. Se apenas pleitear que nos concedam

um prazo, por pequeno que seja, será ainda uma chance. É isso que farei, creio que conseguirei êxito. Entretanto, uma coisa é certa: não poderei avisá-los sobre o desfecho da próxima reunião, pois devo entregar agora este relatório, que está chegando ao fim.

Compreendo que devo terminar rapidamente e já me comprometi a entregá-lo, para que lhes seja enviado em seguida. Não sei se já se passaram os trinta dias, mas recebi instruções para terminar e provavelmente não terei permissão para escrever-lhes novamente. Estas, portanto, poderão ser as últimas palavras do único relato que lhes poderei enviar. Espero lhes seja útil. Considero de muita importância tudo o que aqui vai escrito. Faço votos sinceros para que as informações e advertências, aqui contidas, venham beneficiar a vocês e a quem delas tomar conhecimento.

Pedirei a *eles* um prazo qualquer. Estou disposto a negociar, seja ele qual for. Mesmo que seja de apenas um ano. Vocês conhecem agora o risco que correm, procedendo com o mesmo egoístico comportamento que vimos adotando num crescendo, desde o nascimento do primeiro homem. Não quero dizer que pretendo estejamos a salvo da justiça que *eles* farão cair como uma espada, sobre toda a Terra. Tampouco direi que tenha escapado de ser exterminado junto com vocês, pois me submeterei, sem medo, ao crivo dessa justiça; se isto acontecer. Agora aqui, eu próprio não tenho a certeza de estar vivo. Não sei se vivo ou se já morri. Mas agora se trata da morte total, ou seja: a morte do espírito. Engraçado, é como há pouco, quando não sabia se estava acordado, ou se sonhava que me encontrava aqui.

Será que já morri? Será que aqueles que vi, lá na fazenda, também estarão todos mortos, na Terra? Resta-nos o espírito e isto é o principal. Viver, morrer, na verdade, nada disso importa, porque um corpo é um corpo, apenas um corpo. Se já morremos fisicamente, fica a certeza de que somos algo além do corpo. Afinal, esse seria o prêmio que esperamos pelos nossos esforços. Atentos pois, é chegado o momento em que sereis julgados.

Amigos, despeço-me de vocês aí da Terra. Somente sinto saudades de vocês, que foram meus verdadeiros companheiros, a quem admirei e admiro ainda mais neste momento. Principalmente, porque fundamentarei meus argumentos, para a conquista de novo prazo, mostrando-lhes que ainda há na Terra

pessoas com boas possibilidades, que pensam e agem como vocês.

Arrazoarei, dessa forma, que não estamos inteiramente perdidos em nosso egoísmo e merecemos a oportunidade que nos possibilite *acordar* de vez para o verdadeiro propósito de nossas existências.

junho de 1977

Ei-lo que se aproxima, o grande dia do Senhor! Ele se aproxima rapidamente, tão terrível é o ruído que faz o dia do Senhor!

O mais forte soltará gritos amargos nesse dia. Esse dia será um dia de ira, dia de angústia, dia de trevas e escuridão, dia de nuvens e névoas espessas, dia de trombeta e de alarme . . .

Mergulharei os homens na aflição e eles andarão como cegos porque pecaram contra o Senhor. Seu sangue será derramado como pó e suas entranhas como lixo. Nem a prata nem o ouro poderão salvá-los no dia do Senhor. Toda a terra será devorada pelo fogo de seu zelo porque Ele aniquilará de repente toda a população da Terra.

(Sofonias 1.14)

Profecias – Antigo Testamento

PÓS-FÁCIO

O autor se acha no dever de declarar que as idéias aqui colocadas, hoje, são, na sua maioria, modificadas; por ter posteriormente colhido, no livro *A Mensagem — Na Luz da Verdade* – de Abdurschim, a simples, clara e natural Verdade.

A afirmação que faço é porque a Verdade é irretorquível, e, quando a tocamos, temos plena consciência dessa constatação e a ela então nos unimos, integralmente.

FINAL DOS TEMPOS
PROJETO TERRA

09/91
R

FINAL DOS TEMPOS
PROJETO TERRA